Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR A. RUELLA RAMOS

DOMINGO, 22 DE OUTUBRO DE 1972 N.º 17900 - ANO 52.º - PREÇO 1$50

SCOPELLI

50 anos de futebol contra o Benfica

Entrevista na pág. 23

"AMOR E MULHERES NÃO SÃO TEMAS PARA MIM"

PACO BANDEIRA

EM MESA REDONDA

RESTAURO: ARTE VIVA EM PORTUGAL

Pág. 14 e 15

HOJE: 32 PÁGINAS

ESTE HOMEM QUER SALVAR A ITÁLIA

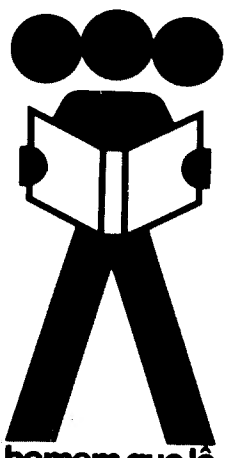
O presidente do Senado italiano, Fanfani, está inquieto. Não deixa transpirar muitos dos seus planos, mas sabe-se que por detrás do pintor que inaugura uma nova exposição em Roma, há um político ameaçando o congresso democrato-cristão com uma corrente aguerrida. **E entretanto, os seus opositores insinuam: «Os italianos não têm necessidade de salvadores!» (Pág. 5).**

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA"

AUMENTAM AS INSCRIÇÕES

O facto de a nossa iniciativa já estar lançada ou, melhor, de já estar a decorrer o período durante o qual os participantes têm de coleccionar os cabeçalhos dos jornais publicados, não obriga os que ainda se não inscreveram como «Leitores do Diário de Lisboa» a «ficarem de fora». Como já tivemos ocasião de dizer, todos os leitores que o queiram podem adquirir na nossa administração os exemplares de que necessitarem para completar as suas colecções e todos estão, portanto, a tempo de participar em «Homem que lê vale por três».

Como é sabido, há mil prémios instituidos para estar iniciativa que tanto interesse eatá a despertar e todos esses prémios são constituidos por valiosíssimos livros de reconhecido interesse cultural e recreativo. O facto de colaborarem em «Homem que lê vale por três» alguns dos mais conceituados editores portugueses é uma garantia da qualidade dos livros escolhidos para figurarem nas listas, como todos, aliás, têm tido ocasião de verificar pelas que temos publicado.



O facto de continuarmos a receber diàriamente centenas de cartas de apoio revela-nos que a iniciativa veio ao encontro dos desejos de todos e é bem possível, por isso, que estas palavras sejam inuteis, até porque as inscrições que diàriamente recebemos revelam não ser necessário chamar

Continua na pag. 2

FOTOS SECRETAS: OS MINI-GUERRILHEIROS DA JORDÂNIA

DL/GERAL

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA"

AUMENTAM AS INSCRIÇÕES

O ENVIO DO SELO

Quem pretenda que lhe enviemos pelo correio o cartão de Identidade de Leitor do «Diário de Lisboa» deverá juntar ao seu cupão um selo de correio de 1$00.

Continuação da pág. 1

a atenção dos leitores para uma iniciativa tão popular como esta.

Comtam-se, já, pelas dezenas de milhares os leitores que se inscreveram como «Leitores do Diário de Lisboa» e, a continuar o interesse a manifestar-se em inscrições ao ritmo actual, dentro de pouco tempo teremos atingido um número de «Leitores do Diário de Lisboa» que seria impossível prever quando se concebeu «Homem que lê vale por três».

Colaboram, como é sabido, nesta iniciativa, os seguintes editores: Livraria Sá da Costa, Livraria Bertrand, Prelo Editora, Editorial Estampa, Editorial Arcádia, Parceria António Maria Pereira, Livros Horizonte, Lello Irmão, Moraes Editores, Editorial Inova, Atica Editora, Editorial Presença, Publicações D. Quixote, Livros do Brasil, Publicações Europa-América, Livraria Civilização, Estudios Cor e Editorial Minerva.

Os livros por outro lado, escolhidos para figurarem nas listas, são alguns dos mais apreciados que estas editoriais publicaram nos últimos anos e delas fazem parte além de obras completas de muitos autores, obras valiosíssimas que levariam muito tempo a coleccionar mesmo a quem dispusesse de recursos para o fazer, o que não acontece a toda a gente. São tantos os livros importantes que figuram nas listas de prémios que julgamos absurdo mencionar este ou aquele mas, apesar disso, queremos lembrar que das listas fazem parte, entre outras, as «Obras Completas de Gil Vicente» e a «História de Portugal» (Livraria Civilização); a «História da Filosofia Ocidental «(Moraes Editores); numerosos volumes da colecção «O mundo em que vivemos» (Estúdios Cor); As obras de Jorge Amado (Publicações Europa-América); as obras de Júlio Dinis, Almeida Garrett, Bocage e Padre Antonio Vieira (Lello e Irmão); «Memórias de Alegria» (Editorial Inova); volumes das colecções Horizonte», «Biblioteca do Educador Familiar» e «Razão e diálogo» dos Livros Horizonte; romances contemporâneos e o «Dicionário Filosóti-co» Editorial Estampa) importantíssimos volumes da apreciadíssima colecção Clássicos Sá da Costa e colecções completas da Enciclopédia Focus (Livraria Sá da Costa); romances de Camilo Castelo Branco e obras de Wenceslau de Morais (Parceria António Maria Pereira), romances modernos e livros policiais (Editorial Minerva); As Obras de Eça de Queiroz (Livros do Brasil); conjuntos encadernados de obras de Miguel Angel Asturias (Publicações D. Quixote); as obras completas de Dostoievski e de Tolstoi (Editora Arcadia), as obras completas de Fernando Pessoa, Mário de Sá Carneiro e Sebastião da Gama (Atica Editora); a História da Filosofia de Nicola Abagnano (Editorial Presença); romances contemp o râneos e estudos (Prelo) e, por último, as obras completas de Bocage e numerosos volumes da conceituada «Colecção Autores Portugueses» da Livraria Bertrand.

Resumindo: livros de grande interesse para todos, a que todos ainda se podem habilitar inscrevendo-se — referimo-nos, evidentemente, aos retardatários — como «Leitores do Diário de Lisboa.»

ASSINATURAS PARA A INICIATIVA

Aceitam-se desde já asssinaturas pelo período da iniciativa que garantem aos interessados os exemplares pretendidos, ao preço de:

45 dias — 67$50

ASSINATURAS NORMAIS

3 meses — 130$00
6 meses — 250$00
12 meses — 485$00

Pagamento adiantado, em vale de correio cheque ou selos.

Máquina de lavar roupa automática

Você própria pode escolher a temperatura, o nível de água e o processo de lavagem. Com tudo isto perde apenas uns segundos. O resto é com a máquina: o desenvolvimento do programa é totalmente automático.

Miele

AGENTE OFICIAL:
A. OLIVEIRA
AV. ALMIRANTE REIS, 91 - A
Telef. 538323 - 536308 - 530838 ★ LISBOA

ATENÇÃO: O QUE TEM DE FAZER PARA SE HABILITAR AOS PRÉMIOS INSTITUÍDOS

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA"
3.ª FASE

NOME: _____

MORADA: _____

LOCALIDADE: _____ TEL: _____

PROFISSÃO: _____

Os leitores já inscritos que tenham mudado de residência, para concorrerem a esta 3.ª fase, têm obrigatòriamente de renovar a sua inscrição preenchendo este cupão e indicando que ele se destina a substituir o anterior. Para o fazerem basta-lhes indicar a sua morada antiga na linha que segue

_____

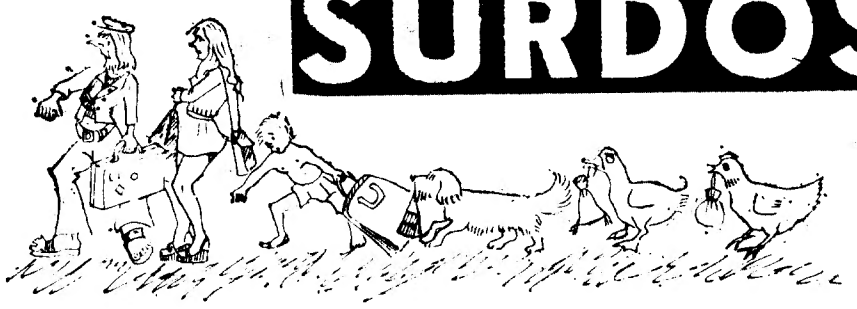
Os Leitores que ainda não estejam inscritos preenchem sòmente a parte de cima

1.º) Se já se inscreveu como «Leitor do Diário de Lisboa» no decorrer de qualquer das iniciativas que este jornal dedicou aos seus leitores, não precisa de fazer mais nada e não deve preencher este cupão, porque já é «Leitor do Diário de Lisboa» e já está, portanto, habilitado aos prémios instituídos para a nova iniciativa, mesmo que tenha perdido o seu «Bilhete de Identidade», desde que, a verificar-se a hipótese de ser premiado, tenha em seu poder uma colecção dos cabeçalhos dos jornais que sairem durante o período de duração da iniciativa.

2.º) Se já se inscreveu como «Leitor do Diário de Lisboa» no decorrer duma das iniciativas anteriores, mas mudou de residência desde a sua inscrição, deve preencher novamente este cupão 'indicando no mesmo, a sua antiga morada, para que possamos substituir a sua antiga ficha por uma nova.

3.º) Se nunca se inscreveu como «Leitor do Diário de Lisboa» e deseja aproveitar esta oportunidade para o fazer, deve preencher este cupão, recortá-lo e enviá-lo, juntamente com um selo de 1$00, a «Homem que lê vale por três», Serviços Administrativos do Diário de Lisboa, Rua Castilho, 185-1.º, Lisboa. O selo de 1$00 será usado pela organização da iniciativa para lhe enviar o seu «Bilhete de Identidade de leitor do Diário de Lisboa».

SURDOS



CASA SONOTONE

Acabaram as férias! Todos regressámos a casa, alguns mais cansados do que quando partiram! É agora a altura de tratar dos seus ouvidos. O 1.º caminho a seguir é ir ao médico da especialidade, e depois de ser indicado o uso de um aparelho de prótese, nós estamos prontos para os servir bem, mostrando-lhe as últimas novidades para correcção da surdez. Os exames são gratuitos. Prestamos assistência técnica a todos os aparelhos, sejam ou não vendidos por nós, de quaisquer marcas ou casas. Vendemos pilhas de todas as voltagens, mercúrio e carvão.

LARINGE ELECTRÓNICA, para os que não podem falar.
Ficamos muito reconhecidos pela vossa visita, em
Lisboa, Poço do Borratem, 33, s/l. Telf. 868352
Porto, Praça da Batalha, 92-1.º Telf. 02-35602
Luanda, R. António Enes, 42-2.º. Apartamento 26

DL/DOMINICAL

EM CINEMA
A ITÁLIA DOS ANOS VINTE

— **O ACTOR Nino Manfredi no papel de Gino Girolimoni. A seu lado Lisa Leonardi. O filme de Damiani é, também, uma devassa sobre os primeiros anos do período mussoliniano**

O caso Girolimoni sacudiu a preguiçosa vida italiana nos primeiros meses de 1927. O fascismo havia-se instalado no poder há cerca de dois anos, escolhendo o módulo autoritário, copiado das teorias da «Action Française», depois do assassínio do deputado socialista Giacomo Matteotti. Com o discurso de 3 de Janeiro de 1925, Mussolini tinha despertado de uma longa apatia em que o haviam lançado o ódio e o escárnio dos seus adversários. Estes tinham dirigido contra ele, através dos seus jornais (que eram os melhores do país, desde o **Corriere della Sera** ao **Il Mondo**), a «questão moral», sustentando que um homem político que era designado por muitos como o mandante de um assassínio não podia conservar o lugar de Presidente do Conselho. Oradores eficazes, jornalistas de primeira ordem, os adversários do «duce» retiraram-se para Aventino, isto é, abandonaram a Câmara e o Senado.

Vitorio Emanuele III, que era legalista obstinado, não teve a necessária coragem para exonerar Mussolini, o qual, como se disse, incitado pelos «rás» mais isentos de preconceitos como Farinacci, Giunta, Balbo, acabou por se reforçar e abolir as garantias de civilização democrática: liberdade de imprensa, de reunião, de greve e de propaganda.

Gino Girolimoni era um jovem de espírito medíocre e de agradável aspecto. Tinha escolhido uma profissão que se lhe adaptava à perfeição: era procurador de negócios. Hábil, bem informado, insinuante, Girolimoni abordava as vítimas de acidentes de automóvel, de negócios que corriam mal, de furtos com arrombamento e arranjava-lhes advogados. Parece que ganhava entre as duas mil e as três mil libras por mês, valor notável para a época. Possuía um **Peugeot** de cor verde que se revelava um óptimo mansageiro de amor. O mal foi que a população de Roma, nada entusiasmada pelos fascistas, mas afeiçoado ao noticiário dos crimes, há meses que se sentia bastante atingida pela morte horrenda de algumas rapariguinhas, raptadas, violentadas e, depois, estranguladas por um sádico.

UMA ZOMBARIA

Um dos **slogans** do ditador tinha sido o regresso à ordem, entendendo-se como ordem a ausência das discussões políticas, das greves, e o facto dos combóios circularem dentro dos horários. Mussolini afirmava: «**Tudo no Estado, nada contra o Estado nem fora do Estado**». Era — necessário se tornava admitir — uma zombaria bastante singular que um desconhecido, evidentemente de cabeça um tanto desconjuntada, estivesse em posição de suprimir, de modo horrendo, jovens raparigas sem que a polícia conseguisse deitar-lhe a mão.

Ainda não completamente amordaçados, os jornais estavam cheios de brados, de perguntas furiosas, de censuras ao executivo. Mussolini estava fora de si. Chamou o chefe da polícia e incumbiu-o de encontrar ràpidamente o culpado. Foram lançadas sobre cada pista centenas de polícias, de agentes e de especialistas, prometeu-se prémio duplo aos informadores. Solitário, femeeiro, com uma profissão bastante curiosa, Gino Girolimoni é indicado à polícia por uma rapariga de treze anos, que asseverava ter o jovem procurado induzi-la a subir para o seu automóvel o seu **Peugeot**.

O objecto da corte de Girolimoni era, como dizem as crónicas do tempo, «de aspecto robusto», o que, se não desculpa o galanteador, torna os seus propósitos menos «criminosos». O pobre homem foi preso, pois, no dia 2 de Maio de 1927 e libertado dez meses depois. Os indícios eram mistificadores, as provas fictícias. Sòmente um dos comissários que se ocuparam do caso teve a audácia de defender o infortunado.

Saído da prisão de Regina Coeli, Girolimoni não se recompôs. A provação tinha sido mais forte do que a sua capacidade de a suportar. Os polícias implicados no «affaire» fizeram a injustiça de não se quererem retratar. Parece que lhe deram uma certa quantia, mas o que teria podido sanar a situação, isto é, uma pura e simples confissão de erro, nunca foi feita. O pobre homem resvalou cada vez mais. Não conseguiu encontrar novos clientes tanto a fama sinistra de seviciador de raparigas continuava a acompanhá-lo. Desiste do seu antigo mister, que sabia fazer tão bem, para se dedicar ao de sapateiro remendão. Vivia miseràvelmente até que a morte o colheu após trinta e quatro anos de sofrimentos e de humilhações. Exitnguiu-se, de facto, a 19 de Novembro de 1961.

Mas quem era o autêntico «monstro»? Foi descoberto em Capri quase por acaso. Era um pastor protestante, adido à igreja anglicana de Roma. Chamava-se Ralph Lionel Brydges; foi apanhado em flagrante pelo inspector Giuseppe Dosi. Embora cercado por alguns agen-

lhas daquele catálogo tinham sido encontradas junto ao corpinho da última vítima.

Mas não foi possível fazer regressar o assassíno de Inglaterra. Veio a morrer em Toronto, no Canadá, por doença. Parece que também além Atlântico tivesse dado lugar a suspeitas por acções infames.

O FILME

O patético caso de Gino Girolimoni foi escolhido por Damiano Damiani como óptico pretexto para nos restituir a Itália dos primeiros anos mussolianos. Para representar o papel de «duce», Damiani não tes, o sádico não queria abandonar a sua pequena presa. Foi agredido a murro e imobilizado. Deveriam certamente ter-se movimentado as chancelarias. O facto é que o juiz instrutor do tribunal de Nápoles, o reconheceu atacado de demência senil e mandou-o de regresso à pátria. Depois da libertação, o pastor protestante foi reconhecido culpado dos delitos de Roma porque se apurou que Brydges recebia de Inglaterra um catálogo de livros de religião: algumas forecorrerá a um actor profissional: espera encontrar entre a gente alguém que se assemelhe ao Mussolini de 1927, ainda jovem, com um resíduo de cabelos e os dedos cheios de anéis como um tenor. Também sobre o culpado, o director tem dúvidas. Pensa que fosse difícil empresa, para um pastor que não sabia italiano, avizinhar-se das raparigas e persuadi-las a segui-lo para lugares isolados. Poderia também acontecer, acrescenta, que os assassinos fossem vários, dois ou três.

A Damiani interessa sobretudo a revolta, em determinadas circunstâncias e o surgir de um delírio das massas: invocava-se a pena de morte. A gente queria ver o sangue de alguém. Protagonista do «Girolimoni» devia ser, nas intenções de Damiani, Alberto Sordi que, após alguma perplexidade, acabou por recusar. Talvez Sordi não goste de uma história tão negra. Aceitou em seu lugar Nino Manfredi.

O filme está destinado a fazer-nos ver aqueles anos cinzentos. Recordemo-lo, estamos longe do Mussolini das guerras, do Mussolini «oceânico». Nos primeiros anos, o ditador dedicava-se ao saneamento dos pântanos Pontine, à batalha do trigo; mostrava-se de gostosos populistas, deslocava-se para visitar as exposições dos pintores do Novecentos amigos da sua amante Margherita Sarfatti que redigia a crítica de arte no **Popolo d' Itália** e autora de um livro, **Dux**, que ainda se lê com curiosidade. Usava o **fez**, não o capacete de aço; deslocava-se, guiado por ilustres estudiosos, a visitar as ruínas imperiais.

UMA GRANDE INVENÇÃO INGLESA

COM O RELÓGIO NA MÃO
CONTE OS MINUTOS
PARA COMEÇAR JÁ ESTA NOITE
A FALAR
UMA LÍNGUA ESTRANGEIRA

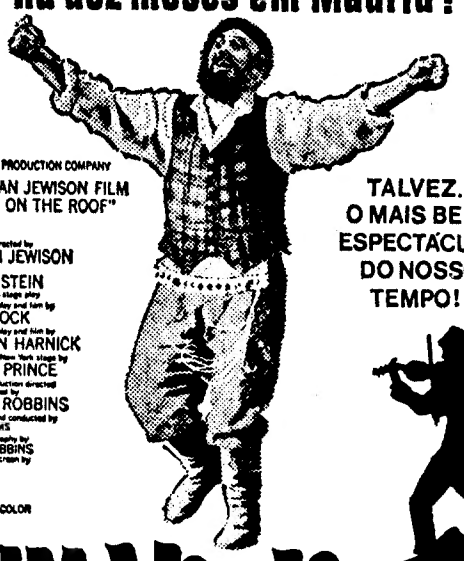
Grátis a partir de amanhã um disco à experiência em Inglês, Francês e Alemão. Não se requer qualquer compromisso para receber esta utilissíma oferta

Cada leitor do nosso jornal poderá fazer, a partir de amanhã, uma experiência grátis, sòzinho, em sua casa: põe a funcionar um disco de 45 rotações, que pode receber imediatamente como oferta sem o mínimo compromisso, e descobre com legítima admiração que, com um novo Método audio-visual instantâneo, começa logo, ele próprio, a falar as línguas estrangeiras sem esforço e sem os aborrecidos e longos estudos gramaticais. Se não existisse esta experiência grátis em Inglês, Francês e Alemão, seria difícil de acreditar. Mas visto que não custa nada e não obriga a nada, vale certamente a pena escrever hoje mesmo para INSTITUTO LINGUAPHONE — VALENTIM DE CARVALHO, CI, SARL. — Rua Nova do Almada, 97 - LISBOA, 2 — juntando 5 escudos em selos, para despesas e indicando o jornal pelo qual tomou conhecimento desta oferta. Receberá imediatamente, o disco com as instruções para a sua utilização e um folheto com todos os pormenores sobre o Curso.

Mas escreva já, porque as gravações e os discos de experiência distribuidos como oferta pelo Instituto Linguaphone nas suas 60 Filiais em todo o mundo, não são òbviamente ilimitados; seria uma pena já estarem esgotados e privar-se assim da oportunidade de aprender ràpidamente uma língua estrangeira com um novíssimo método revolucionário. Eis um conselho para incrementar trabalho, carreira, cultura e lucros: escreva hoje mesmo.

MONUMENTAL
NO ÉCRAN GIGANTE
SOM COM 4 PISTAS MAGNÉTICAS
2.ª FEIRA, DIA 23
ANTE-ESTREIA, ÀS 21.30
A FAVOR DAS ALDEIAS S.O.S.
COM O PATROCÍNIO DO «DIÁRIO DE NOTÍCIAS»
BILHETES À VENDA

há um ano em exibição em Londres!
há dez meses em Madrid!



TALVEZ... O MAIS BELO ESPECTÁCULO DO NOSSO TEMPO!

UM VIOLINO NO TELHADO
(fiddler on the roof)
3 ÓSCARES
8 PRÉMIOS INTERNACIONAIS
United Artists — Grupo C 14 anos

EM DISCO: «UM VIOLINO NO TELHADO» distribuido por RÁDIO TRIUNFO, LDA.

EM LIVRO: «UM VIOLINO NO TELHADO» lançamento da EDITORIAL FUTURA

TEATRO
VASCO SANTANA
Tel. 768609 HOJE Às 21.45
TESTEMUNHO INADMISSÍVEL
DE
JONH OSBORNE
António Montez, Francisco Nicholson, Benjamim Falcão, Catarina Avelar, Ermelinda Duarte, Helena Félix, Ana Paula, Lídia Franco
Grupo D — 18 anos

HIPOTECAS
Fazem-se sobre propriedades urbanas, em Lisboa, Arredores e Provincia, de pequenas e grandes quantias, ao juro da Lei
Transacções rápidas e com o máximo sigilo
A CONFIDENTE
Rua do Ouro, 292, 1. (Esq. c/ o Rossio)
LISBOA — Telef. 369384/5/6

LICENCIADO/A
(EM) MATEMÁTICA

Importante C.ª de Seguros pretende admitir recém-licenciado/a, para futuro actuário/a.

Resposta c/ curriculum completo e fotografia a este jornal ao n.º 650.

VESTIDOS E TÚNICAS

PARA SENHORA
PURA LÃ (CAXEMIRA)
APENAS POR
275$00 e 220$00

PIJAMAS
SENHORA (STRECH) 100$00

CAMISAS NOITE
SENHORA (MOUSSE) 32$50

PIJAMAS CRIANÇA
(FELPA e STRECH) 40$00

PIJAMAS
HOMEM — FLANELA 75$00

E MILHARES DE CALÇAS
PARA SENHORA EM FLANELA/LÃ
AO PREÇO DE 125$00

DL/DOMINICAL

O ZOROASTRISMO NO IRÃO

Yazd, uma pequena cidade à beira do grande deserto Salgado é o último baluarte iraniano da religião que dá pelo nome de zoroastrismo — um culto que em pleno século XX continua a florescer.

A pequena e poeirenta povoação de Yazd, à entrada do grande deserto Salgado é actualmente o último baluarte do zoroastrismo, a antiga religião que considera o fogo como a essência do seu culto e que não permite que os mortos sejam enterrados, incinerados ou simplesmente lançados à água.

Calcula-se que cerca de dez por cento da população de Yazd — uma cidade de 65000 habitantes que dista uns 670 km de Teerão — continua a praticar a antiga religião, a primeira que deu ao homem a possibilidade de escolher entre o bem e o mal. Mas, embora os zoroástricos, que constituem uma minoria no Irão islâmico, sejam agora oficialmente tolerados, depois de terem sofrido no passado várias épocas de perseguições, não se permite ainda aos fiéis de Yazd desfazer-se dos seus mortos de acordo com os ritos tradicionais da sua fé.

Exclusivo A.D.S/DL

Segundo o Avesta — a bíblia do zoroastrismo — os mortos não devem corromper os três elementos sagrados: o fogo, a terra e a água. Assim, durante milhares de anos, os seguidores de Zoroastro abandonaram os seus mortos em colinas e em «torres de silêncio» para serem devorados por abutres e animais selvagens. Em consequência da diminuição do número de zoroástricos, após a conquista árabe da Pérsia no séc. VII da nossa era, poucas dessas torres — designadas por «dakhmés» — chegaram ao Irão dos nossos dias.

PROIBIÇÃO

A poucos quilómetros a oeste do Yazd, porém, já em pleno deserto, existem duas dessas torres, grandes cilindros sem tecto, em pedra cor de terra, com mais de dez metros de altura, no cume de duas colinas elevadas. Os zoroástricos dos arredores costumavam abandonar ali as seus mortos até que deles só ficassem os ossos. Junto às torres encontram-se algumas construções onde ficavam os parentes durante os rituais fúnebres.

Foi em 1965 que o Governo proíbiu este hábito ancestral, invocando razões de ordem sanitária e, com grande pesar dos seus membros ortodoxos, a comunidade viu-se obrigada a construir um cemitério. Os habitantes de Yazd argumentam que, apesar do horrível cheiro das torres que chegava à cidade ser repugnante no Verão, o motivo da proíbição foi por motivos comerciais, mais do que higiénicos, dado que a uns três quilómetros dali, se procedia à construção de um novo motel.

Mesmo hoje, o interior das torres é um lugar estritamente interdito aos infiéis, que podem no entanto espreitar uma delas, sob o olhar vigilante dos guardas de turbante. Atrás de uma das torres, e protegido por uma sólida porta de madeira fechada com uma pesada barra de ferro, e um cadeado enorme, há um recinto na encosta da colina, cujos espessos muros começam a desmoronar-se. Esse recinto, cheio de ossos humanos, caveiras e restos de vestuário putrefacto, servia de depósito quando as torres ficavam cheias.

Oa habitantes de Yazd não zoroástricos insinuam que os membros mais ortodoxos da comunidade desobedecem de vez em quando à proibição e metem sub-repticiamente alguns cadáveres numa das torres. e o pequeno número de campas existentes no vizinho cemitério zoroástrico parece confirmar a versão, negada pelos crentes fiéis do Avesta, e seria mais uma prova de que os costumes antigos são muito difíceis de desarreigar.

O TEMPLO

À parte a proibição de usarem as torres, os zoroástricos de Yazd gozam de plena liberdade religiosa. O seu templo, um bonito edifício de um piso, nos arredores da cidade, na estrada para Kerman (onde também existe uma comunidade zoriástrica, embora menor que a Yazd) é parcialmente financiado pelos parsis de Bombaim, adeptos da mesma religião.

Na sala central do templo, onde só o sacerdote pode entrar, mantem-se aceso o fogo eterno, atrás de uma porta fechada à chave, Os forasteiros que desejem entrar no templo têm que pedir uma licença de admissão ao chefe da comunidade e mesmo assim não podem passar de um recinto murado.

Se bem que as suas origens estejam rodeadas de mistério, crê-se que o zoroastrismo foi iniciado por Zoroastro — forma grega do Zaratustra persa — uns 800 anos antes de Cristo. A doutrina zoroástrica, baseado na antiga religião ariana, considerava o universo como um campo de batalha onde combatiam as forças do Bem e do Mal, e em que o destino do homem depois da morte dependia da meneira como se tivesse comportado em vida.

Segundo o Avesta, o homem atingirá a Glória se as suas boas acções nesta vida superarem as suas más acções, o inferno se as suas más acções predominarem, ou o purgatório se estiverem equilibradas.

EMPRESA DE VIAÇÃO ALGARVE, LDA.

CARREIRA ENTRE
LISBOA - FARO

LINHA LISBOA-ALENTEJO-ALGARVE

A EVA informa que a actual carreira diária entre **CACILHAS-FARO**, é substituída a partir de 2 de Novembro de 1972, pela carreira **LISBOA-FARO**, com início e chegada à PRAÇA DE ESPANHA.

Por este motivo a paragem em Cacilhas é anulada, sendo substituída por paragem na COVA DA PIEDADE (Largo 5 de Outubro).

HORAS DE PARTIDA E CHEGADA:

Lisboa (Praça de Espanha)
Partidas/Chegadas
8.10 18.55
13.30 20.20

Cova da Piedade
Partidas/Chegadas
8.23 18.42
13.43 20.07

Nas restantes localidades do percurso Lisboa-Faro, mantêm-se os horários actualmente em vigor.

——//——

Novas instalações para reserva de lugares e despachos de bagagens: (a partir de 2 de Novembro):

Lisboa — Avenida Santos Dumond, 57 (à Praça de Espanha).

Cova da Piedade — Largo 5 de Outubro, 40.

Para informações:
E V A — Rua Bernardino Costa, 30 — Lisboa — Telefone 32 17 87.

O NOVO CONSUL

SUSPENSÃO INDEPENDENTE ÀS 4 RODAS

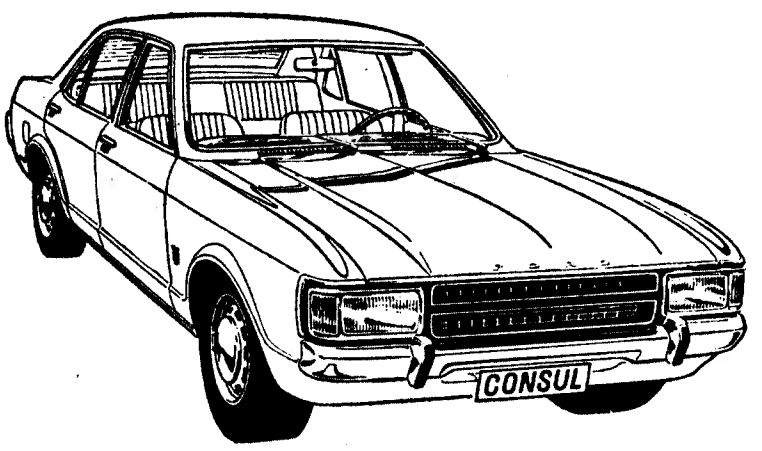
Motor 2000 cc., 4 cilindros em linha

Também com motor diesel de 75 HP

VEJA-O NO NOSSO SALÃO DE EXPOSIÇÃO

J. Mendes Coelho, Lda.

RUA ALEXANDRE HERCULANO, 6-A



DL DOMINICAL

O COURAÇADO ANDREOTTI

Os ex-presidentes do Conselho Rumor e Colombo. Segundo Donat Cattin, quer Rumor, quer Colombo, estão disponíveis para bloquear a tendência à direita do Governo. Porém, na Democracia Cristã esta-se seguro de que o Governo Andreotti estará no poder durante muito tempo

As esquerdas democrato-cristãs atacam o Governo: acusam-no de resvalar para o clerico-fascismo e pedem um novo centro esquerda. Mas Forlani tem o seu plano: apresentar ao congresso do partido uma grande lista de todos os notáveis do centro direita. A coligação apoiará Andreotti e já tem um nome: o couraçado.

«O republicano La Malfa vai repetindo há meses no seu jornal que a Itália tem um febrão de cavalo. Há alguns dias, em contrapartida, o presidente do Conselho, Giulio Andreotti, disse pela rádio que tem sòmente trinta e sete e meio. É singular que os dois clínicos à cabeceira do país sejam tão discordantes sobre as condições do paciente, não obstante fazerem parte da mesma maioria». Leopoldo Elia, professor catedrático de direito constitucional, conselheiro nacional da Democracia Cristã, um dos homens mais escutados por Aldo Moro, foi o primeiro, no domingo 8 de Outubro, a abrir fogo contra a coligação quadripartida do centro que sustenta o Governo há três meses. Fê-lo no pòdio erguido sobre o palco do teatro Persiani di Recanati, perante 600 pessoas, numa reunião convocada para contrabater a linha política que o secretário da Democracia Cristã, Arnaldo Forlani, havia defendido oito dias antes num teatrinho de San Ginesio, a 40 quilómetros de distância. **«Chamam-nos os viúvos inconsoláveis do centro esquerda. Tolices. Estamos simplesmente convencidos que a fórmula dos anos 60 não esgotou inteiramente o seu encargo»**.

Carlo Donat e Franco Foschi, organizadores do convénio das esquerdas democrático-cristãos: ao ataque

Giovanni Galloni, um dos dirigentes da esuqerda de base, também ele presente na reunião, foi mais além: segundo ele, todas as esquerdas democrato-cristãs devem induzir a maioria do partido a restabelecer o diálogo interrompido com os socialistas antes que o Governo, exposto à insídia do inquinamento dos votos fascistas, escorregue ainda mais para a direita. **«Dou-me conta de que não é possível improvisar uma linha política nova, mas não podemos não-pouco distrair-nos e perder tempo»**.

DOIS FOLHETOS

O ataque mais duro a Andreotti e às forças que o apoiam foi, no entanto, desferido por Carlo Donat Cattin, chefe das Forças Novas, o grupo de ponta da Democracia Cristã. Quando subiu à tribuna, colocou o relógio e dois folhetos diante de si, decidido a falar apenas uma vintena de minutos e a seguir escrupolosamente os apontamentos que havia preparado: Porém, após algumas tiradas, deixou-se arrastar para a improvisação. Foi como o granizo. Primeiro atacou Forlani, definindo **«descarada , para não dizer mais»** a campanha eleitoral que o secretário do partido conduziu durante a passada Primavera, sobretudo no Sul, para disputar os sufrágios ao movimento social. Depois acusou o presidente dos deputados democrato-cristãos, Flaminio Piccoli, de pensar numa revisão dos artigos 39 e 40, que sancionam o direito de grave, com um projecto de lei que investe, segundo as palavras de Piccoli, «as formas mais perversas de luta sindical: **«Evidentemente, o nosso chefe de grupo considera os sindicatos na mesma bitola dos delinquentes comuns»**. Foi cáustico com o novo deputado Giorgio La Malfa, segundo filho do chefe republicano, dizendo que, desde que tomou pé em Montecitorio e discute Economia na Comissão de Balanço de que é membro, o **«rebaptizaram de Menino Jesus, porque se considera filho do Padre Eterno»**. E, aludindo ao presidente do Senado, Amintore Fanfani, disse estar convencido de que a sua secreta aspiração é a de ser chamado o mais depressa possível a salvar a pátria: **«Não sei se pretende apresentar-se ao país a pé ou a cavalo. Só sei que os italianos não têm absolutamente necessidade nenhuma de um novo salvador. Já tiveram um, infelizmente, há vários anos»**

Os últimos cartuchos reservou-os para Andreotti, censurando-lhe a falhada tentativa de conter o aumento dos preços com o recurso calmante, à decisão de introduzir a cor na televisão e o propósito de renunciar à programação económica dirigida pelo centro esquerda: iniciativas que, quanto a si, contribuem para tornar **«desolador»** o Governo no poder.

Neste ponto, Donat Cattin advertiu que, se a Democracia Cristã chegar ao décimo segundo congresso nacional, previsto para o princípio do próximo ano, com uma forte maioria protegida à direita e um débil Governo sem barreiras contra os fascistas, o país encaminhar-se-á para obscuras perspectivas, revelou que o ministro do Interior, Mariano Rumor, e o ministro das Relações com a ONU, Emilio Colombo, estão disponíveis para bloquear esta tendência e já têm manifestado não considerar terminada a partida, e exortou-os explicitamente a sair corajosamente a descoberto e a candidatar-se como presidente do Conselho de uma nova edição do centro esquerda: um objectivo que as três correntes da esquerda democrato-cristã prefixaram em Julho último, após terem recusado entrar para o Governo e que tencionam levar por diante de comum acordo durante a próxima campanha pré-congressional. **«Em lógico que confirmássemos esta linha de combate em Recanati, a única cidade gibelina de uma região decididamente guelfa»**, comentou Franco Foschi, um psiquiatra recanatense, de 41 anos, deputado de Forças Novas há duas legislaturas, organizador da reunião.

Mas é um objectivo realizável? Nos quartéis-generais da esquerda os pareceres não são concordes. Alguns declaram-se optimistas e acentuam que em 28 de Setembro, ao fazer ponto sobre a ordem pública em Itália, perante a Comissão dos Assuntos Internos da Câmara, Rumor condenou com insólita dureza a violência fascista, e exaltou com igual paixão os ideais da Resistência, para consolidar as já explícitas simpatias que ganhou junto dos socialistas: de facto, no dia seguinte, irritou-se com Francesco De Martino, presidente do Partido Socialista Italiano e seu velho amigo, por causa do **Avanti!** não ter apreciado a sua manobra (**«Parecer-te-á estranho»**, respondeu-lhe, desculpando-se, o outro, **«mas eu não tenho nenhuma influência sobre o quotidiano do meu partido»**). Porém, quem conhece bem as tropas do chefe Doroteu (em Turim os rumoriantes são controlados por Edoardo Calleri, o único presidente de uma junta regional que aceitou o apoio do Partido Liberal Italiano; em Roma, estão estreitamente ligados com Americo Petrucci, tudo menos brando para com o centro esquerda: em Nápoles são sequazes de Silvio Gava, enfileirando há tempo sob rígidas posições anti-socialistas) teme que Rumor não possa, pois, dar muitos outros passos para a esquerda e observa que Piccoli, o outro chefe da fórte corrente doroteia (um quarto do partido) **«não lho consentiria»**. Quem trabalha ao lado do ministro não se pronuncia abertamente: limita-se a considerar, pelo menos, prematura uma saída no momento em que o Partido Comunista Italiano não parece demasiado hostil a Andreotti, os sindicatos não têm, de facto, intenção de lhe lançar aos pés um Outono quente e o Partido Socialista Italiano está a preocupar-se apenas em contar as fichas congressionais, mais do que esclarecer a própria linha política.

DISSENÇÃO

À esquerda, muitos confiam também na irrequietude de Emilio Colombo: em Junho, durante a sessão da direcção democrato-cristã em que a colaboração com os liberais começou a delinear-se, observa Nerino Rossi, conselheiro nacional doroteu, Colombo não esconde a sua dissensão e o seu desapontamento, dizendo que tal perspectiva representava **«um facto diferente relativamente à política da última década»**; recentemente, interpelado pela **La Stampa**, de Turim, por defender com vigor o seu Governo (**«Não tínhamos a varinha mágica, mas havíamos desempenhado a nossa parte»**) o ministro confirmou a sua nostalgia pelo eentro esquerda. Mas alguém mais pessimista, afirma que a sua reduzida força congressional, 7 por cento do partido, lhe consente desequilibrar-se ainda menos do que Rumor; e, de facto, os seus colaboradores mais directos fogem a quem procura informações sobre as intenções do chefe.

No palácio Sturzo, sede da Democracia Cristã, estão, porém, certos de que Andreotti regerá durante muito tempo. **«Não compreendo por que um presidente do Conselho deva ser substituído passados três meses»**, diz Gian Aldo Arnaud, responsavel pela organização da Democracia Cristã, **«se demonstra, como Andreotti, saber governar»**. Um expoente político afirma que a vincada frieza com que a grande indústria o havia acolhido em Julho se foi dissipando gradualmente e, nas últimas semanas, tem estado a converter-se em confiança: **«É um elemento a não subavaliar**

GUIDO
QUARANTA
Exclusivo
Mondadori

Quem trabalha ao lado do secretário assegura que Forlani, para lhe demonstrar o seu apoio leal, decidiu apresentar-se ao congresso juntamente com ele, numa lista de maioria que deveria compreender, além dos fanfanistas, também os doroteus de Rumor e Piccoli, os sequazes de Paolo Emilio Taviani, os scelbianos, a patrulha de Fiorentino Sullo: uma divisão couraçada lançada à conquista de dois terços dos 120 lugares do Conselho Nacional, o organismo máximo deliberativo do partido.

E, de facto, nos últimos dias, quando discutiu com os chefes das correntes o sistema mais oportuno para eleger o Conselho, Forlani foi muito explícito: **«É inconcebível que o secretário do partido se diferencie da corrente do chefe do Executivo. Nunca aconteceu no passado, não acontecerá, por certo, comigo, que contribuí para fazer nascer este Governo e que tenciono apoiá-lo até ao máximo»**. Uma afirmação, conjuntamente, idealista e prática, que está a magnetizar o consenso dos seis grupos da maioria, fautores de um bloco compacto que guie o partido com cenho carregado e apoie o Governo sem reservas.

No palácio Gardelli, a elegante toca dos sequazes de Piccolli, no coração da velha Roma, dizem-se seguros de que a firme atitude do secretário terá, muito em breve, bons resultados das grandes manobras abertas em Recanati pelas esquerdas. Segundo Giancarlo Tesini, um neodeputado bolonhês, fidelíssimo a Piccolli, o lance do centro esquerda é absurdo: a maioria da Democracia Cristã já está entrincheirada na cota neocentrista. **«Andreotti»**, atalha Adolfo Sarti, subsecretário do Interior, lugar-tenente de Taviani, **«poderia ser apeado apenas por um resultado eleitoral negativo. Mas não creio que a reunião administrativa de 26 de Novembro se resolva em prejuízo dos quatro partidos da coligação governativa»**

NEM PAI NEM PADRINHO

Fanfani? Os fidelíssimos do presidente do Senado falam da sua actividade de pintor (na noite de sexta-feira 6 de Outubro inaugurou uma nova exposição: 31 obras expostas, numa galeria de arte contemporânea, no coração de Roma), mas não abrem bico sobre os seus desígnios políticos. Quem ouviu o discurso que pronunciou no fim de Agosto, em Pocol, a seis quilómetros da Cortina d' Ampezzo, durante um curso de estudos organizado pela Democracia Cristã (e sobre o qual foi fornecido às agências da imprensa um texto suavizado)diz, todavia, ter ficado desconcertado com as imprevistas catanadas do chefe. Alguns, de facto, juram que, para fazer calar os boatos sobre a sua legendária inimizade relativamente a Aldo Moro, o outro grande chefe do partido, Fanfani, nesta ocasião, tenha sido levado a pronunciar em público uma singular metáfora: **«Se fosse de sexo diferente, casaria com ele»**. Há quem afirme que, polemizando contra a nova teoria democrato-cristã da centralidade, cavalo de batalha do seu discípulo Forlani, tenha também afirmado, com a brilhante indiferença com que gostava, às vezes, de dar cabo dos seus pupilos, que é **«ambígua e confusa»** e tenha assegurado aos estupefactos ouvintes não ser **«nem pai nem padrinho dela»**. E, sempre segundo as indiscrições transpiradas ao retardador nos dias que se seguiram, atacou também Ugo La Malfa, criticando a sua perspectiva de um Governo a cinco, dos socialistas aos liberais, e perguntando-se **«se o Partido Republicano Italiano tivesse de escolher, desejaria saber exactamente quem apanharia em casa o seu chefe»**.

Nenhum fanfanista, naturalmente, confirma a veracidade deste fogo de artifício. O único que se desequilibra um pouco é Clelio Darida, prefeito de Roma, segundo o qual Fanfani tem em mente apresentar-se ao congresso com uma corrente forte e aguerrida: há alguns dias, de facto, reuniu em Castiglioncello os seus sequazes da Toscânia e conta fazer outro tanto em qualquer outra região. Outro sinal anunciador de uma próxima erupção, o lançamento, como semanário, de **Nuove Cronache**, o quinzenário do grupo, saído no já longínquo 1959 e abandonado há alguns anos: presentemente, Fanfani confiou-o à direcção de Nicola Di Lisa, um deputado preterido nas eleições de 7 de Maio, seu devoto gregário (a redacção foi instalada num apartamento do centro de Roma, e o primeiro número será posto à venda dentro de um mês).

Qual é a verdadeira estratégia do presidente do Senado, continua a ser o único enigma de uma Democracia Cristã aparentemente cristalizada: maioria com Andreotti, minoria contra. **«Que Fanfani tenha querido a mudança centrista é evidente»**, comenta Leopoldo Elia. **«Talvez, porém, agora não se reconheça»**. E quando Fanfani está inquieto, tudo pode acontecer.

PACO BANDEIRA

EM MESA-REDONDA

- **PARTICIPARAM:**

O. D. A. — Orlando Dias Agudo
M. A. — Maria Aurora
W. D. — Wanderley Diniz
J. J. L. — José Jorge Letria
A. B. — Armindo Blanco
N. G. S. — Nuno Gomes dos Santos
V. C. — Vilaverde Cabral
P. B. — Paco Bandeira

"NÃO QUERO FAZER MAL A NINGUÉM"

Quando lhe telefonaram a convidá-lo para participar numa mesa redonda, Paco Bandeira ficou desconfiado. **«O que é que estes tipos querem de mim? Isto aqui há gato!»** Mas não disse nada a ninguém e veio mesmo, «para ver do que se tratava». Só quando a segunda **cassette** chegou ao fim no gravador, ele o soube exactamente. Entretanto, tinha falado de muita coisa e sobretudo dele próprio. Mas também de outros artistas: **«Detesto que me misturem com o José Cheta»**. E do público: **«Se eu agora começasse a cantar poemas de qualidade, isso seria, para as pessoas que acreditaram em mim, não só uma desilusão, mas também um choque»**. E do dinheiro: **«A minha única compensação é ganhar dinheiro. A cantar, tenho possibilidade de ganhar 20 contos em vinte minutos»**. E de política: **«Eu queria lá saber se ganhava o McGovern ou o Nixon»**. E de muitas outras coisas. Com a sinceridade que podem ver.

O.D.A. — **Você viveu muito tempo em Espanha. Quando decidiu vir para a vida artística poderia pensar-se que seria muito mais fácil para a sua carreira começar em Espanha, onde a actividade artística está muito mais desenvolvida, pois nós, cá embora isto seja um pouco duro, somos práticamente amadores na vida artística. Escolheu Portugal por ser mais fácil a vitória?**

P.B. — Acho errado falar-se de vitória. A música pode ser tudo menos uma competição, pois cada um tem o seu estilo e defende-o como pode. Eu vim para Portugal porque em Espanha era impossível: eles não aceitam portugueses, não aceitam ingleses, não aceitam ninguém. Só aceitam os espanhóis. E, ainda que eu tenha a vantagem de ter mais de 14 anos de Espanha, eles nunca me aceitariam como espanhol. Para vencer lá teria de cantar coisas em espanhol, escritas por espanhóis e com sabor espanhol. Nós, pelo contrário, temos bastante tendência para procurar lá fora a quantidade que julgamos não haver cá. Os espanhóis só acreditam no que é deles.

MA. — **Já que falaste na música portuguesa, diz o que pensas que se passa com ela neste momento.**

P.B. — Mas afinal quem sou eu para falar da música portuguesa? Tenho, mesmo assim, a impressão de que, para se fazer qualquer coisa na nossa música, era necessário as pessoas estarem mais unidas. Quer dizer: era preciso que as pessoas que fazem letras, as que fazem as músicas e as que cantam, não tivessem preconceitos e trabalhassem umas com as outras para melhorarem a música em geral. Era preciso estarmos unidos.

Era bom que os cantores de qualidade (quando falo em qualidade não me refiro à qualidade da voz, porque há muitos cantores que têm boa voz e não se preocupam com a qualidade do que cantam ou seja, os construtores de ideias, que terão forçosamente de ser amadores, porque não se pode ser profissional e ser cantor de ideias, deviam juntar-se com as pessoas que vendem cantigas e chegar a uma conclusão.

W.D. — **Onde se situa: no grupo dos que constroem ideias ou no dos que vendem cantigas?**

P.B. — Eu situo-me no grupo desses que ainda não constroem. O que fiz não está sequer próximo daquilo que gostaria de fazer. O que faço agora está muito mais próximo da minha verdade. Acho é que, para nos aproximarmos mais da nossa verdade, precisávamos de ter oportunidades, e está provado que não há muita gente interessada em dá-las. Qual o empresário que me contrata, por exemplo para eu cantar em Lisboa? No Brasil não se passa o mesmo. Se virmos bem, tanto há público, e contratos, para o Nelson Ned como para o Jorge Ben.

W.D. — **Se você é um profissional, não é um cantor de ideias. Falo, portanto, em relação à distinção feita por você há minutos.**

P.B. — Evidentemente que eu agora posso tirar partido da posição que conquistei. Refiro-me, principalmente, á posição monetária. Já não me faltam cem «paus» para comer. Por outro lado, também não estou em situação de me sentir frustrado por não ser rico. Durante o tempo em que fui apenas, vendedor de cantigas, ganhei uma grande experiência, que tenho obrigação de aproveitar para fazer coisas mais ambiciosas. Durante o tempo em que cantei só para ganhar dinheiro, contactei com muita gente e descobri que havia mais coisas para fazer. O meu problema agora é fugir ao exagero: não posso passar de vendedor de cantigas a cantor de ideias, até porque não tenho cultura nem preparação para isso, e porque o meu público não está à espera que isso aconteça. Explico-me melhor: as pessoas que acreditaram em mim, acreditaram principalmente nas coisas simples que eu cantava. Portanto, se eu agora começasse a cantar poemas e poesias com qualidade, seria para eles não só uma desilusão como um choque. Porque cada cantor tem o seu público. É claro que se o José Afonso se puser a cantar «Ó Elvas, O Elvas», ninguém o aceita, como a mim ninguém me aceita se eu me puser a cantar as coisas dele. Eu tenho é que, pouco a pouco, mudar o meu estilo. Agora já não mendigo os cem «paus» com cantigas.

Já posso escolher o meu reportório.

W.D. — **E qual o critério que você usa para escolher o seu reportório?**

P.B. — A minha experiência. Vou basear-me no jogo de ideias que adquiri sózinho, pois nós não nos ajudamos. Estou bastante distante de todos os meus colegas no aspecto artístico. Isso no entanto não me impede de entender o que eles fazem. Compreendo até que alguns se sirvam da canção para fazer política. Só que, para mim, política e canção são coisas totalmente diferentes. A politica tem a ver com um aspecto social que não tem nada a ver com a canção. Eu só pretendo fazer as coisas melhor dentro do meu estilo. Não sou um cantor de ideias, deixo de ser profissional e de fazer espectáculos a ganhar dinheiro. Passarei a pagar, inclusivamente, para fazer espectáculos. A gente, ou faz uma coisa por gosto, ou então ganha dinheiro. A única compensação é ganhar dinheiro. As minhas habilitações dariam quando muito, como operário especializado, para eu ganhar aí uns seis mil escudos por mês. A cantar tenho a possibilidade de ganhar 20 contos em vinte minutos, mas ninguém vale vinte contos em tão pouco tempo. Faço, portanto os possíveis para justificar, como artista, aquilo que me pagam. Ter dinheiro permitir-me-á mais tarde fazer mais qualquer coisa.

J.J.L. — **Há momentos deixaste bem clara a distinção entre «cantor de ideias» e «vendedor de cantigas» e afirmaste que até este momento não tentaste veícular, através das tuas canções, qualquer opinião (de aprovação ou censura) sobre aquilo que te rodeia. No entanto eu recordo-me que não há muito tempo ainda, numa canção chamada «Ceifeira Bonita», tu falavas com um certo entusiasmo de regressar a Luanda e pelo meio aproveitavas para referir um «rosto sem mazelas». Ora isto era uma ideia, bem clara, Aliás. E se pensarmos que se estava em 1971 seria até uma ideia actuante, se bem que a outro nível, do que as posições tomadas pelos cantores de ideias. Como é que explicas isto?**

P.B. — Foi em 1971. Portanto, ontem. Ora acontece que tudo o que se fez ontem está sujeito a ser aperfeiçoado hoje e a ser revisto amanhã. Mesmo assim não me arrependo de ter cantado a «Ceifeira Bonita». Quando a cantei tinha apenas uma ideia: dizer às pessoas até que ponto é que gostei da cidade. Quando falei de regressar, era de regressar como simples visitante que gosta da cidade. Mas acredito que se possa levar para outros campos a letra da canção e nesses eu não estou interessado em entrar. Quando eu falo à ceifeira dum rosto sem mazelas expresso uma ideia de 1971. Hoje talvez já não fosse pelo mesmo caminho.

"TUDO O QUE FAÇO ESTÁ PRÓXIMO DA MINHA VERDADE"

J.J.L. — **No entanto, é isso que me parece importante que fique bem claro.**

P.B. — Parece-me que desta maneira se percebe aquilo que eu queria dizer. Acho perfeitamente possível, mesmo sem me querer justificar, até porque assumo a responsabilidade de tudo o que faço, uma pessoa gostar dum sítio e dizê-lo numa canção. Claro que também não me ia pôr para ali falar de amores..

J.J.L. — **No entanto, até o amor, na sua forma mais simplista é, dentro da canção, uma verdadeira ideia. Que importância tem o «amor» nas coisas que tu cantas, já que o aspecto político parece não te interessar em definitivo?**

P.B. — As mulheres em especial, e o amor em geral, têm no que diz respeito à música, pouca importância para mim. Não me conseguem influenciar. Aliás não ando a semear amores por aí. O amor, dum modo geral, não tem a importância que as pessoas lhe atribuem. Mas quem sou eu para avaliar a importância das coisas? Acho que o amor se faz ou não se fez. Pouco tem a ver com a música.

A.B. — **Você disse, em determinada altura, que os empresários não davam, pelo menos ao nível de Lisboa, grandes oportunidades aos artistas, isto é, em Lisboa só com muita dificuldade eles poderiam fazer os seus espectáculos. Existe, no entanto, um mercado do disco, existem pessoas por esse país fora a organizarem espectáculos, desde os casinos às colectividades de recreio, e você próprio afirmou que chegava a ganhar vinte contos por vinte minutos de actuação. Em face disto, eu pergunto: não será possível, neste momento, ser-se profissional e viver-se exclusivamente de música?**

P. B. — Eu sou um profissional. Posso mesmo afirmar que tenho muito mais do que ambicionei ter em toda a minha vida. Claro que as minhas ambições não são as de ser milionário. Contento-me, afinal, com o dinheiro que tenho. Aquele que me permite ter uma casa alcatifada e um frigorífico. Quando comecei a cantar não sonhava, sequer, vir a ter um automóvel. Já que vivi descalço e comecei descalço, sem ter quase dinheiro para comer, as coisas que conquistei chegam-me perfeitamente. Considero, até, que ganho bastante bem. Isso impede-me de dizer mal da vida artística. O que me custa é que nem todos possam ganhar aquilo que eu ganho. Sei que ganhei dinheiro porque consegui mais depressa do que a maioria, chegar perto das pessoas. Não entendo bem porque o consegui. O que sei é que fui sempre o mais honesto possível. Quando digo que não posso evoluir com uma rapidez exagerada, é porque, materialmente, preciso muito do público. Portanto, não posso provocar-lhe choques. Sem o público, seria obrigado a voltar ao que era: ser prático agrícola e levar uma vida demasiado pobre em relação àquilo que alcancei.

M. A. — **Que diferença é que tu achas que existe entre o Paco Bandeira que não tinha dinheiro para comprar sapatos e o que hoje vive numa casa alcatifada, que tem automóvel e frigorífico?**

P. B. — Não há diferença nenhuma. Simplesmente vivo melhor. Nunca dei, afinal, demasiada importância ao dinheiro. As coisas só têm a importância que os outros tornem possível que a gente lhes dê. Com ou sem dinheiro, sou exactamente o mesmo. Só que conheci mais pessoas, ganhei mais experiência, e só por isso me sinto mais rico. É claro que não quero perder o nível de vida que tenho, mas também não o quero aumentar. O dinheiro serviu para me

Continua na pag. 8

VÁ AO TEATRO!!!

Espectáculos recomendados por Vasco Morgado

TEATRO Telef. 555133
MONUMENTAL
2 SESSÕES
20.45 e 23 h.
Domingo, à tarde às 16 h.
RAUL SOLNADO
na famosa revista
P'RA FRENTE LISBOA!
com
FLORBELA
os artistas convidados
IRENE ● JOSÉ de ISIDRO CASTRO
LINDA SILVA
a fadista
ANA ROSMANINHO
e o extraordinário
BALLET PICCADILLY STARS BALLET
5.º MÊS
GRUPO D — M/ 18 anos

TEATRO Telef. 326037
VARIEDADES
2.as, 3.as e 5.as-Feiras
às 21.45 h.
6.as, Sáb. e Domingos
2 sessões 20.45 e 23 h.
Domingo, à tarde às 16 h.
SIMONE e RUI
na divertida comédia
A CAMA DOS COMUNS
com
IO APOLONI
CANTO e CASTRO
ARMANDO CORTEZ
F. BORSATTI
MANUELA MARIA
ÚLTIMOS DIAS
GRUPO C — M/ 14 anos

TEATRO Telef. 538586
VILLARET
2 SESSÕES
20.45 e 23 h
Domingo, à tarde 16 h.
JOSÉ VIANA
numa espantosa comédia
SUA EXCELÊNCIA O VENDURA
com
DORA LEAL
HENRIQUE VIANA
MANUELA CASSOLA
LUÍS SANTOS
e a participação de
MARIA PAULA
9.ª SEMANA
GRUPO C — M/ 14 anos

TEATRO Telef. 361740
MARIA VITÓRIA
2 SESSÕES
às 20,45 e 23 horas
Domingo, matinée às 16 h.
SALVADOR IVONE SILVA NICOLAU BREYNER
na super-revista popular
CAVALOS PAGANDO E RINDO...
com
ANABELA
Victor Mendes
Carlos Queiroz
BARROSO LOPES
a atracção sul-americana
VERA SANDERS
a grande revelação
CIDÁLIA MOREIRA
e um fabuloso
BALLET INTERNACIONAL
Produção de Giuseppe Bastos e Vasco Morgado
Grupo D/18 anos

CASINO ESTORIL
SLOT MACHINES • SALA DE JOGOS
ACESSO LIVRE A MAIORES DE 21 ANOS
TODOS OS DIAS DAS 15 AS 3 HORAS
DANY DANYEL
VEDETA DA CANÇÃO FRANCESA
THE BLACK THEATRE OF PRAGUE
HELENA TAVARES com RAUL SILVA e NOBRE COSTA
BENTYBER DANCERS
JIRINA'S COMBO ORPHEU'S QUARTET
FERRER TRINDADE e sua orquestra
ELKE MONAMOUR
SÓ NO WONDER BAR
NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE ÀS 23,30 H.
Grupo C/ Maiores de 14 anos
NO WONDER BAR À 1,0 H. Maiores de 21 anos

PACO BANDEIRA

"NÃO SOU CANTOR DE IDEIAS"

Continuação da pág. 7

dar o bem estar que um artista precisa. O meu único medo é o medo de toda a gente: não quero perder aquilo que tenho.

M. A. — **Vais fazer teatro?**

P. B. — Não, não vou fazer teatro. Vou tentar, se possível, fazer teatro. Aliás, tentar fazer teatro, para mim é como todas as coisas: nunca tinha pensado fazer teatro, como nunca tinha pensado fazer nada concretamente, e acabei por fazer. As coisas nascem. Depois eu vou tentando melhorá-las. Por exemplo eu já não era capaz de fazer o que fiz no meu primeiro disco, e os meus discos agora estão a vender-se bastante menos que o primeiro. «O Elvas» terá vendido uns 30 mil, «Sigo Cantando» terá vendido uns quarenta mil e o último não passou dos dois mil, embora só tenha seis meses.

O. D. A. — **Se lhe dessem a escolher entre o seu primeiro e o seu último disco qual escolheria?**

P. B. — Escolhia o último porque numa linha de evolução natural é o que mais tem a ver comigo neste momento.

O. D. A. — **O público que comprou menos este seu último disco tem a música que merece?**

P. B. — Se merece ou não, não sei. O público tem, pelo menos, a música de que gosta. Nós estamos condicionados pela nacionalidade, pelo clima, pelos instrumentos utilizados, até. Eu lembro-me, por exemplo, que há uns quinze anos, em Espanha, foi proibida a música estrangeira. Logo daí nasceu uma concorrência, de fazer música, de não importar música. Ora cá nós temos de tudo e não estamos unidos, volto a repetir. Se eu chegasse ao pé de um construtor de músicas e lhe pedisse uma música, ele dizia-me: **«Tu quem és? Ah, és o Paco Bandeira? Então não te dou nenhuma música. Tu não pertences ao meu grupo!»** É por isso que eu canto as minhas próprias músicas.

J. J. L. — **Tu fazes músicas. Constrois músicas. Pelo menos no campo da elaboração estás, digamos assim, mais do lado dos cantores de ideias. Eu queria que tu me dissesses o que pensas dos dois grupos: dos que cantam, agora, o que fazem, e dos que cantavam, apenas, o que os outros faziam.**

P. B. — Eu acho que esses de que tu falas tinham a sua razão de ser. As pessoas viam neles o mito do bem nascido. Tudo lhes era perdoado porque o tipo era artista e o artista era qualquer coisa. Nós vivemos noutra época: estamos muito mais próximos do que se passa lá fora, há muito mais pessoas a estudar, temos muito mais possibilidades de falar uns com os outros. Nós somos diferentes, evoluimos. Eles ficaram na mesma. Se alguns fazem o ridículo, ainda, é porque nem sequer se apercebem que estão a cantar no passado para gente de hoje. Sobre a necessidade de se fazerem espectáculos em Lisboa com as pessoas que cantam e que pertencem a esta geração, eu devo dizer que a dificuldade também está nos grupos. **«A que grupo pertences? Ah, és do grupo do Zé Mário Branco? Então não me interessas. Ah, és do grupo do fulano de tal, então não me interessas.»** E por aí fora. Houve um poeta que me disse: **«Eu não ponho a minha letra ao pé da tua música, porque tu não pertences ao meu grupo.»** Foi o Fernando Grade.

«Comecei com a minha viola e a experiência dos anos de pobreza»

J. J. L. — **Mas pôs...**

P. B. — Pôs porque eu lhe disse: tu és uma besta, tu és um alarve, e tive de lhe explicar que as pessoas não se medem só por aquilo que fizeram, mas por aquilo que querem fazer. Expliquei-lhe também que ele não ia descer do seu pedestal por fazer um poema para a minha música. Depois ele acabou por perceber, e lá fez.

J. J. L. — **Entretanto, segundo me foi dito, tu tiveste recentemente contacto com outros poetas que até vão fazer trabalhos para um disco teu. O que existe de verdade nisto?**

P. B. — Sim senhor: vou cantar poemas do Ary dos Santos, inéditos. E a propósito do Ary, até tem graça contar uma história: O Ary é das tais pessoas que nunca me daria os bons-dias, mas, afinal, as pessoas acabam sempre por se conhecer quando as circunstâncias exigem. Eu, há dias, estava numa casa muito grande onde só vão pessoas muito importantes, o Any olhou para mim e perguntou-me muito espantado, o que é que eu estava ali a fazer. Realmente, ele esperava tudo menos encontrar-me ali. Ele pensou: **«Como é que ele está aqui? Este tipo é piroso, este tipo é estúpido, este tipo é mau, que é que ele está aqui a fazer?»** E, então resolveu perguntar-me o que estava eu ali a fazer. E chegámos à conclusão de que o que as pessoas precisam é de se encontrarem e trocarem impressões. Foi daí que nasceu a nossa colaboração. Mas não é só ele. Há uns dias fui com a Natália Correia, o Ary e mais um grupo de pessoas, a um sítio onde estava o Álvaro Cassuto. Quando me apresentaram e disseram que eu era o Paco Bandeira, ele parece que ficou arrepiado. E deve ter dito: **«Mas o que é que este tipo está aqui a fazer?»** Ora isso não acontece no Brasil, onde os poetas respeitam os cantores e os cantores respeitam os poetas. Porque eu sei perfeitamente que o Chico Buarque não diz mal do Nelson Ned, nem o Nelson Ned diz mal do Chico Buarque. É que as pessoas lá não andam para se destruir umas às outras.

A. B. — **Quando você disse que não havia espectáculo em Lisboa com artistas portugueses, esqueceu-se de que os artistas estrangeiros são capazes de aguentar duas horas num palco. Você era capaz? Mais: qual é o cantor português em que você investiria dinheiro, se arriscaria, portanto, e que fosse capaz de aguentar as duas horas de um espectáculo?**

P. B. — Não sou porque não me dão essa oportunidade. E o público português aguenta um artista português duas horas? Ponha o artista que quiser. Ponha a sr.ª D. Amália, se quiser, que, ao fim de duas horas, está um tipo cá atrás a dizer: **«Manda-a mas é prá rua dela! Olhó careca!»**

O. D. A. — **Ó Paco, como é que você sabe que isso aconteceria se ainda não foi experimentado?**

M. A. — **Já foi experimentado. Por mim, pelo Fernando Correia, etc. Em Lisboa e na Amadora. E só conseguimos esgotar no tempo áureo da Simone de Oliveira. Na segunda parte a sala passava a estar às moscas...**

P. B. — Cá há uma possibilidade de se fazerem espectáculos, desde que os senhores empresários, que eu penso que é só um, se resolvessem a fazer espectáculos aos sábados à tarde, informais, com vários artistas, sem o problema de «eu quero ir em último que eu sou bom.»

J. J. L. — **Ao longo das tuas respostas tens falado com insistência na palavra unidade. Parece ser, portanto, uma ideia assente. Ora sucede que, a propósito dessa unidade, acontece uma coisa curiosa: certos programas de rádio com tendências bem definidas costumam por-te, a ti e ao José Cheta, ao mesmo nível, atribuindo-lhes as mesmas qualidades. Até que ponto é que concordas com a comparação e até que ponto é que aceitas a companhia do Cheta.**

P. B. — Não aceito, de maneira nenhuma, essa ligação. Acreditem que não é por vingança. Parto é do princípio que falar do José Cheta é fazer promoção ao José Cheta, e eu não estou nada interessado em fazê-la. A minha missão como artista foi chegar, conquistar um lugar e não ter inimigos. Acontece, no entanto, que o José Cheta, que é dono de uma agência artística que contrata pessoas para fazerem espectáculos, estava interessado em deitar o meu nome abaixo, de modo que organizou uma série de espectáculos no Algarve com o meu nome anunciado em cartazes, com fotografia, e tudo, e não me disse absolutamente nada. Eu não sabia, sequer, desses espectáculos e, portanto, não podia aparecer. Assim, podia chegar ao microfone, como fez, e dizer: **O Paco Bandeira é um pulha e um vigarista, porque disse que, vinha e não apareceu.** Não contente com isto, ainda se serviu de um artista como o António Rios para o ajudar na campanha. Chamava o António Rios ao microfone e dizia-lhe: **Diz lá o que é que pensas do Paco Bandeira.** Então ele chegava ao microfone e dizia: **O Paco Bandeira é um pulha, um vigarista e um cretino, porque tinha sido contratado para este espectáculo e não pôs cá os pés.** Isto passava-se em salas de espectáculos que tinham mais de duas mil pessoas. Depois começaram a chegar telegramas a minha casa a dizer que eu tinha sido insultado no Algarve, mas eu não tomei atitude nenhuma porque dar uma resposta para os jornais era dar-lhe publicidade, e eu não tinha dinheiro para comprar uma página. O que o José Cheta se esqueceu foi que, no dia em que o «mister goodmorning» (1) lhe foi ao «trombil» num espectáculo, eu fui o primeiro a saltar para os separar, e podia ter ficado sentado na cadeira, como fizeram os outros. Tinha-o visto meia dúzia de vezes, e mesmo assim, fiz isso. Por isso eu digo que ele é um vigarista e que teve por único objectivo queimar-me. Eu não quero fazer mal a ninguém, mas tenho que me defender. Todos dizemos muito mal uns dos outros. Eu próprio, quando o José Jorge Letria me telefonou para marcar esta mesa-redonda, pensei logo: o que é que este tipo quer de mim? Isto aqui há gato! Porque é que hei-de ser eu? E eu podia perfeitamente ter dito: não vou, porque é o José Jorge Letria. Mas como assumo a responsabilidade de tudo o que faço, quis ver do que é que se tratava e aqui estou!

N. G. S. — **Tu disseste que não concordavas com a companhia do José Cheta. Com quem gostarias de estar acompanhado num espectáculo?**

P. B. — Uma das pessoas que eu mais gosto de ouvir cantar é o Manuel Freire. Gostava de fazer um espectáculo com ele. Acho que é, dos da balada, o que melhor canta. Outro era o Carlos do Carmo, porque é um bom fadista e um óptimo cantor, muito sério e amigo de ajudar os colegas. Outro com quem eu gostava de actuar era o Zé Mário Branco.

N.G.S. — **E com o José Afonso?**

P.B. — Gosto da personalidade dele, mas como cantor não me diz muito. Depois, sei que ele muitas vezes pode cantar, mas não quer. Uma vez, num espec

FILEME

EQUIPAMENTO E MOBILIÁRIO DE ESCRITÓRIO

SEGUNDO SALÃO FILEME 16 A 22 OUTUBRO 1972 FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA

APROVEITE ESTA GRANDE OPORTUNIDADE PARA ESTRUTURAR OS SEUS SERVIÇOS E EQUIPAR MELHOR AS SUAS INSTALAÇÕES

VISITE O FILEME 2

HOJE — ÚLTIMO DIA

DAS 15 ÀS 23 HORAS

VENDEM-SE

— LOTES DE TERRENO PARA MORADIAS;
— PRÉDIOS VELHOS PARA DEMOLIÇÃO, COM PROJECTOS APROVADOS;
— MORADIAS E
— APARTAMENTOS
NA LINHA DE CASCAIS

TRATA: BARAONA & BARAONA, LDA.
AVENIDA VALBOM, 28-1.º — TELEFONE 280749
MEDIADOR OFICIAL CASCAIS

«As mulheres e o amor pouco falam à minha música»

táculo, a Simone disse-lhe: **É pá vai cantar,** e ele disse que não ia. Tinha canções autorizadas, mas não queria cantar simplesmente porque não lhe apetecia. Ora eu acho que isto é um erro, porque um artista não pode pôr as coisas assim: em querer ou não querer cantar.

N.G.S. — **Então, já que não te interessava muito cantar com o José Afonso, diz lá com quem é que não gostavas de cantar.**

P.B. — Com o Isidro Baptista, por exemplo.

J.J.L. — **Já alguma vez cantaste com ele?**

P.B. — Já cantei com ele, e com outros do género que ás vezes são mais de vinte, e que são contratados para os espectáculos por cem ou duzentos paus para entreterem o público com anedotas e com canções cheias de fífias até vir o cabeça de cartaz. É por essas e por outras que o público está mal habituado. Cansa-se destes artistas que nem artistas são, e quando chega um tipo com uma viola para cantar meia dúzia de canções, que é o meu caso, tratam-no mal. Ainda há pouco tempo, em Coimbra, fui fazer um espectáculo e, mal entrei no palco, começaram a dizer: **Vai para a estiva, à malandro,** e outras coisas no género, e eu ainda nem sequer tinha começado a cantar. Porquê? Porque já lá tinham estado antes os tais.

N.G.S. — **Tu apareceste de repente. Fizeste logo sucesso. Houve alguma campanha publicitária por detrás disso?**

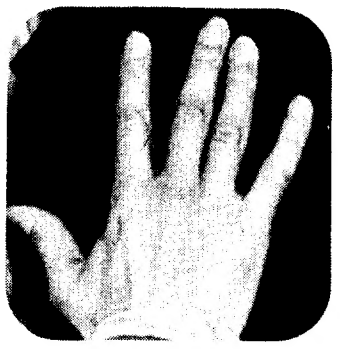
P.B. — Não. Quando cheguei, cheguei sòzinho e nu como toda a gente. Trazia, apenas, a minha viola e a experiência de alguns anos de pobreza. Depois andei aí, de porta em port,a a ver se alguém me queria pôr a cantar. Fui ao Valentim de Carvalho e puseram-me a andar porque, nesse dia, havia lá um fadista a gravar. Mas na rádio aconteceu-me a mesma coisa. Um dia fui ao Rádio Clube Português com a viola na mão e osr. Paulo Morais, com ar muito importante, perguntou-me: **O que é que tu querer daqui?** Eu disse-lhe que ia lá para ver se grava um programa. E ele disse-me para eu me pôr a mexer que não havia ali lugar para mim: **É pá desaparece!** Foi assim que eu comecei.

A. B. — **Proponho o jogo da verdade. Queria que você José Jorge Letria, dissesse o que pensa do Paco Bandeira.**

J. J. L. — **Mas a mesa -redonda é comigo ou com o Paco Bandeira?**

A. B. — **Isto é uma conversa entre todos...**

J. J. L. — **Bom. Ó Paco: a tua posição como cantor foi para mim bastante clara desde o primeiro momento, mais precisamente, desde que te vi no Curto-Circuito pela primeira vez. Vi-te sempre como um cantor profissional, não muito diferente dos da geração anterior, que nunca teve a pretensão de utilizar a música como veículo de ideias. Isso deixou-me logo em boa posição para entender as coisas que tu produzias e que, no caso de outros cantores, eu «a priori» poderia condenar como erros irreparáveis. Como crítico, apercebi-me, no entanto, de que, grande parte das tuas canções, algumas das quais nem eram estèticamente desagradáveis, (o que é um perigo) podiam ser, como aliás foram utilizadas pelo sistema que existe à tua volta, ganhando um sentido que tu, em princpíio, não lhes atribuiste. Refiro-me concretamente ao caso da «Ceifeira Bonita», de**



«A mim o que o público pede é que seja diferente»

que já falámos, a qual, pelo seu tom exortativo podia ter sido (se é que não foi) extremamente perigosa naquele momento político. Isto para falarmos de ideias. Ainda como crítico, e para terminar, considero, atendendo apenas ao aspecto de construção musical, bastante gratuitas grande parte das tuas canções, mas até posso pôr a hipótese de isso ter sido consequência das exigências da editora para que gravas.

A.B. — **Suponho que você lê jornais. Sabe por acaso que morreu o Lin Piao?**

P. B. — Sei.

A.B. — **Que sabe concretamente sobre isso?**

P.B. — A ideia com que fiquei é que o tipo não era assim muito útil e que por isso lhe l«limparam o sarampo» .Parece que ele, tempos antes tinha tentado fazer o mesmo ao Mao Tsé Tung. Sei estas coisas, mais ou menos, porque leio os jornais à noite, às vezes por falta de sono.

A.B. — **Você não acha que isso é um defeito seu, o não ter essa curiosidade para acompanhar as coisas?**

P. B. — Eu não tive estímulos. Ninguém me puxou o interesse para isso. Eu queria lá saber que ganhava o McGovern ou o Nixon! Até que um dia, até porque aquilo é América e, aí, já estamos a ultrapassar a fronteira, eu disse: Vamos lá a saber porque é que estas coisas acontecem. Mas fui eu, por mim só, que pensei isto.

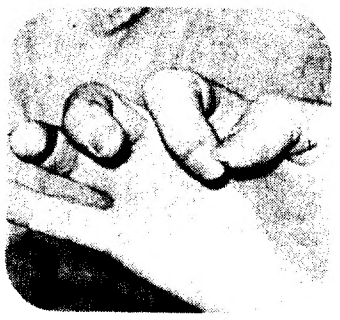
V.C. — **Ó Paco Bandeira, eu devo dizer-lhe que não percebo nada de músicas...**

P.B. — Ainda bem! Por isso não tem sarampo!

V.C. — **... mas pelo que sabia a seu respeito devo dizer-lhe que estou agradàvelmente surpreendido consigo, porque você é muito melhor do que aquilo que eu pensava.**

P.B. — Já ajuda...

V.C. — **Ora você fala muito no ontem, no Paco Bandeira do ontem, da «Ceifeira», que já não tem que ver, ou tem muito pouco, com o Paco Bandeira de hoje. Pode explicar-me melhor, para além dos contactos que teve, etc., o que é que se modificou em si, isto é, o que é que o leva, por exemplo e sem estar a valorizar, a cantar Ary dos Santos, a fazer uma coisa tão diferente das que fazia?**



«O nosso maior problema são os grupos»

P.B. — Vou pelo Ary dos Santos porque ele faz poemas melhor do que eu. Isto disse-me a minha sensibilidade, que é com o que eu posso contar. O Ary dos Santos sabe muito bem pôr as palavras no papel.

V.C. — **E as ideias do Ary dos Santos?**

P.B. — Isso não me interessa como cantor, como músico, porque sou um profissional. É claro que, por detrás do profissional, há a pessoa com os mesmos direitos e os mesmos deveres que as outras. Eu gosto do Ary dos Santos como gosto do Cesariny, como gosto de todos os poetas muito bons que nós temos cá e que até nem são divulgados, mas isso é outro problema. Acontece que se vou cantar Ary dos Santos, é porque senti essa necessidade, porque comecei, a pouco e pouco, a subir os degraus, a ver que nem sequer estava errado ontem, porque ontem era o que podia ser, como hoje sou o que posso.

W.D. — **O que nós queriamos saber era se a modificação também se processou ao nível das ideias. O Paco de ontem, que cantava a «Ceifeira», expressava uma determinada ideia, embora de ontem, como você diz. Ora o Paco de hoje, cantando Ary dos Santos, expressa outras ideias completamente diferentes. Até que ponto é que você faz parceria com o Ary dos Santos por essa modificação que você sofreu? Quer dizer: você canta Ary dos Santos porque se modificou ou porque, como profissional, quer vender cantigas?**

A. B. — **Ou você considera que está esgotado e, com o insucesso relativo do seu último disco, sente necessidade, até comercial, de encontrar novos caminhos?**

P. B. — Não. O aspecto comercial dos discos não me diz nada a não ser no aspecto material do meu lado homem. Se eu conseguir cantar uma cantiga cá fora, sem ser em disco, de que eu goste, eu fico mais satisfeito do que se vender muito um disco. Aprendi, já, que o dinheiro tem um interesse relativo.

J. J. L. — **Tu achas que comercialismo e honestidade são coisas compatíveis?**

P. B. — Há um comercialismo honesto. É claro que se pode ir falar com uns quantos locutores, oferecer uma grande jantarada e, se o locutor for da casa editora para a qual se grava, o disco é tantas vezes tocado que, pelo menos, uma pessoa tem que o ouvir. A partir desse momento, o disco anda cá fora e vende-se. A isso chama-se a parte comercial desonesta. Se a parte comercial for honesta, tem que se pôr o disco. Eu gravo um disco e vou com ele às emissoras, ouço a opinião dos locutores: **«Isso é maú, isso é bom».** O único conhecimento que eu tenho de qualidade vem da parte dos locutores, que me dizem directamente se o disco é bom, se não.

A. B. — **O José Jorge Letria é da opinião que o nosso público tem o gosto deseducado. Ora no Brasil fazem secesso o Nelson Ned e o Caetano Veloso; na Inglaterra os Beatles e o Humperdinck; nos Estados Unidos estão fazendo sucesso os cantores «travestis»; na França faz sucesso a Silvie Vartain; na Alemanha fazem sucesso cantores inacreditáveis. Eu vi até, no Festival do Rio, cantores que vieram dos países socialistas como a Jugoslávia e a Checoslováquia, que não eram melhores que os cantores ocidentais. Será que o público português não é como o de toda a parte e consome Paco Bandeira e José Afonso, que é o cantor mais representativo de uma determinada corrente?**

«Às vezes leio os jornais por falta de sono»

P.B. — Eu acho que o público português, como o de todo o mundo, não tem tempo para estar a perceber as letras das melodias: ouve música para se distrair. Estão a ouvir música e a falar com o vizinho, sem ouvirem a letra.

N. G. S. — Mas isso não se passa, por exemplo com os franceses como o Brassens...

P.B. — ...e o Reggianni. Mas acontece que os franceses também consomem Johnny Holliday e Silvie Vartin. Em todo o mundo as pessoas querem é a musica. Por outro lado, há aquilo que as pessoas esperam dos artistas. Por exemplo, as pessoas pedem ao José Jorge a interpretação e o poema, acima de tudo. Não lhe pedem a grande voz, que o Zé não tem.

N.G.S. — **Então como podes tu falar de unidade, se há pessoas que só ligam à música e outras que pedem, como no exemplo que deste, o poema e a interpretação?**

P.B. — Estamos agora a falar do povo que ouve, não do povo que canta. E as pessoas que ouvem pedem aquilo que os que cantam lhes podem dar. Ao Paulo de Carvalho, a voz, ao Mourão e a mim, o sermos diferentes dos outros, cada um em seu género. As pessoas querem artistas que sejam diferentes.

P. B. — Sei de tipos que fazem assim: dizem a algumas pessoas para baterem palmas no meio da cantiga. E aíç. taca-taca-taca-ta-tudo a bater palmas, aos gritos. E o tipo sai de lá numa ovação e em ombros como o Cordobés. Eu apòsto o meu pescoço que um tipo que faça isto tem o espectáculo na mão. Eu nunca fiz isto: nem pedi a pessoas para baterem palmas no meio da cantiga, nem disse a ninguém para comprar um voto para mim.

A.B. — **Quando você era um João ninguém, em Elvas, lembra-se quem eram os cantores de sucesso?**

P.B. — É curioso, mas lembro-me de poucos: o Tony de Matos, e Amélia, que esteve sempre na berra.

J.J.L. — **E os espanhóis...**

P.B. — Os espanhóis é que eu conhecia todos. Os discos que eu conhecia de portugueses, quando eu trabalhava na Rádio Bajajoz, eram do Chico Zé e da Maria Pereira que a Robbialac se encarregava de mandar.Eu é que divulguei em Espanha o José Cid, o Duo Ouro Negro, mas tive que começar por dizer que o Roberto Carlos era português para eles ouvirem música portuguesa. Um dos espanhóis que eu detestava era o Paquito Ortega. Dos que gostava: o Victor Manuel, que era superior, naquele tempo, ao Serrat. Havia mais, como o Rafael, que é o Calvário lá do sítio.

N.G.S. — **Dos espanhóis actuais, quem é que preferes'?**

P.B. — Victor Manuel, Serrat, o Patxi Andión, embora ele tenha demagogia em muitas coisas.

N.G.S. — **Que achas do Ibañez?**

P.B. — Não o conheço muito bem. Por aquilo que eu ouvi creio que canta Garcia Lorca...

N.G.S. — **Também...**

J.J.L. — **...Rafael Alberti...**

P.B. — ... canta Unamuno, canta poetas. Tenho que o olhar como cantor, não como construtor de qualquer coisa. Como cantor não me disse grande coisa. Gosto tanto dele como do Padre Fanhais.

N.G.S. — **E não gostas do Fanhais?**

P. B. — Gosto do Fanhais cantor. Canta muito bem. Mas canta muitas coisas de outros e eu não posso medir o artista por aquilo que ele canta de outros.

N.G.S. — **Estamos a falar de nomes de uma certa corrente ibórica, pois estes de que falámos agora estão todos a puxar para o mesmo lado. A propósito: que é que tu achas do Adriano Correia de Oliveira?**

P.B. — Não gosto. Só como cantor. Acho que ele como campositor copia muito bem o José Afonso. Acho que é aborrecido a gente estar a falar assim de um colega, porque eu até nem o conheço, mas a minha ideia é esta: o Adriano não me trouxe nada de novo — canta bem.

N. G. S. — Quem é o melhor cantor-autor português?

P.B. — Não há o melhor. Mas nos melhores, ponho o José Afonso, o Manuel Freire e depois há tipos que fazem muito bem e cantam muito mal, e o contrário.

O.D.A. — **Você compreende um compositor que não saiba música?**

P.B. — Compreendo, porque a música nasce. Escrevê-la é um problema técnico. O Tordo é um bom compositor e não sabe música. O Pedro Osório é bom músico e as composições dele nunca chegam às pessoas. Os meus conhecimentos, por exemplo, não vão além do 1.º ano de solfeio.

J.J.L. — **Constou que tinha recebido uma condecoração oficial entregue por uma pessoa muito importante. É verdade?**

P.B. — Não é verdade nenhuma! Condecoração oficial? Tss, tss! A única condecoração que recebi foi a do «rei das telefonias», que eu não quis.

O.D.A. — **Porque é que recusou o título de Rei da Rádio?**

P.B. — Porque não foi a Rádio que me deu o título. Se fosse a Rádio...

A.B. — **Foi uma votação popular?**

P.B. — Sim. E todas essas votações populares estão sujeitas a essas falcatruas do interesse, porque se me interessasse ganhar um concurso assim, eu comprava as sobras do jornal ou da revista. Ao quilo! Como, por exemplo, para esta ida ao Brasil. Simplesmente, esse tipo de actuação não me interessa. Eu não estou contra essas votações, mas sim contra os que se utilizam delas para fazer falcatrua. Eu garanto que, se eu quiser, ponho num cupão Leonardo da Vinci e, depois, compro votos pelo processo que já disse, e o Leonardo da Vinc ganha. Depois aparece no palco um tipo que rasga a camisa e até nem sabe cantar... Este tipo de jogada é uma ofensa à dignidade dos artistas. Portanto não aceitei o título de Rei da Rádio, porque, como já disse, não fui eleito pela Rádio. Fui ao espectáculo e não aceitei o prémio.

(1) — Victor Bonjour (nota da Redacção).

Mobilaço
MOBILIÁRIO METÁLICO
PARA ESCRITÓRIOS E OUTROS FINS
Secção de vendas:
Estrada da Luz, 224-A — LISBOA — Tel. 783126

DL/DOMINICAL

UMA FAMÍLIA DE ELEFANTES DE BOLSO

«Se pudesse, fechá-lo-ia num cofre tão precioso é. Mas como se vai privar o público e os estudiosos de uma descoberta científica única no mundo?».

A descoberta de que fala Bruno Accordi, de 56 anos, director do Instituto de Geologia e Paleontologia da Universidade de Roma, é o esqueleto de um elefantezinho, que viveu há cerca de 100 mil anos na Sicília, com apenas 33 centímetros de altura. Accordi desenterrou-o numa gruta chamada Spinagallo, perto de Siracusa. Era um recém-nascido, estendido ao lado dos restos da mãe (90 centímetros) e do pai (95 centímetros) numa camada de terra vermelha com a espessura de quatro metros.

A pequena família não estava só: na mesma caverna foram encontrados, de facto, além de vários ossos e de numerosos dentes e presas, bem 104 tíbias direitas, o que significa que outros tantos foram os paquidermes de uma espécie de dimensão incrìvelmente pequena (um quarto da dimensão dos elefantes que actualmente vivem em Itália e dos actuais) os quais, em determinado momento do quaternário, a era geológica que, entre outras coisas, viu o aparecimento do Homem sobre a Terra, se refugiaram na gruta para esperar a morte.

A descoberta teve lugar por acaso, quando um estudante siracusano do ensino médico, Sergio Lazzarini, durante uma excursão encontrou casualmente uma cavidade no terreno e resolveu explorá-la, trazendo à luz um crânio fóssil que julgou ser humano. O mesmo erro de interpretação devem ter cometido, pelo menos há 1500 anos, os gregos da Sicília, dado que, à vista de um crânio de elefante anão, casualmente encontrado, tomaram a cavidade de encaixe das probóscide por uma cavidade ocular e inventaram, assim, a lenda de Polifemo.

«Nada mais provável do que a história do gigante homérico com um só olho ter nascido deste modo», diz Accordi. **«Os restos fósseis de elefantes anões na Sicília sempre foram bastante frequentes desde a antiguidade. De facto, foram encontrados esses restos, para além do siracusano, também no palermitano e no trapanense, tendo-se tentado usá-los, nos séculos XVIII E XIX, como carvão animal para refinação do açúcar. Em vão, porém, dado que um osso fóssil não arde».**

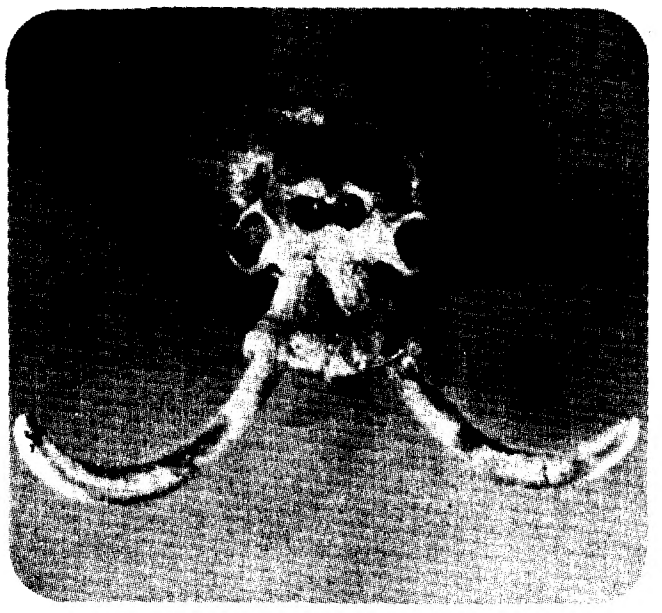
PRODIGIOSAMENTE INTACTOS

Se, portanto, não são únicos (foram também desenterrados em Malta, em Creta e em Chipre, sempre em territórios insulares, portanto) por que é que os elefantezinhos de Spinagallo são considerados uma descoberta paleontológica excepcional pelos estudiosos de todo o mundo? Porque, responde Accordi, se conservaram prodigiosamente intactos mas, sobretudo, porque são os mais pequenos entre todos os elefantes que se conhecem, fósseis e actuais.

Como de mamíferos de porte imponente se foram progressivamente reduzindo às dimensões de cães grandes, continua a ser ainda hoje um dos mistérios insolúveis da ciência. Alguns investigadores afirmam que tudo tenha dependido de crises recorrentes de alimentação as quais, limitando ao mínimo a nutrição, teriam provocado modificações de estatura nos grandes elefantes. Mas se isto pôde acontecer nas pequenas ilhas, objectam outros, aonde o espaço é limitado, bem dificilmente deveria acontecer na Sicília, uma vasta área de 25 quilómetros quadrados na qual não faltavam planícies luxuriantes e aonde, ainda, sempre no quaternário, se registaram precisamente fenómenos de gigantismo, como o do chamado arganaz gigante, um animal com o dobro do tamanho do arganaz que vive actualmente na mesma zona, e cujos ossos têm sido encontrados juntamente com os dos elefantes anões de Spinagallo.

Pelo mesmo motivo é difícil aceitar a hipótese do nanismo como resultado de efeitos genéticos negativos devidos à reprodução entre consanguíneos. Num território como o siciliano, de facto, os elefantes deviam certamente ter à sua disposição uma larga escolha de companheiros e de companheiras.

Mas talvez que a responsabilidade das reduzidíssimas dimensões dos elefantes de Spinagallo seja de imputar à chamada pressão selectiva, isto é, à falta de competição por parte dos proboscídeos com animais robustos ou de grande porte, em especial os de rapina. Esta falta de luta teria consentido a sobrevivência dos indivíduos mais débeis e menos dotados.



O crâneo de um elefante anão encontrado na gruta de Spinagallo, perto de Siracusa. Não foi ainda explicado por que é que esta espécie de paquiderme assumiu formas tão reduzidas

Uma extraordinária família de elefantes anões descoberta em Spinagallo e exposta no Museu de Paleontologia de Roma. O macho tem a altura de apenas 95 centímetros, e o recém-nascido, em primeiro plano, apenas 33 centímetros. A fêmea está privada de presas

EXCLUSIVO MONDADORI

É uma teoria que Accordi já refutou no mensário «**Le Scienze**» e que refuto ainda», observa. «Quanto a mim, trata-se de um fenómeno que se pode verificar só dentro de determinados limites e na condição de que numa determinada ilha haja uma extrema pobreza de espécies ou falta de carnívoros, e não é, por certo, este o caso da Sicília. Como quer que seja, a pressão selectiva bem dificilmente pode ter dado uma redução de estatura dos elefantes, precisamente de quatro vezes, na breve curva de tempo de metade ou de um terço da época quaternária».

ESGOTAMENTO COLECTIVO

E então? Segundo o paleontologista romano, o isolamento insular pode, sem dúvida, ter contribuído para fazer diminuir o porte dos elefantes da Sicília (numa zona do Congo particularmente descentrada, ainda hoje se encontram paquidermes um pouco mais pequenos do que os seus irmãos no estado livre), mas deve também ter sucedido aos indivíduos qualquer outro fenómeno determinante, por exemplo, uma espécie de esgotamento colectivo filogenético, isto é, uma estranha canseira que poderia ter travado a evolução da espécie, «reduzindo-a a um estado miserável» a ponto de levar animais que não têm o hábito de se refugiar em cavidades a procurar protecção nas grutas.

Um papel importante neste excepcional processo de decadência deve ter sido desempenhado pela terceira e quinta eras glaciais, sobretudo esta última que levou a todo o mundo uma diminuição de temperatura de, pelo menos, dez graus. Foi assim, talvez, que muitos bandos apanhados pelo vento e pelo frio nos seus refúgios começaram a morrer de inanição.

Outras causas? As erupções do Etna, afirmam alguns cientistas, poderiam ter inundado a gruta de Spinagallo de gasses tóxicos e morto os elefantezinhos. Porém, no palermiano, respondem outros, foram encontradas grutas com esqueletos de elefantes anões (embora não tão pequenos como os de Spinagallo) sem que na zona tenham alguma vez existido vulcões.

E o homem? **«Na caverna do siracusano»**, diz Accordi, **«não notámos qualquer vestígio da presença humana, nem sequer um sílex, tão-pouco os restos de um fogo e os ossos dos elefantes não mostram sinais de caça. Pelo menos neste caso, o homem deve ser absolvido do delito de massacre».**

A C. P. INFORMA:

DESGUARNECIMENTO DE ESTAÇÕES

Na sequência das medidas de racionalização da nossa exploração ferroviária, deixam de estar guarnecidas, a partir do dia 1 de Novembro de 1972, as seguintes estações:

Mourisca-Sado, Chanceleiros, Loivos, Abela, Vimieiro e Pavia.

A venda de bilhetes aos srs. passageiros embarcados nas estações acima indicadas passará, a partir daquela data, a ser feita pelo revisor em trânsito, sem qualquer aumento.

Pelo mesmo motivo, estas estações e apeadeiros deixam de receber e expedir bagagens e remessas de detalhe, continuando, porém, Abela, Vimieiro e Pavia a receber e expedir vagões completos. Para o efeito, os interessados devem dirigir-se, respectivamente, a Ermidas-Sado, Azaruja e Mora.

Também a partir de 1 de Novembro, os actuais apeadeiros de Cabeção e Santo Amaro-Veiros passam a receber e expedir vagões completos. Para o efeito, os interessados devem dirigir-se, respectivamente a Mora e Sousel.

CIDÁLIA MEIRELES

AGRADECIMENTO

Sua família manifesta a todos quantos os acompanharam no seu funeral e que por desconhecimento de moradas não o puderam fazer directamente, a sua profunda gratidão pelo amparo dado em tão crucial transe.

AGÊNCIA SALGADO

CARTA DO BRASIL

CHIANCA DE GARCIA

ONDE SE DESCOBRE UM TIGRE

Tenho um amigo muito rico. Dizer que ele é rico, chega (na expressão carioca) a ser covardia. Não sei de ninguém que tenha em casa mais oiro do que ele. Oiro em peças. Oiro trabalhado. Oiro em lingotes. Oiro trazido de todos os cantos do Brasil, e guardado, com mil segredos, na propriedade denominada o Castelão, a cinquenta quilómetros desviados de Cabo Verde, onde ainda acumula a maior colecção de antiguidades existente na América Latina.

Porém, só na semana passada, depois de termos bebido em excesso, consentiu que eu visitasse o complicado labirinto de galerias, cidade celestial onde milhares de imagens sacras, de todos os tamanhos e de todos os estilos, me deram a sensação de passear, perdido, nalgum recanto do céu onde santos, descarnados e sofridos, saíram dos seus nichos, para ver passar o velho pecador que eu sou. Olhava-os, reverente, dizendo: — Bom dia São José, bom dia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, bom dia São Vicente de Paulo! acreditando ver as sagradas mãos traçarem levemente no ar um gesto de benção (coisas de quem bebeu em excesso!).

Mas os Cristos, não. Esses, em legião, de oiro, de prata, de marfim, de madeira, de ferro, esses continuavam pregados no sacrifício cada vez mais inútil da sua cruz.

DUAS HORAS DEPOIS

— Quanto valem esses tesoiros?

— Sei apenas quanto me custam...

— E estão no seguro?

— Sabe o que é este castelo? Uma fortaleza. Reparou nos muros que o cercam? E no exército particular espalhado por páteos e corredores? Não viu, lá no alto, quatro torreões de mera aparência decorativa? Sabe o que escondem? Metralhadoras. Conhece os laboratórios onde técnicos cuidam cientificamente de tudo o que possuo?

— Não, mas você já me contou...

— Hoje mesmo parto em missão por assim dizer secreta...

— Sei. Você até me convidou para acompanhá-lo. Ou esqueceu?

— E mesmo? Pois seja. Posso confiar em você? Então vamos...

Erguemo-nos da mesa. Meus olhos estavam agora presos na grande tapeçaria que recobria a longa parede em nossa frente.

Explicou que se tratava da reprodução, trinta metros por catorze, do quadro de um italiano do século XV chamado Sigorelli e que tem por título Ressureição dos Mortos.

— Mas ainda se encontram obras assim neste Brasil tão espiolhado pelos caçadores de obras de arte?

— Não me limito ao Brasil. Muito do que tenho veio de países outrora coloniais dos espanhois. Essa tapeçaria aí, veja você, eu adquiri na Colômbia, no paço episcopal. E custou-me uma fortuna.

— E hoje onde vai levar-me?

— Não vamos sair do Brasil, não. Você já ouviu falar de Vila Bela da Santíssima Trindade? Claro que não. Pois já foi capital de Mato Grosso. Mas felizmente ninguém sabe da sua existência. Você vai pôr os pés numa cidade completamente fora do mapa.

— Gosto...

— O meu jacto especial leva-nos lá em duas horas. Voltaremos a tempo de jantar em Copacabana, concorda?

— E ainda existe por lá alguma coisa que possa interessá-lo?

— Existe. Uma certa opção pelo oiro inexplorado. Você que faz parte do quotidiano carioca vai, de surpresa, encontrar-se no passado...

A VIAGEM

Aí, leitor, dê comigo a volta por cima. O campo de voos clandestinos fica dentro da enorme área que circula o Castelão. O comandante estava no seu posto. Partimos. Voamos cerca de três mil quilómetros acima das nuvens. Descemos. Eram nove horas da manhã. Estávamos em Vila Bela da Santíssima Trindade, cidade fundada em 1752, pelo primeiro governador de Mato Grosso.

Esperavam-nos dois engenheiros que acabavam de saltar de um jipe.

— Como vão as coisas?

— Bem encaminhadas, chefe. O laboratório quando lá chegarmos creio que vai dar a última palavra.

Então voltou-se para amim, e disse:

— O meu negócio não interessa a você. Deixo-o aqui à solta, e divirta-se.

E depois, como visse de longe alguns negros espiando, concluiu.

— Mas não dá pelota prá esse crioleu aí, tá.

PEQUENO HISTÓRICO

Onde eu estava tinha sido, há séculos, ponto de partida para os que iam em busca de um oiro generoso que, nas cercanias, afluira fácil, mas que, com o decorrer dos anos, se fora tornando esquivo e inacessível.

De tal jeito que os colonos, fortuna feita, após 1822, vendo partir soldados que a Independência ordenara que voltassem a Portugal, logo os seguiu, no recreio de ficarem indefesos ante a constante ameaça do grito de guerra dos índios.

E assim caíram no abandono altas igrejas, palácios, quartéis, conventos e sólidos edifícios públicos. Não porem desabitados. Porque na hora da partida os escravos negros, cançados de sofrimentos e maus tratos, esconderam-se na selva, só reaparecendo quando os seus senhores já iam longe, tornando-se então donos do seu destino, de novo no culto aos deuses dos seus antepassados africanos. E assim Vila Bela de Espírito Santo ficou esquecida no tempo, perdido o menor traço das veredas traçadas pelos bandeirantes, nascendo então o quilombo que existe até hoje.

DE UM DICIONÁRIO

Definição: «Quilombo, região inacessível onde, no meio do mato, se recolhem os negros fugitivos»

A PAISAGEM

Num vale onde a natureza esbanja exuberância encontro-me, de repente, entre espectros de muros, colunas quebradas, escombros de vazio, que ainda justificam o áureo perdido de Vila Bela do Espírito Santo. E uma imitação do Paraíso onde o mato vem devorando a veracidade do passado. Altas paredes desmanteladas, ruínas...

O MEDO

Agora, sòzinho, envolto pela transparência de um silêncio milenar sinto que já fui o que não sou. Se aqui há gente, onde está? E por entre pedras que talvez tenham sido túmulos comecei gritando: — Apareça alguém, gentes!

Então um negro forte, musculoso, de rosto fechado, trazendo nas mãos um velho arcabuz, surgiu de entre o mato, direito a mim. Gritei: — Sou de paz, amigo!

Depois vieram outros. Una mais velhos, outros mais moços. Usavam um linguajar arrevezado cheio de termos africanos, mas onde ainda subsistia um português que fui conseguindo reconstituir. Indagações sumárias:

— Quem és? O que procuras?

Felizmente tinha cigarros. Distribui-os entre eles. Fumamos juntos. Mas após um demorado período de desconfiança vi esboçar-se o primeiro sorriso. Tive de beber uma bebida exótica, fermentada, que era o whisky lá deles. E consegui que falassem...

CONVERSA À BEIRA DO ALAMBIQUE

— Siô, quer saber? Tão logo os meus antepassados se viram sòzinhos logo dois deles quiseram ser coroados reis. Um deles chegou mesmo, — está vendo ali? — a ter aquele canhão pronto a disparar. Nesse tempo eramos mais de vinte mil...

— Hoje quantos são?

— Muito menos, siô, algumas centenas. A maioria se foi jogando no oco do mundo. Mas, como ia contando, um velho feiticeiro colocando-se como alvo diante do canhão, falou assim: — um rei? Para quê? Para sermos novamente escravos? Escravos não de branco mas de um de nós?

E os dois: Que não. Que tinha de haver um rei.

Então o feiticeiro evocou os deuses. E eles vieram e disseram que deviamos ser como as montanhas e as florestas que obedecem apenas às ordens do sol e da lua...

E foi assim que o velho feiticeiro conseguiu que dois ambiciosos se aquietassem, e logo ali todos começaram cantando e dançando como irmãos. Somos um povo alegre. O que a terra dá, dá para todos. E é por isso, siô, que aquele canhão desde então ficou enferrujado como está até hoje...

COMEÇA A ERGUER-SE A CORTINA

Gostei da fábula. Visitei com eles o que restava da velha Vila Bela.

— Siô, é amigo do nosso Pai?

— Quem é o pai de vocês?

E aquele que nos descobriu aqui, vai para quarenta anos. A primeira vez chegou quase morto em cima de um cavalo. Depois voltou com carroções puxados por bois. E assim durante anos. Então convenceu-nos a abrir na mata aquele chapadão liso, e foi lá que siô desceu hoje do pássaro de metal na companhia dele...

— Ele é que é o pai de vocês?

— Vai para quarenta anos, siô!

— E que faz por vocês?

— Ajuda-nos.

— Como?

— Trazendo colares, fitas, roupas, aspirinas, coisas assim. E até prás nossas crioulas traz agora umas pílulas mágicas, sabe para quê?

— Sei. Mas conta o resto...

A MÁGICA

Então vim a saber tudo. Há quatro décadas o meu amigo espoliava Vila Bela da Santíssima Trindade de todos os bens que lá tinham ficado no pânico da partida de soldados e colonos. Levara as imagens sagradas. Os próprios altares, as custódias de oiro e prata, os cálices dourados, os candelabros, os tocheiros, prata aos montões. Armas antigas. Livros aos milhares. O recondito segredo das bibliotecas dos conventos. Quadros que tinham enchido paredes. Tudo, tudo...

— Olhe, siô. Vê este muro escalavrado? Aqui havia um pano muito grande com figuras do tamanho da gente, e que diziam representar a Ressurreição dos Mortos. (Malandro, pensei. E ele a dizer que tinha comprado a tapeçarca na Colômbia).

E agora que ele não tem nada para roubar, quero dizer, para carregar, o que é que anda fazendo com engenheiros, e tudo?

— Ah, siô. Agora ele vai salvar Vila Bela, então siô não sabe? Os Portugueses não levaram até ao fim a exploração do oiro. Então, agora, nosso Pai, além de máquinas trouxe uma turma de homens loiros, não são portugueses, não, que se embrenharam lá pelos campos da mineração. Parece que ainda há muito oiro. Ele não quer que a gente saiba. Mas nós, que nos importa? Que leve o oiro também. Nós aqui, siô, somos felizes de ser felizes, compreende?

PARA MALANDRO, MALANDRO E MEIO

Ao fim da tarde meu amigo voltou. Vinha alegre, risonho, esfregando as mãos onde luzia um leve lucilar de oiro em pó Os técnicos carregavam malas que colocaram no avião. Ele manteve com eles uma conversa em tom misterioso.

— Então as ruinas da Vila Bela da Santíssima Trindade, dão uma crónica para o seu jornal?

— Creio que não...

— Falou com os negros?

— Não. Eles são muito ariscos.

— Sei. Puro estado selvagem. Estou arrependido de ter trazido você...

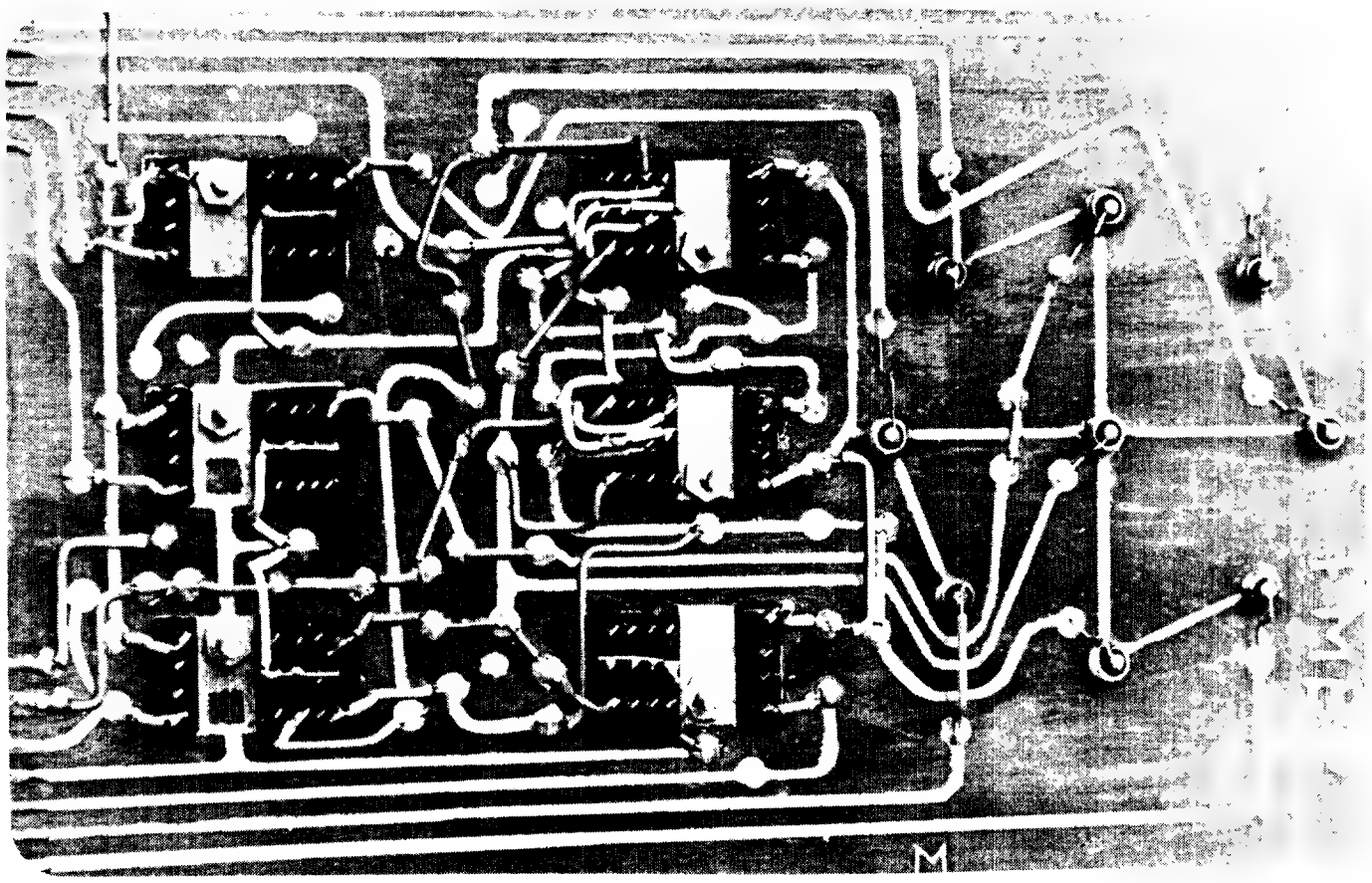
— Não. Foi até bom respirar esta atmosfera não poluida...

— Aí tem. Foi por isso que trouxe você. Mas não conta a ninguém, não?. A respeito desta viagem, bôca-de-siri, tá?

E claro, leitor, que jurei guardar o mais absoluto sigilo.

EM NOVEMBRO, NO SALÃO DE GENEBRA:

INVENÇÕES PORTUGUESAS



Extraordinàriamente complicado para um leigo, o sistema tem, no entanto, a sua base na simples combinação de elementos binários, presentes ou ausentes

Embora Genebra não apresente grandes diferenças em relação à exposição internacional de Bruxelas, o seu Palácio de Exposições foi o centro escolhido por cerca de mil inventores e industriais europeus, numa sondagem efectuada com o intuito de seleccionar, de entre as principais capitais cosmopolitas, aquela que oferecia melhores condições para um «desdobramento semestral» do grande Salão de Inventores de Bruxelas. Cerca de 15 mil inventores e industriais suíços e europeus receberam convite para porem à prova os seus engenhos e o seu interesse mútuo de fabrico e comercialização dos produtos que apresentassem viabilidade de entrar em qualquer espécie de mercado.

PARA SUIÇO VER

TRABALHOS PREMIADOS

Um esferocomputógrafo, um processo de limpeza da superfície das águas com aproveitamento de detritos em especial do petróleo, uma caixa portátil com corpo incorporado na garrafa, um sistema de comunicação alfabetico-lógico, um descensor, um alarme electrónico para automóveis e um aparelho antipoluição para viaturas — de sete inventores portugueses — vão ser apresentados (alguns pela 2.ª vez, com aperfeiçoamentos) no próximo dia 18 de Novembro ao I Salão Internacional de Invenções e Novas Técnicas, em Genebra, réplica que corta ao meio o período de um ano decorrente entre cada Salão Internacional de Inventores que, desde há muito tempo, se tem vindo a realizar em Bruxelas repetindo-se uma vez mais em Março do ano que vem.

O júri de Genebra, constituído por professores da Escola Técnica Superior de Genebra, por engenheiros, directores de sociedades de investigação, por conselheiros técnicos e industriais e do qual faz parte o presidente da Associação Portuguesa de Inventores, eng.º Duarte da Fonseca, atribuirá às melhores invenções, 10 prémios, conferidos aos laureados num banquete final.

Portugal está bem representado: José Manuel Carapeto Patrocínio, tenente de cavalaria da GNR; Mário Gama, oficial da Marinha Mercante; António Pedro, geólogo radiostesista; João Silva, desenhador de embalagens; António Monteiro Alves dos Santos, major do Exército; Luís José Oliveira Júnior, engenheiro civil; e Leonel da Fonseca Amor, funcionário da Câmara — membros da Associação Portuguesa de Inventores, uns, «freelancers» outros, os sete concorrentes portugueses a Genebra apresentam, quase todos, trabalhos já premiados em Bruxelas, com aperfeiçoamentos que, se classificados, oferecerão uma nova possibilidade de comercialização — ainda difícil — ou até de desenvolvimento.

PELA PRIMEIRA VEZ UM DESCENSOR

Com o 7.º ano de Ciências, o 3.º ano imcompleto de Medicina Veterinária, filho de proprietários agrícola e tenente de cavalaria da GNR, José Manuel Carapeto Patrocinio vai pela primeira vez apresentar em Genebra, um «Descensor» — dispositivo destinado a descer ou suspender qualquer peso, utilizando a força da gravidade.

Com cerca de três quilos de peso, o pequeno mecanismo (para uma espécie de assento suspenso) baseia-se num **«num sistema de travagem, maior ou menor, que se aplica a uma roldana. Por intermédio de duas axilas revestidas de ferôdo pode a referida roldana libertar, com maior ou menor velocidade, um cabo** de aço ou de outro material — **que se encontra enrolado na sua garganta e ligado por uma extremidade a qualquer pessoa ou volume que se pretende descer, aproveitando a força da gravidade».**

«Li em vários diários certas catástrofes do Brasil, do Japão, e de Saigão » — ouvimos do inventor. **«Prédios incendiados de onde as pessoas se atiravam às cegas vindo-se esmagar cá em baixo. À mesa do café, depois de muito pensar e de quatro horas de trabalho, descobri esse sistema. Poderá salvar pessoas de qualquer peso ou idade, surpreendidas por incêndios nos hóteis ou nas suas residências, quando já impossibilitadas de utilizar as escadas ou os elevadores. Poderá ser utilizado por bombeiros, retirando-lhes as apreensões da descida».**

Beneficiários do invento são também a construção civil, para um meio económico de descer operários ou materiais, as operações de limpeza, pintura ou retoques dos exteriores dos edifícios, desde que adaptado um estrado, ou a prática de alpinismo e até, como diz o seu autor, as Forças Armadas em certas missões que compreendem descida de pessoal ou material em terrenos escarpados, saída rápida dos andares superiores dos edifícios ou outras aplicações do género.

«Seria útil tornar obrigatório, por lei, a utilização deste meu aparelho em todos os prédios elevados, a partir do terceiro andar, não só para os edifícios públicos mas também para todas as casas particulares. Era curiosos por exemplo que fosse o Governo português o primeiro do mundo a tornar obrigatório o uso do «descensor» nos hotéis».

NO ANO QUE VEM, UM DIGITÓGRAFO A BRUXELAS

No seu curriculum de inventor solitário — pois além de não pertencer á Associação Portuguesa de Inventores não conhece nem jamais contactou com os seus «colegas de classe», o autor deste sistema salva-vidas ganhou já anteriormente dois diplomas e respectivas medalhas de bronze em Bruxelas com um ventilador para boquilhas e cachimbos (comercializado) e com uma máquina de colheita de frutos.

«O que é preciso é por a imaginação a trabalhar». E para que ela não corra o risco de encravar, o tenente de cavalaria registou já uma nova invenção — um «digitógrafo» que permitirá às pessoas com dificuldades de utilização dos dedos ou mesmo sem mãos ou braços, a faculdade da escrita: um dispositivo que apresentará desta vez em Bruxelas, constituido por um anel e um dedal onde se aplicará, respectivamente, a caneta ou o lápis e onde se introduzirá a falangeta da mão ou do pé, ou até o coto do membro amputado, permitindo assim a escrita, a pintura e o desenho.

Com 43 anos de idade e oito de inventor nas horas vagas, este candidato ao «Grand Prix» de Genebra continua a trabalhar a imaginação «pelo prazer de a ver funcionar». Apesar de ter já outro invento na forja, destinado a cegos — um sistema detector de obstáculos que dispensa energia eléctrica e bengala — a sua ideia é a de que se limita, como os outros, a **«conjugar coisas já inventadas, pois já foi tudo inventado. A roda, o ponteiro, a alavanca, o compasso, o motor — isso é que foram as grandes invenções!»**

UMA ESTRUTURA ALFABETICO-LÓGICAPERMITIRÁNOVO SISTEMA DE COMUNICAÇÃO

Preocupações de natureza linguística e de comunicação levarem de há 12 anos para cá o major Alves dos Santos a estudos sucessivamente mais profundos sobre comunicação em geral e linguística moderna em particular, até à descoberta de soluções que modificam a estrutura alfabética no sentido da Informática.

A nova estrutura, que mereceu já em Bruxelas uma medalha de ouro, vai agora ser apresentada em Genebra com algumas alterações no campo da aplicação tecnológica do seu princípio alfabetico-lógico de tipo booleano.

— **Nada disto me ocuparia se fosse um simples passatempo. Mas eu tenho uma finalidade social: não há nada mais social do que a comunicação, e aqui tenho um alcance ambiciosíssimo. Não há dúvida que a língua é fundamental. E eu só posso comunicar com um chinês ou com um russo se souber a língua deles. Ora eu acho que o homem do século XX devia ter vergonha de encontrar os seus semelhantes e não ser capaz de comunicar com eles. Portanto há no meio de tudo isto uma filosofia profunda que não é nova mas que me obriga a contribuir com qualquer coisa. Sob o ponto de vista pessoal há uma realização — vou participando ao nível que me consentem.**

Registada a patente em 1967, a sua profissão de oficial do Exército ofereceu-lhe possibilidades, quer na América quer depois em França, onde foi chefe dos Serviços de Management da NATO, de intensificar as suas preocupações sobre comunicação e recolher bibliografica técnica necessária para o desenvolvimento da sua ideia.

— **O que vou apresentar em Genebra, fundamentalmente, é o que já apresentei em Bruxelas, com algumas modificações. Um sistema de comunicação alfabético-lógico, de tipo booleano, que permite ao homem dar ordens de tipo digital a uma máquina de escrever, uma máquina de perfurar, a um veículo, a um sistema de telecomunicações, de trânsito, uma máquina de pintar ou desenhar — não interessa. Pretende-se criar um sistema normalizado ou normalizável mais evoluido de utilização dos dedos, estabelecer portanto uma ligação do homem com a máquina. Como a estrutura vai ser a mesma para a comunicação máquina-máquina e para a máquina-meio ambiente, consegue-se estabelecer uma ligação estrutural alfabética entre o homem e a máquina e, através da máquina, entre o homem e o meio, que será a mesma para o homem-homem.**

Extraordináriamente complicado para um leigo, o sistema tem, no entanto a sua base na simples combinação de elemtos binários, presentes ou ausentes. Combinação infinita de traços verticais e horizontais, de traços oblíquos, de traços e pontos, de cores, de uma infinidade de representações lógicas que permitem a adopção de seu mesmo sistema de comunicação entre pessoas de mundos diferentes.

Assim o major Alves dos Santos, presidente da delegação de Lisboa da Associação Portuguesa de Inventores, apresentará em Novembro, no I Salão de Invenções e Novas Técnicas de Genebra, uma máquina de escrever eléctrica sobre o teclado da qual instala um acessório: um esquadro

DL REPORTAGEM

oblíquo, divido em duas partes, sobre cada uma das quais faz correr um cursor com cinco, seis ou sete teclas. Ao dedo médio corresponderá uma elevação em altura, instalada na tecla ou no próprio cursor de modo que a mão, por intermédio do dedo médio, possa empurrar o cursor no sentido da oblíqua. Haverá portanto, dois cursores que deslizam no teclado já existente, para cima e para baixo, posiocionando-se em diversas linhas. Os dedos seleccionam as colunas de uma matriz e a deslocação dos cursores definirá as linhas dessa matriz.

Com pequeníssimas deslocações da mão, desde que eu disponha de uma estrutura abstracta, tenho possibilidades de milhentas representações lógicas.

SISTEMA GRÁFICO UNIVERSAL

Além deste acessório será apresentado um teclado de seis teclas. Aplicado sobre uma delas há uma tecla boleana que é o selector matricial de alfabetos enquanto as outras funcionam como selector digital de elementos básicos universais da estrutura alfabética escolhida. Uma estrutura teòrica, um sistema selector de tipo digital, uma cabeça ao mesmo tempo de leitura e de impressão, ou desempenhando apenas uma dessas funções, e um sistema de réguas (ou outro qualquer) de posicionamento dessa cabeça — são os elementosbásicos universais da estrutura alfabética escolhida. Uma estrutura teórica, um sistema selector de tipo digital uma cabeça ao mesmo tempo de leitura e de impressão, ou desempenhando apenas uma dessas funções, e um sistema de réguas (ou outro qualquer) de posicionamento dessa cabeça — são os elementos essenciais desse invento.

Podemos dar um exemplo concreto: no alfabeto latino há o l e o E (maiusculos) que se distingue do 1 (minúsculo) e do F (maiusculo) através da aplicação de um elemento binário que ora está representado ora não está. Se este princípio é válido para estes elementos é-o também para quaisquer outros se válido nesta posição é-o em qualquer outra. É uma questão de convenção.

E de convenção em convenção chegamos à chave dos meus caracteres alfabéticos. Assim, no entanto, só tenho um número restricto de alfabetos e com os progressos da técnica e da eléctrónica posso necessitar de alfabetos em número infinito e de base infinita. Obtenho-os compondo indefenidamente caracteres, com bases também composta. Pegando neste exemplo disponho de um sistema gráfico universal com o qual posso representar toda a qualquer coisa que possa ser detida em termos digitais: alfabéticos, numéricos, alfa-numéricos, tonais, etc..

Das aplicações práticas deste sistema numa fase imediata, poderão beneficiar os diminuídos físicos e os cegos. **Isto não tem para mim qualquer fim lucrativo. Com o prémio que espero obter em Genebra tenciono concorrer a um outro concurso. Parte desse prémio — se o ganhar — será posto à ordem de uma instituição de beneficência e o restante tenciono entregá-lo à empresa de electrónicos que promove o concurso para o aperfeiçoamento ténico do meu sistema, em benefício dos diminuídos físicos. Neste momento estou numa fase em que já não tenho meios para prosseguir e preciso de ajuda para andar para a frente.**

DESPOLUIÇÃO DAS ÁGUAS DO MAR

Natural de Viseu e ali residente, António Pedro, geólogo-radiostesista leva a Genebra um processo que pode ser importante e que foi já objecto de uma menção honrosa em Bruxelas: um sistema de limpeza da superfície das águas, com aproveitamento dos detritos-óleos, em especial do petróleo.

Trata-se de uma descoberta (e não de um invento) que permite a limpeza de grandes volumes de água poluída e particularmente das águas do mar. Ao mesmo tempo pode aproveitar-se o petróleo em bruto derramado à superfície que de outra maneira se perderia irremediàvelmente.

A ideia surgiu com as sucessivas notícias de acidentes em petroleiros que espalhavam, pela superfície do mar o seu sangue negro, intoxicando mortalmente a flora e a fauna marítimas.

A descoberta já patenteada, continua o concorrente a Genebra, **destina-se de facto e principalmente, a combater a chamada maré negra, limpando todos os cursos de água por processo prático, de fácil materilização e aplicação.**

O aparelho inspirado nos alcatruzes de uma nora, tem o fundo crivado de pequenos orifícios, e, fazendo mergulhar o seu sistema de absorção, permite o escoamento da água limpa e a retenção de impurezas que logo são depositadas num recipiente adequado.

A eficiência e a extensão dos trabalhos a executar, segundo informa António Pedro, **dependem do número de unidades empregues, de acordo com a tonelagem e o armazenamento do barco que proceder à despoluição através de uma roda de alcatruzes movimentada com a velocidade que se deseje. A descoberta pode também ser aplicada em rios e lagos, ou outras extensões de água, pois destina-se também a lutar contra os prejuizos que muitas fábricas provocam nos rios para onde canalizam detritos e escórias.**

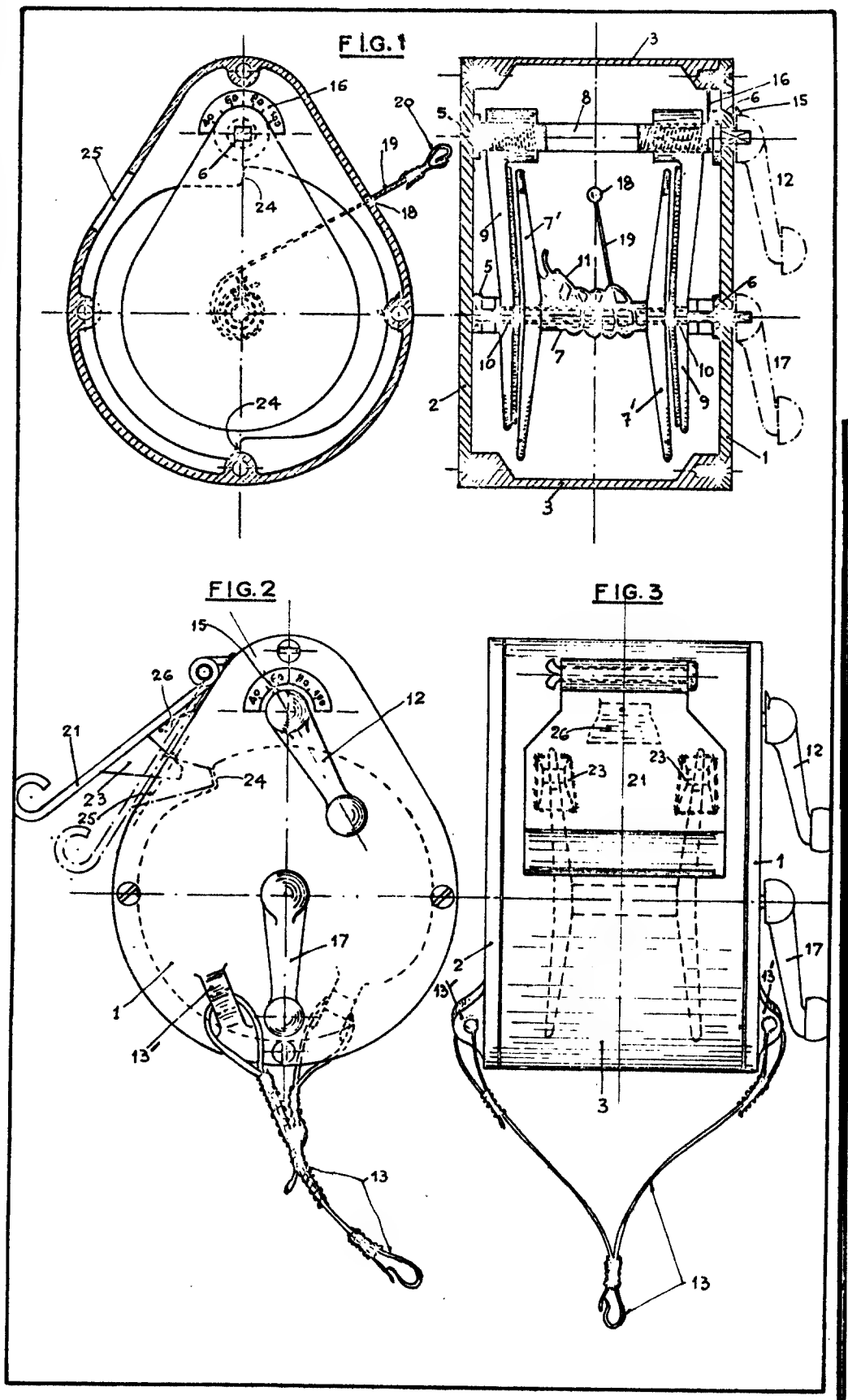
Distinguido com uma medalha de prata em Bruxelas foi já o sistema que o engenheiro civil Luis de Oliveira Junior irá expor em Genebra, em Novembro próximo, depois de alguns aperfeiçoamentos introduzidos para uma maior facilidade de reprodução industrial. Alarme electrónico para automóveis, destinado especialmente à prevenção rodoviária, o sistema de alarme foi estudado segundo afirma o seu autor, para combater «o verdadeiro flagelo que representam os acidentes com veículos automóveis, agravado pela circulação cada vez mais intensa de veículos ligeiros e pesados».

Torna-se necessário portanto, que todos esses veículos possam ser equipados com aparelhos que aumentem a sua segurança e, para isso, dispomos hoje da electrónica. Nas condições actuais de circulação está provado que, devido principalmente à velocidade, se torna cada vez mais difícil aos condutores aperceberem-se da maior parte dos perigos que se lhes deparam, apesar de toda a sinalização existente e dos cuidados que as entidades responsáveis têm dispensado a este tão grave problema.

Como engenheiro civil, embora não tenha trabalhado no projecto e construção de estradas mas sim na construção civil e obras públicas, Luis de Oliveira Júnior sempre se interessou por essa especialidade principalmente pela segurança rodoviária. Foi esse interesse que o levou a aplicar a electrónica a sistemas de sinalização rodoviária, a fim de diminuir o número de acidentes, equipando sobretudo os automóveis com um sistema de segurança activo.

— As situações de perigo surgem quase sem aviso — lembra. — Este sistema tem a finalidade de produzir esse aviso junto do condutor no interior da sua viatura. O condutor terá na sua frente, no painel de instrumentos do seu automóvel, um sinal com a palavra «perigo» que emitirá uma luz vermelha sempre que as condições de trânsito se tornem perigosas: cruzamentos, aproximação de veículos pesados, curvas limites de velocidade, pràticamente tudo o que possa degenerar em acidente, será registado.

O custo do aparelho, depois de industrializado, será inferior ao de um autorádio.



Descensor: aspectos posterior e lateral (fig. 1), frontal (2) e anterior (3). A descida pode ser controlada pelo mecanismo de detenção e segurança que imobiliza a roldana, podendo o aparelho acompanhar a pessoa descida.

OBRA - PRIMA DE BOSH RESTAURADA EM LISBOA

Mostra verdadeiramente espectacular do trabalho exaustivo e paciente por parte dos artistas, técnicos e investigadores, a exposição da obra de Jerónimo Bosch «Tentações de Santo Antão» actualmente no Museu de Arte Antiga, após os trabalhos de restauro a que foi submetida, é prova flagrante — além de bela — do alto nível técnico que o Instituto de Restauro de José de Figueiredo já atingiu no tratamento de obras de arte. O trabalho realizado ao longo de mais de dois anos permitiu que a pintura — uma das mais importantes do museu das Janelas Verdes e de valor incalculável — possa ser apreciada em toda a sua riqueza pictórica, na realidade deslumbrante, bem como as diversas fases de análise e tratamento por que a obra passou. Pode crer, leitor, só depois de ver poderá fazer uma ideia do quanto o de belo teria perdido, se lá não tosse.

O tríptico «Tentações de Santo Antão», considerado por muitos como a obra maior do grande pintor flamengo do século quinze — de apelido Van Aeken mas que adoptou Bosch devido ao nome da sua terra natal, Hertogenbosch — conservou-se nas colecções régias portuguesas desde a primeira morada do séc. XVI até final do diséc. XIX, julgando os estudiosos que a obra foi adquirida pelo humanista Damião de Góis. Em 1913, após a queda da Monarquia, foi transferido do Palácio das Necessidades para o Museu de Arte Antiga e incorporado no património do Estado.

Na terceira década deste século e em virtude dos processos de restauro que sofreu no século anterior a pintura acusava uma alteração progressiva dos retoques e da camada de verniz. Apesar disso, foi exposta em três exposições internacionais dedicadas à obra de Jerónimo Bosch, não sem o desacordo do ao tempo director do M.N.A.A., dr. João Couto, que via a necessidade de se proceder ao exame prospectivo e ao tratamento adequado da obra. Esse trabalho foi efectivamente iniciado por aquele museólogo através de um exame radiográfico, permitindo este primeiro ensaio revelar algumas das modificações introduzidas pelo próprio autor no tríptico.

TRABALHO DE VALOR

Há realmente necessidade de se fazer um estudo objectivo e profundo da pintura antiga, que só agora foi possível realizar devido à reestruturação do Instituto e às verbas concedidas ao Museu pelo Ministério da Educação — afirma a directora do M.N.A.A., dr.ª Maria José de Mendonça. E acrescenta:

Este trabalho surgiu devido à consulta que o Centro de Pesquisa de Pintura Flamenga fez ao Museu, tendo por objectivo a publicação de um «corpus» dedicado à pintura flamenga nele existente. Era de toda a conveniência, portanto, proceder-se à rectificação das antigas intervenções para se obter uma reprodução correcta. E não há dúvida de que o trabalho realizado no Instituto é do maior valor, reconhecido, de resto, por todos os especialistas de restauro que participaram no recente congresso aqui em Lisboa.

Seria fastidioso relatar aqui, detalhadamente, todos os meios técnicos usados no estudo e tratamento das «Tentações de Santo Antão»: a documentação fotográfica, radiográfica, etc., patente na exposição é por de mais expressiva. Apenas gostaríamos de despertar o leitor, aguçar-lhe o apetite para a visita que consideramos imperiosa...

Reys Santos, restaurador-chefe do Instituto: «Há muito a fazer. No intervalo das visitas à exposição vou continuando o trabalho»

O TRATAMENTO

Poderá perguntar-se em que estado estava a obra para justificar tão grande cuidado. Na verdade, a pintura tinha **«os vernizes amarelecidos e espessos, velando parcialmente a virtuosidade da factura, modificavam o aspecto original desta, deturpando a noção de espaços e volumes, contribuindo para o desequilíbrio dos seus valores»**. Por outro lado, afirma-se ainda no catálogo da exposição que **«as cores tinham adquirido uma opacidade que prejudicava a verdadeira pureza dos tons. Nas zonas das juntas do suporte, retoques enegrecidos e largos repintes tinham quebrado a unidade da composição e a harmonia primitiva da obra»**.

Em duas palavras poderemos referir o tratamento sofrido pela pintura: remoção de vernizes amarelecidos e retoques. No painel central, cuja zona central se encontrava gasta, depois de removidos os repintes foram reintegradas as pequenas faltas nas zonas em que era indispensável fazê-lo para uma melhor «leitura» da pintura. Onde era visível o desenho do pintor e soluções anteriores de pormenor que depois abandonou, visíveis devido à transferência da pintura, não se tentou de forma nenhuma

"TENTAÇÕES DE SANTO ANTÃO" de JERÓNIMO BOSCH

Uma peça pertencente aos barros de Alcobaça, obra dos monges barristas do séc. XVII

Texto de MÁRIO CARDOSO
Fotos de ACÁCIO DE FIGUEIREDO

encobrir-se o que quer que fosse.

«NÃO É MISTIFICAÇÃO»

— **O nosso trabalho não é uma mistificação. Ao restaurarmos uma obra não pretendemos fingir que é o original mas sim permitir a sua «leitura» tal como o autor. Num restauro, a obra não é prejudicada, pois só se preenchem as lacunas que porventura existam e com materiais reversíveis. O objectivo de um restauro deve ser sempre a conservação e protecção das obras** — disse-nos a restauradora Maria Fernanda Viana, encarregada da oficina de pintura do Instituto que larga contribuição teve na exposição da obra de Bosch, coordenando-a e planificando-a, além de colaborar na sua organização.

Assim através dos gráficos executados sobre os elementos de estudo e através destes últimos, foi possível obter-se a visão de conjunto que a exposição mostra e que ajuda a descobrir uma nova faceta da obra. A presença de vasta bibliografia sobre Jerónimo Bosch e documentos fotográficos das reproduções existentes nos museus de Bruxelas, Berlim, Roterdão, Antuérpia, Madrid e São Paulo atestam o interesse suscitado pelo tríptico ao longo dos tempos e dão ao visitante uma noção ainda mais completa do trabalho realizado no Instituto de Restauro José de Figueiredo.

A ACÇÃO DO INSTITUTO

Dado o grande interesse de que para o público se reveste a exposição patente até ao final do mês no Museu de Arte Antiga, parece-nos oportuno divulgar também, em traços gerais necessàriamente, a vasta actividade do Instituto José de Figueiredo, criado em 1938 e há poucos anos oficializado. Instalado junto do museu das Janelas Verdes, em edifício apropriado, é sua função proceder ao restauro das obras artísticas pertencentes ao Estado, para o que dispõe de oficinas de pintura, pintura mural, escultura e têxteis, além de laboratório químico — recentemente equipado com material moderno e apto a proceder à análise completa de tintas e materiais — e laboratório fotográfico e de análise física das obras de arte através de radiografia, raios infravermelhos e ultravioletas, etc., que se encontra apetrechado de molde a corresponder à alta qualidade do trabalho que lhe é exigido.

O Instituto dispõe actualmente de 43 técnicos. A grande maioria começou a trabalhar ali em restauro, tendo a maior parte deles frequentado cursos e estágios nos mais categorizados centros estrangeiros, como nos confirmou o director, pintor Abel de Moura:

— **O Instituto de Alta Cultura e a Direcção-Geral dos Assuntos Culturais têm efectivamente concedido numerosas bolsas destinadas à valorização dos nossos técnicos. Por outro lado, têm sido muitos os especialistas estrangeiros que já aqui estiveram, colaborando connosco e informando-se das técnicas por nós utilizadas.**

«AMOR À CASA»

Num trabalho de tamanha responsabilidade como é o da restauração de obras de arte de valor incalculável, a formação e aperfeiçoamento dos técnicos é não só dispendiosa como demorada. Apesar das remunerações ao nível de organismo público — não correspondendo por isso à alta preparação e especialização adquirida —, os técnicos do Instituto que contactámos mostraram-se pouco dispostos a procurar novos rumos, quer fixando-se nos centros estrangeiros quer fazendo do exercício particular da sua profissão motivo para a obtenção de rendimento financeiro mais compensador. Como disse uma jovem pintora, «**ganha-se amor à casa...**» No entanto, «**há o perigo de os técnicos optarem por situações mais rendíveis, acedendo por fim a propostas que já se verificaram**», confirmou-nos o pintor Abel de Moura com um sorriso de tom de verniz amarelecido..

EXPOSIÇÃO DE RESTAUROS

Foi feita acima uma referência ao Congresso Internacional de Restauro ha poucos dias realizado em Lisboa. Para além da presença des dezenas de especialistas estrangeiros e das numerosas comunicações de grande interesse nele apresentadas, a sua realização no nosso País revestiu-se de grande importância para o Instituto José de Figueiredo. Na verdade, os congressistas além do tríptico de Bosch tiveram ocasião de apreciar nas suas instalações uma exposição dos trabalhos de restauro que ali decorrem neste momento, podendo assim aquilatar da qualidade da investigação e execução dos seus técnicos.

— **Surpreendeu-os a documentação exaustiva e a técnica que possuímos. Alguns dos processos que utilizamos nos restauros constituiram até novidade para muitos. O nosso trabalho foi realmente apreciado, como o demonstram as propostas que tivemos para intercâmbio de técnicos de restauro e de laboratório. Isto, claro, constitui um grande estímulo para nós** — diz-nos o director do Instituto.

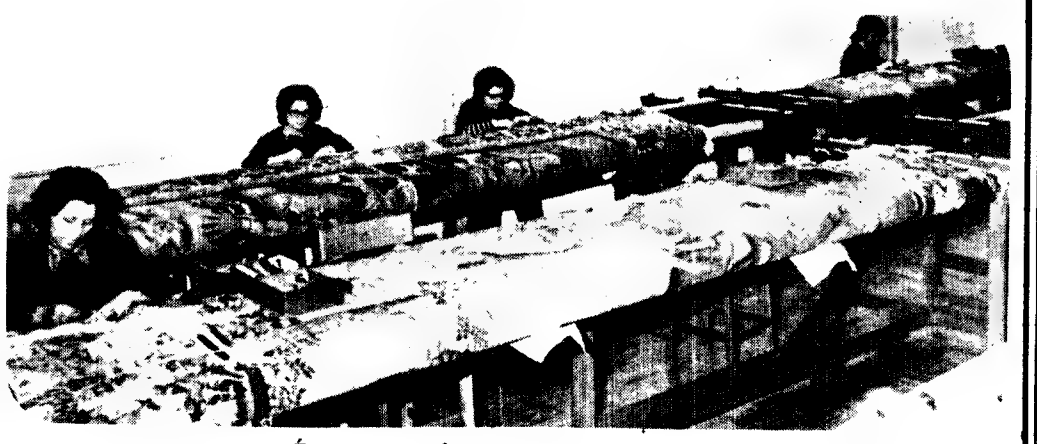
A exposição, patente até ao final do mês e também merecedora das atenções do público pela variedade dos trabalhos expostos, apresenta algumas obras de grande interesse, nomeadamente as tábuas que constituiram objecto do primeiro estudo sobre as técnicas da pintura portuguesa quatrocentista, o antigo retábulo da catedral de Viseu, pertencente ao Museu Grão Vasco, o retábulo de Santa Auta, das colecções do Museu de Arte Antiga, várias peças de escultura entre as quais o «Cristo Negro», cuja forma escultórica é do séc. XIV segundo atribuição od prof. Reinaldo dos Santos, o loudel de D. João I, na oficina de têxteis peça destinada a ser usada por cima da armadura, e ainda obras pertencentes a colecções particulares, tratadas no Instituto dado o seu reconhecido valor artístico. Está neste caso, por exemplo, o quadro do pintor contemporâneo Eduardo Viana «Duas cabeças de mulher» e também dois quadros de grande valor pertencentes à colecção Calouste Gulbenkian e danificados durante as trágicas inundações de 1967.

OBRAS DA GULBENKIAN RECUPERADAS

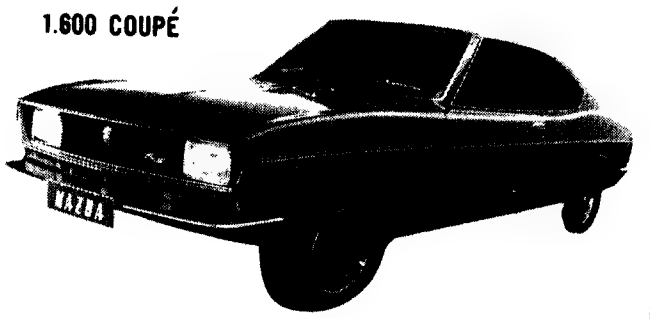
Os apontamentos necessàriamente ligeiros que temos dado ao leitor sobre o restauro em Portugal feito no Instituto José de Figueiredo, a propósito da exposição do tríptico «Tentações de Santo Antão», de Jerónimo Bosch — que, repetimos, deve merecer uma visita urgente — levam-nos também a referir a exposição, patente na Fundação Gulbenkian, das doze pinturas mais atingidas pelas águas da ribeira das Lajes que inundaram a casa-forte do Palácio do Marquês de Pombal, em Oeiras, onde se encontravam depositadas.

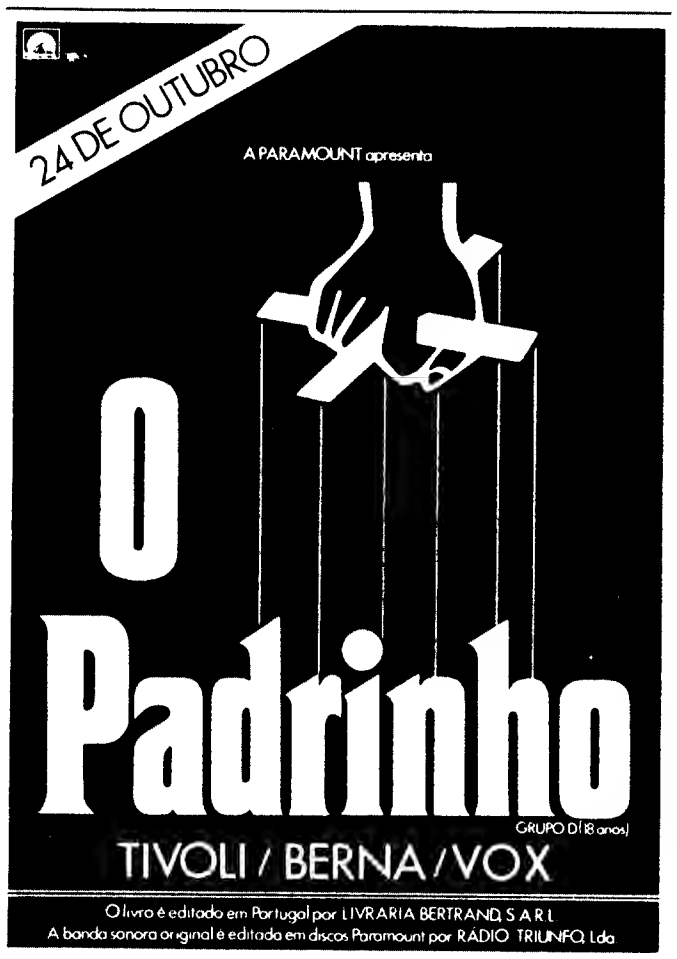
A recuperação de setenta quadros atingidos foi totalmente realizada no Instituto José de Figueiredo, e a exposição demonstra o extraordinário trabalho efectuado em obras de grande valor que chagaram inicialmente a ser consideradas perdidas. «Retrato de uma jovem», de Domenico Ghirlandaio, pintor do séc. XV, é talvez a obra mais valiosa exposta. Obras de Claude Monet, Fragonard, Corot, Guardi e outros retomaram o seu aspecto original, perdendo inclusive as deteriorações que o tempo lentamente introduzira nas cores e nos vernizes.

Das setenta obras, apenas duas se encontram ainda em restauro, como acima referimos, uma delas parcialmente perdida, «A ilha de San Pietro di Castello», de Francesco Guardi. Podem-se, pois, considerar bem empregados os mil e duzentos contos que a Fundação pagou pelos restauros. Nós todos somos os primeiros a beneficiar.



É preciso paciência para restaurar tapeçarias

GASQUILHO
& FILHOS, LDA.
AGENTE OFICIAL
MAZDA
1.600 COUPÉ

visite a exposição na
Av. Guerra Junqueiro, 14 A·B·C - Lisboa



Stand Albertino Henriques da Silva, Lda.

Esta Firma comunica que tem dezenas de carros dos últimos modelos, rigorosamente como novos, em praços excepcionais.

Recebem-se trocas e facilita-se o pagamento.

Para seu interesse não compre nem venda o seu carro sem consultar o nosso Stand.

Rua do Garrido, 73-A—Tels.: 727201-728793-725196

MARIA PINTO
COSTURA
Apresenta na próxima 5.ª feira, dia 26 às 15.30 horas
A SUA COLECÇÃO DE MODELOS FRANCESES
PARA OUTONO-INVERNO
ENTRADA POR CONVITES
Avenida da Liberdade, 173, 2.º — Telefone 43962

OS MENINOS GUERRILHEIROS DA

Antes dos 12 anos , a espingarda substitui os brinquedos

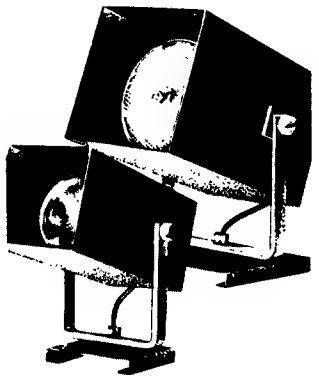
São ainda crianças não têm mais de doze anos, mas já se adestram na guerrilha, enquadrados em estabelecimentos militares. A excepcionalidade das imagens que apresentamos reside, porém, numa outra extraordinária circunstância: estas fotografias foram tiradas às escondidas, numa localidade secreta, perto de Amã, capital da Jordânia, o país que sufocou a actividade dos guerrilheiros palestinianos num impressionante banho de sangue.

O massacre teve lugar há dois anos, em Setembro de 1970. Naquela altura, a Jordânia recolhia a maior parte dos refugiados palestinianos em cujos acampamentos se constituí uma organização de guerrilheiros tão vasta e activa que, em certo momento, acabou por ser um Estado dentro de um Estado. Os **fedayn** comportavam-se na Jordânia já não como hóspedes, mas como senhores: andavam uniformizados e armados, instituíam postos de bloqueio, investigavam as pessoas e os automóveis, e faziam frequentes incursões em território israelita.

Foi assim que, exactamente em Setembro de há dois anos, os fidelíssimos beduínos do rei jordano desencadearam um violentíssimo ataque contra as bases dos guerrilheiros. Empregaram carros blindados, artilharia e aviões. Os canhões despejaram toneladas de projécteis de fósforo. Bairros inteiros de Amã transformaram-se em campos de batalha dos quais se elevavam imensas colunas de fu-

O ataque às defesas de arame farpa

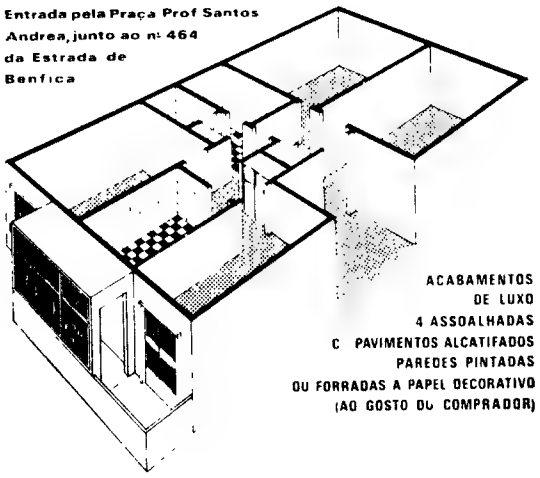
ILUMINAÇÃO INCANDESCENTE
SQUARELINE



PROJECTORES PARA MONTRAS
JF
J.F. DE AZEVEDO E SILVA & C.A, L.DA
TEL. 654165 * LISBOA

As suas jóias estão antiquadas? Pode vendê-las ou trocá-las pelos últimos modelos.
GRANDE OURIVERSARIA
DA MODA
RUA DA PRATA, 257

PARA HABITAÇÃO OU RENDIMENTO
ANDARES
EM BENFICA - Rua Dr José Batista de Sousa, 11
Entrada pela Praça Prof Santos Andrea, junto ao nº 464 da Estrada de Benfica



ACABAMENTOS DE LUXO
4 ASSOALHADAS C PAVIMENTOS ALCATIFADOS
PAREDES PINTADAS OU FORRADAS A PAPEL DECORATIVO (AO GOSTO DO COMPRADOR)

DESDE 600 CONTOS
30% ATÉ À ENTREGA DAS CHAVES.
O RESTANTE EM 3 A 10 ANOS.
VEJA NO LOCAL O ANDAR MODELO.
SPOC
SOCIEDADE PORTUGUESA DE OBRAS DE CONSTRUÇÃO, LDA.
ROSSIO, 74-3º TELFS. 35438, 366257

● EXCLUSIVO MONDADORI

Foi depois do massacre de Setembro de há dois anos, a que chamam «Setembro Negro», com um balanço de 20 mil mortos e 30 mil feridos. Durante algum tempo, julgou-se que tinha chegado ao fim a actividade dos fedayn. Mas, como estas fotografias documentam, os seus campos vão-se reconstituindo. E não se sabe até quando. Talvez até ser resolvida a situação no Médio Oriente.

É este o campo secreto, perto de Amã, onde os jovens aprendem a manejar as armas e as ideias de guerrilha

Os rapazes palestinianos exercitam-se na luta...

JORDÂNIA

Em baixo: jovens fedayn no momento em que se empenham no adestramento militar.

Um momento da vida no campo clandestino: a cerimónia do içar da bandeira.

...do.

mo. O balanço desta desapiedada repressão foi espantoso: 20 mil mortos e 30 mil feridos, segundo os cálculos dos observadores estrangeiros.

Aquele mês de Setembro, ao qual os **fedayn** chamam «Setembro negro», assinalou o fim da sua actividade na Jordânia. Assim, pelo menos, se pensou então. Porém, hoje, parece claro ter-se tratado apenas de um compasso de espera, porque, como testemunham estas fotografias, os campos dos **fedayn** vão-se reconstituindo em segredo, não apenas para recomeçar a guerrilha contra Israel, mas para adestrar para a luta as levas mais jovens, precisamente os rapazes. E isto pressupõe certamente uma minuciosa organização acompanhada de uma ampla disponibilidade de meios.

Quais poderão ser as consequências desta renovada actividade dos guerrilheiros palestinianos na Jordânia? E qual será a atitude do rei Hussein relativamente aos **fedayn** reaparecidos no país após o massacre de 1970? São perguntas às quais não se pode dar ainda uma resposta. É certo, não obstante, que a planta da guerrilha na Palestina não se pode extirpar com facilidade, e que a causa da paz no Médio Oriente não consegue encontrar uma solução razoável.

A menos que não se enfrentem os problemas que estão na origem da tensão. Mas como? De que modo? Entretanto, os rapazes crescem com a espingarda nas mãos, aprendem a odiar brincando às guerras.

COSMETICA MARY QUANT

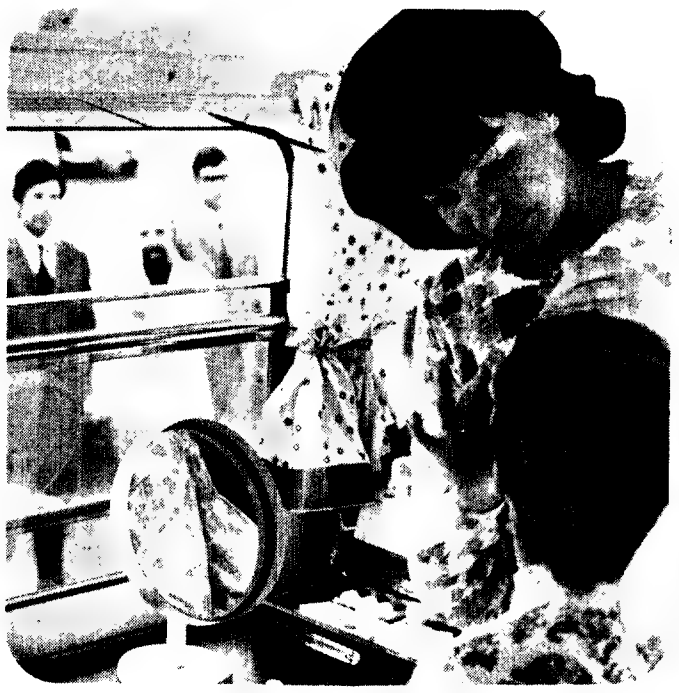
DE AUTOCARRO, NATURALMENTE...

A nova linha de cosméticos da Mary Quant (a mãe da mini-saia — lembram-se?) chegou a Lisboa num autocarro inglês. E disse: **Eu sou inteiramente natural. Nasci no coração do campo, com os nabos, as cenouras, as beterrabas, o trigo as flores silvestres e as abelhas.**

Dois manequins da Mary Quant e um especialista inglês de mãos de veludo não se cansaram de o repetir, na língua de origem, a quem os quis ouvir, no «bus» estacionado no Largo de S. Domingos, primeiro, e na avenida de Roma, depois. Esteticistas demonstraram a veracidade daquela afirmação, aplicando os bucólicos produtos sobre os rostos limpos das mulheres que os quiseram experimentar. Estas sairam do autocarro sem o ar artificial que era vulgar em quem acabava de maquilhar-se. Agora não: a tendência é para as cores suaves, a pele fresca e com um brilho **natural** os olhos iguais a si próprios. Mary Quant, desta vez, declarou guerra ao «eye-liner».

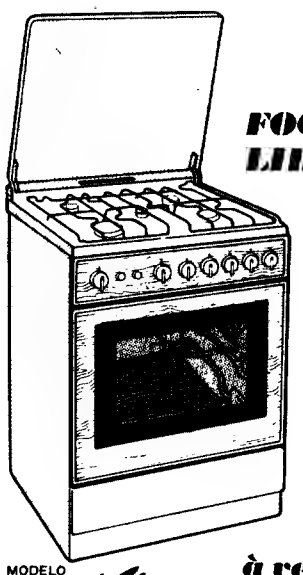
A saúde é um argumento para tentar impor a nova linha. **Os novos produtos, pela sua composição inteiramente natural, não só embelezam, como também tratam a pele** — diz-nos uma esteticista ligada à representação da Mary Quant em Portugal.

O método de lançamento e publicidade despertou a curiosidade e esta fez comprar os produtos. O mercado foi abastecido no dia anterior ao início das demonstrações e 24 horas depois a gama designada por «Special Recipes» estava esgotada para logo ser reforçada. Muitas das mulheres que, numa média de quase cem por dia, entraram no autocarro inglês (sem cobrar bilhete) terão agora, em suas casas, flores, legumes, cereais e mel vindos directamente de Inglaterra em bisnagas frascos e caixinhas.



Quem já os conhece, não se contenta com menos

ARTHUR MARTIN



FOGÕES A GÁS DE QUALIDADE INSUPERÁVEL

- ACENDIMENTO ELÉCTRICO TOTAL
- 5 QUEIMADORES
- ESPAÇOSO FORNO ANTI-GORDURA
- GRELHADOR RADIANTE
- TERMÓSTATO E CONTA-MINUTOS "STOP-GÁS"
- VÁLVULA TERMO-ELÉCTRICA DE SEGURANÇA
- ESPETO ROTATIVO, ELÉCTRICO
- PORTA DO FORNO COM AMPLA "JANELA" PANORÂMICA

MODELO 358-24

à venda nas boas casas de electrodomésticos

ARTHUR MARTIN DOMINA A CHAMA

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS:
SOCIEDADE DE REPRESENTAÇÕES
SIDA-SUECA, LDA.
RUA DE S NICOLAU, 44-48 • TELEFONE 36 93 31 • LISBOA

LARTEJO

SÍMBOLO DE COMPETÊNCIA NA

COMPRA E VENDA DE PROPRIEDADES

CONSULTE-NOS

AV. ALMIRANTE REIS, 178 - TELEF. 59111/2, 49347

LINGERIE: UMA PALAVRA DO PASSADO

«LINGERIE» — Termo de origem francesa, já há muito internacionalizado, que define o comércio de tecidos ou conjunto de diversas peças que compõem a roupa «de baixo» de uma pessoa.

A «lingerie» tem uma larga tradição... mas pensa-se, ou antes, tem-se a certeza, de que dentro em breve determinadas peças de vestuário que constituíam a roupa interior poderão vir a ser utilizadas como autênticas relíquias de museu.

Se Maria Antonieta fosse viva ficaria fula com a quantidade de tecidos gastos e usados em roupas íntimas que hoje não têm o menor sentido. Talvez mandasse até guilhotinar o primeiro costureiro que lhe aparecesse à frente. Avançada como ela era para o seu tempo, usaria hoje apenas uma minicombinação... ou nada!

O desprestígio da «lingerie» é cada dia maior e a indústria entra em pânico com a falta de consumidores. Diz-se que o que está por baixo não aparece. A silhueta tem sido entretanto e sempre, uma preocupação constante e embora mudem as armas a guerra continua... (continuará?)

ONTEM

Uma célebre modista francesa de roupas interiores, Madame de Lebigot decidiu, há anos, que o busto seria o principal ponto de atracção feminina. Daí que os seus «ateliers» começassem a ser procurados por personalidades tais como a Begun Aga Khan, Fara Diba, Duquesa de Windsor, Rose Kennedy, Bettina, Martine Carol... etc.

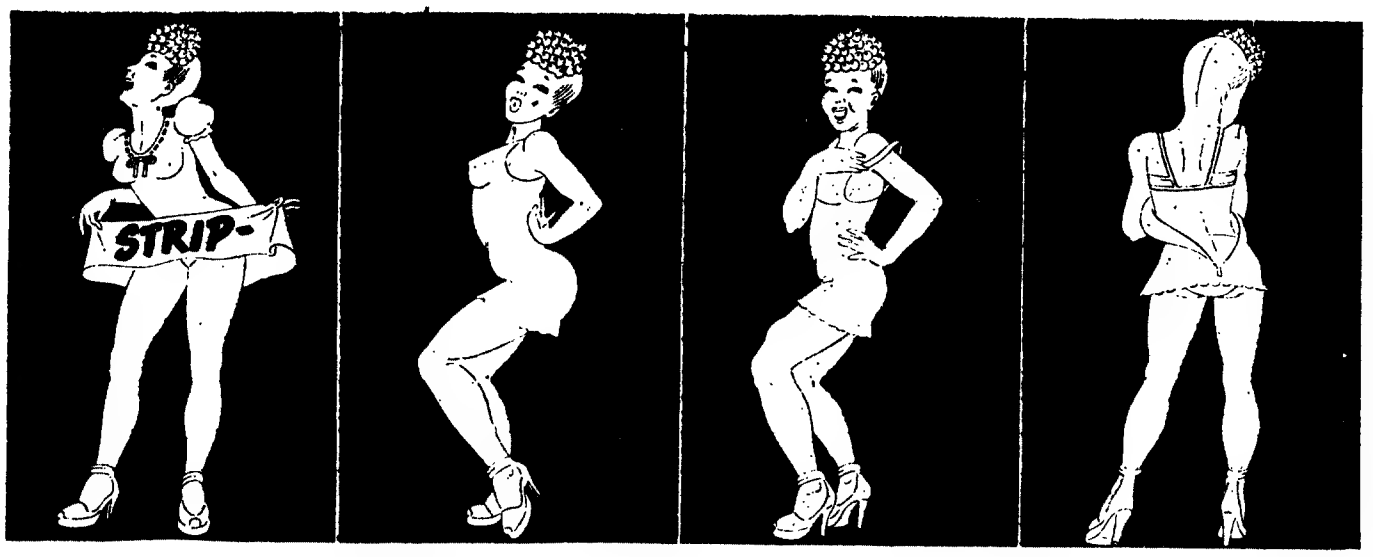
Era a altura dos «nylons» transparentes, dos «desabillés» de seda preta, dos emplumados. Quem não se lembra mais tarde da Lollobrigida e da Bardot «sugerindo» o busto em «apetecíveis» «southiens»? A Begum referindo-se a esta peça de vestuário disse: **Tem de ser perfeito e dar ao busto um ar vitorioso.** A duquesa de Windsor parece que usava jóias combinando com as peças íntimas e o Rei Faruk era quem escolhia as roupas interiores da mulher...

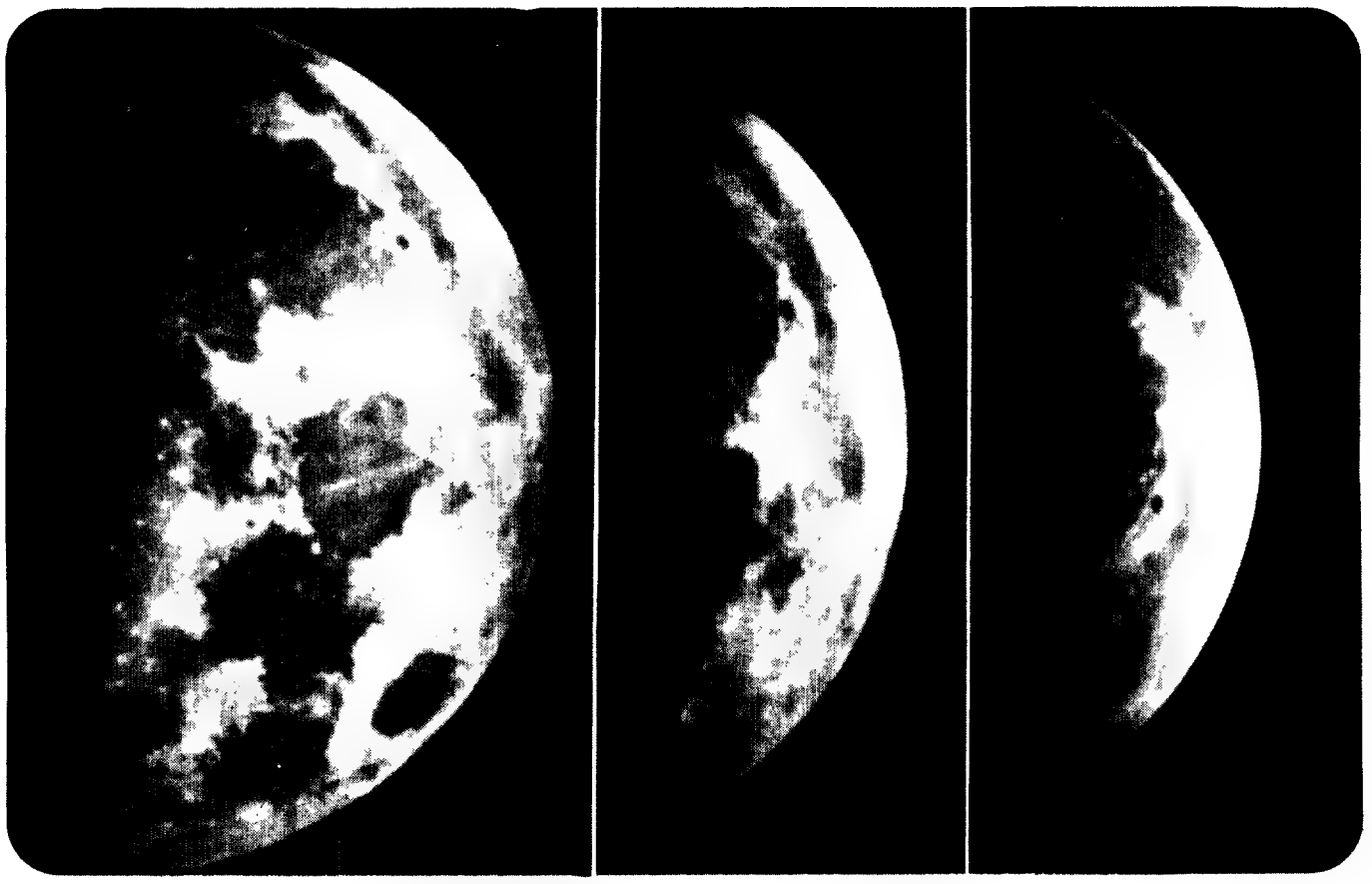
HOJE

A mulher de hoje libertou-se de «soutiens» e espartilhos. O «soutien» é alias peça que a mulher nunca gostou de usar. Trocou-se tudo isso por saunas e ginásticas. Cuidou-se da alimentação, adoptou-se a ginástica e a fisioterapia. A cinta passará dentro em breve a ser pertença do passado.

Peças interiores de papel substituíram as tradicionais peças de renda «nylon» e seda. Mais práticas tornam-se também mais higiénicas. Estas «roupas» vieram ao encontro da mulher moderna que viaja ou trabalha e não tem mais tempo de ocupar-se com o «requinte» da roupa interior.

Muito se admiraria, pois, Maria Antonieta e a Pompadour se vivessem nos dias de hoje...





ATÉ ONDE VAI A ASTROLOGIA?

Muitos dos que se interessam pelo assunto fazem uma distinçào entre diferentes formas de astrologia: haveria uma astrologia erudita, uma, astrologia «de gabinete» e, finalmente, uma astrologia de massa.

A astrologia de massa apareceu por volta dos anos 30. É aquela difundida pela principal imprensa e por certas estações de rádio. Geralmente anda em volta de três preocupações: amor, saúde, negócios (ou **«em sua casa»**, nos jornais femininos) e pretende responder a elas pelos horóscopos correspondentes aos signos do zodíaco. **«Vigie o seu fígado»** __ **«Esta semana, seja particularmente paciente com seu marido»** __ **«Não se mostre demasiado ambiciosa durante este mês; os astros não lhe são favoráveis»** __ Em França, as revistas especializadas, como **Astral, Astres, Horoscope, fornecem estes judiciosos conselhos de toda uma panóplia de «dispositivos» destinados, também eles a exortar o real, a corrigi-lo: elixires, anoris cativantes, aparelhos acústicos, ofertas de casamento, talismãs protectores.**

«Os astros descrevem bastante mais a vida do que a predizem», escreve Roland Barthes. **«São morais, aceitam deixar-se vergar pela virtude: a coragem, a paciência, o bom humor, o controlo de si próprio são sempre requeridos em face das decepções timidamente anunciadas.»**

Há dois anos a esta parte, duas técnicas vieram enriquecer esta astrologia das massas: a elet r ónica e a rádio. O computador «Astroflash», nos Campos Elíseos, que, «alimentado» com os dados referentes á data hora e lugar de nascimento de um indivíduo, pode fornecer 120.000 horóscopos diferentes, tinha recebido em 1 de Janeiro de 1971, a visita de 500.000 pessoas. E a «pitonisa» de Europa n.º 1, Madame Soleil, que, aliás, não fez mais do que adoptar uma formula já experimentada no Canadá e nos Estados Unidos __ continua apesar da hora tardia da sua «aparição» a receber cerca de cinco mil pedidos de consulta por dia.

Se a astrologia de massa, a mais espectacular visa mais a animar e a reconfortar do que a predizer, a segunda variedade de astrologia a **«astrologia de gabinete»** rsponde mais á definição do **Petit Larousse: «a arte de predizer o futuro após a inspecção dos astros».** Se bem que esta **«inspecção»** não se faça já de forma alguma, a olho nu ou com auxílio do telescópio, pois, as tabelas das «efemérides» e das «ligações» __ dando a posição dos astros em determinado momento, visto de determinado local __ substituiram o céu.

De facto há nos «gabinetes» muito poucos astrólogos dignos deste nome: «construir o tema» de alguém __ isto é saber aonde se encontravam o Sol, a Lua e os planetas no momento do seu nascimento exige conhecimentos e um certo rigor intelectual. Em contrapartida, existe um grande número de videntes de cartomantes, de quiromantes que se servem da astrologia para se darem uma linguagem e um prestígio «cientificos».

Porém, tambem aí se pode constatar que a maior parte dos astrólogos de gabinete desempenham mais o papel de psicólogos, médicos, peritos, financeiros ou simplesmente amigos da família, do que de adivinhos. E, sob o pretexto de conhecer o seu futuro, a maior parte dos clientes vem, de facto, para que a ajudem a tomar uma decisão. Isto explica, sem dúvida que nesta profissão, a maioria feminina das praticantes com aparência maternal __ como é o caso de Madame Soleil __ tenha mais êxito.

ERUDIÇÃO

Seja ela «de massa» ou «de gabinete» uma tal astrologia não tem, portanto, nenhuma base científica. Tem-na, então a astrologia dita **«erudita»?** É preciso em primeiro lugar fazer uma primeira observação: a astrologia «erudita» merece, pelo menos, o seu nome ao facto da sua complicação. Todos os astrólogos «eruditos» estão de acordo com isto: é muito difícil de interpretar o tema de alguém. Uma «dissonância» entre a Lua e Saturno (um angulo julgado «mau» entre as suas posições respectivas no ceu) pode indicar para o caso de uma mulher diz-nps o código da astronomia, quer avareza, quer uma tendência para a constipação, quer frigidez. O astrólogo que acredita sériamente na astrologia deve, portanto, examinar todas estas possibilidades, e o estudo de um tema comportará então, até 40 ou 50 folhetos.

Para esses astrólogos a astrologia é segundo a expressão de Raymond Abellio, simultâneamente **«uma arte, uma ciência e uma sabedoria».** É um meio de conhecer e de dominar o mundo e a própria pessoa. Mas não pode predizer o futuro. Perante as críticas dos científicos, recorda a palavra de Alexis Carrel: **«A ciência não deve rejeitar nada só porque o não compreende e porque se acha impotente para o explicar».**

Alguns __ que se chamam «cientistas» __ gostam de sublinhar que a própria ciência está em plena evolução: recentes investigações permitiram, por exemplo, revelar, para além das influêncuas bem conhecidas do Sol e da Lua (estações, marés), efeitos magnéticos, rádio-electricos e outros de certos planetas. E ninguém ainda deu uma explicação racional para o fenómeno bem conhecido dos hospitais psiquiátricos de encherem de doentes na altura da Lua cheia...

No entanto, mais do que procurar a sua saúde na ciência e na esperança de que esta estabelecerá um dia a relação física directa de causa e efeito entre o Universo e o Homem a maioria dos astrólogos «eruditos» reclamam a tepria simbolista segundo a qual o ceú não é senão o sinal legível daquilo que se passa entre os homens. Ou, como diz a lei das correspondências da **«Table d'Emeraud»: ««O que está em cima é como o que está em baixo e o que está em baixo é como o que está em cima».** O microcosmos é a imagem do macrocosmos.

Para os astrólogos simbolistas o reconhecimento da astrologia só pode vir do lado das ciências humanas e não se espantam absolutamente nada de ver interessar-se pelos seus trabalhos um número crescente de filósofos de psicólogos e de psicanalistas, que, como Jung e Emmanuel Mounier, descobrem que o simbolismo astral corresponde ás estruturas imaginárias e aos arquetipos psíquicos do Homem. E nunca se esquecem de citar as palavras controversas de Jung, pouco antes da sua morte: **«A astrologia apresenta-se de novo ás portas da Universidade depois de a ter deixado há três séculos».**

Alguns vão ainda mais longe: para eles, a astrologia é um instrumento para conhecer a «estrutura absoluta» do mundo; são os defensores da astrologia estrutural, como, em França, Jean Carteret e Raymond Abellio.

ACUSAÇÃO

Terminada esta panorâmica, é preciso ainda considerar a acusação, a mais grave e a mais antiga também, que foi feita contra a astrologia: seria um atentado contra a liberdade do Homem. Um cristão __ que acredita na liberdade dos filhos de Deus __ pode dizer que há «qualquer coisa de verdadeiro» na astrologia?

Em primeiro lugar, constatamos que muitos deles nem sequer se põem esta pergunta: Para eles não há nenhuma incompatibilidade. Os astrólogos «de massa» e outros «videntes» encorajam-nos, aliásnesta atitude (e por que processo!): a religiao é para eles um argumento de venda. Nos gabinetes, as imagens de Santa Teresinha, as inscrições **«Nossa Senhora de Lurdes proteja esta casa»**, acamaradam com as estatuetas de Buda. Nas páginas publicitárias das revistas de horoscopos, as medalhas do reverendo padre Fulano e as citações de São Paulo: **«Experimentai tudo e guardei o que é bom»**, fazem boa companhia aos talismãs incas e aos segredos dos magos indus. Compreende-se bem porquê: o inquérito I. P. O. P. que atrás citámos mostra bem que os católicos praticantes ocasionais estão favorávelmente dispostos em relação á astrologia. Pelo facto de deter o palmarés, a Itália do sul, não é a única região do mundo em que se encontra o sincretismos e a confusão entre as religiosidades.

Questão de maturidade da fé, dir-se-á. E o facto segundo esta mesma sondagem do I. F. O. P. dos católicos praticantes regulares serem mais refractários á astrologia parece confirmá-lo bem. Pelo menos no que diz respeito á astrologia de massa, ou de gabinete.

E, no que diz respeito á astrologia «erudita»? Aqui, as coisas são menos claras. Ao fazer a minha investigação, antes de redigir este artigo, encontrei astrólogos que se diziam marxistas parafascistas e outros que fazem profissão de cristianismo...A um deles perguntei como reagia á objecção de que a astrologia é incompatível com a liberdade dos filhos de Deus.

«Aí está», disse-me ele, **«um falso problema. Deus fez-nos livres, mas forneceu-nos também os meios para exercer esta liberdade, com conhecimento de causa. A verdadeira liberdade não consiste em suprimir o acontecimento mas em nos tornar transparentes a ele. 'Etre' e 'astro'** (ser e astro) **têm em latim a mesma raiz. Nós fazemos parte do Universo.»**

O EVANGELHO

André Barbault, teórico da astrologia simbolista aproxima-se desta tese ao declarar:

«O determinismo astral, sustenta a qualidade terrestre do Homem, produto da Natureza e partícula do planeta e passa pelos seus vínculos animais, as suas raízes ancestrais e arcaicas. (...) Não faz mais do que se sobrepor aos determinismos humanos: biológico, psicológico, sociológico.

Não se acrescenta a eles; exprime-se através deles»

Que concluir? Pessoalmente pergunto-me se um homem honesto pode rejeitar tão fácilmente a astrologia erudita como a astrologia vulgar (relativamente a esta ultima, parece-me evidente que a deve rejeitar). Não se pode acreditar que a astrologia erudita assenta, pelo menos, num certo conhecimento empírico do Universo?

Em contrapartida estou absolutamente certa de que um homem do século XX não pode fechar os olhos ao fenómeno social que representa a astrologia vulgar Parece, com efeito, bastante vão escandalizar-se com a existência de tantos astrólogos e de tantas publicações astrais. O snobismo e a intoxicação através da imprensa e da rádio não explicam tudo. É preciso render-se á evidência: existe hoje um número crescente de gente que, insatisfeita e desamparada, é capaz de se endereçar a toda a qualquer pessoa que se declare pronta a escutá-la se possível investida de uma aura de mistério. É aí que reside o verdadeiro escândalo.

Esta confusão dos homens explica-se, certamente, em grande parte, devido ás condições sociais e á existência de injustiças. Porém, entra também em jogo uma parte de necessidade de linguagem simbólica, de atracção pelos mitos e de interrogação sobre o sentido de vida que são aspirações eternas do Homem. E, sobretudo, testemunha a necessidade enorme de calor humano e de fraternidade. Talvez os cristãos, no seu desejo __ quantas vezes justificado __ de se adaptar ao mundo, não a tenham esquecido demasiadamente.

«Se os homens vivessem o Evangelho não haveria necessidade de Madame Soleil», disse Madame Soleil (na entrevista feita pelo padre André Séve).

Poderia ser que, também aí «houvesse verdade»...

Compañia Trasatlántica Española, S. A.

MADRID

PARA:

NEW YORK
FILADELFIA
NORFOLK

Recebe Frigorífico, Carga Geral e Cortiça
a moderna e rápida motonave espanhola

VALVANUZ

em 4 de Novembro p. fut.º

Os Agentes Gerais
LLORET & XAVIER, LDA.
Largo do Corpo Santo, 21-1.º
Telef. 32 46 71 e 32 72 58 — Telex. 1416 LLOXAV
LISBOA-2

TOYOTA
EMPILHADORES
eléctricos
a gás
e a diesel

SONARTE TOT EMP 8

SALVADOR CAETANO, SARL
VILA N. GAIA—
Quilómetro 1, E. N. 222
Tels.: 9820753 e 9820992
LISBOA —
Av. da República, 45, 7.º-Esq.º
Tels.: 76 21 33 e 77 32 88

TOYOTA uma força nova para a indústria

Compañia Trasatlántica Española, S. A.

MADRID

PARA:

NEW YORK, BALTIMORE e NORFOLK

Recebe Frigorífico, Carga Geral e Cortiça a moderna e rápida motonave espanhola

GALEONA

em 26 do corrente

Os Agentes Gerais

LLORET & XAVIER, LDA.

Largo do Corpo Santo, 21-1.º

Telef. 32 46 71 e 32 72 58 — Telex. 1416 LLOXAV

LISBOA-2

BOKASSA: A LEI DO BASTÃO

Os 45 detidos, todos condenados por furto, não esperavam, por certo, sê-lo. Tinham descido há pouco tempo ao vasto pátio da única prisão de Bangui, capital da República Centro-Africana (ex-colónia francesa, independente desde 1960, dois milhoês de habitantes, economia prevalentemente agrícola, nível de vida entre os mais baixos do continente africano) para o ritual passeio da tarde. Imprevistamente, no espaço livre, apareceu o presidente Jean Bedel Bokassa seguido por 45 soldados. Cada um destes trazia consigo um longo bastão de madeira. «Cada um ao seu», gritou Bokassa. «Não os deixem escapar, sovai-os até ficarem exaustos, sosai-os sem piedade até á morte.»

Foi deste modo que Bokassa, de 51 anos, ex-capitão do exército francês, ditador por seis (depôs, com um incruento golpe de Estado, o seu predecessor David Dakto), forneceu um ulterior exemplo do seu singular modo de administrar a justiça..«**E duro mas inevitável**», comentou, dirigindo-se a um jornalista inglês enquanto, com ar impassivel, seguia a alucinante cena que se desenrolava a seus olhos. Durante dez minutos, os militares, indiferentes aos gritos de terror dos prisioneiros, perseguiram-nos no pátio desfechado-lhes furiosas bastonadas partindo braços, pernas, cabeças (surpreendentemente os mortos foram apenas três).

RECURSO

Terminada a horrivel matança. «Estes tratantes têm a pele dura» Bokassa ordenou que os 42 sobreviventes fossem expostos durante cinco horas, sob um sol ardente, assaltados por enxames de moscas, ao escárnio da multidão. Milhares de pessoas foram coagidas a desfilar diante dos feridos e aos ladrões capturados de fresco foi imposta a obrigação de tocarem os corpos torturados para se darem conta da punição que os esperava. Pouco antes, falando pela rádio sobre o seu programa de lei e ordem, o presidente havia sido explícito: as bastonadas continuariam, todos os sábados, até à total extinção da praga dos furtos em todo o país.

O inesperado recurso aos métodos fortes, por parte de papá Bok (assim lhe chamam os súbditos) encontraria uma explicação plausível no descontentamento que se propaga entre a população por falta de avanço económico do país depois da partida, que teve lugar há dois anos, da maior parte dos peritos e dos conselheiros franceses. Falhada a tentativa para criar a União da África Central, juntamente com o Tchade e o ex-Congo Belga **Teríamos sido os parentes pobres da UniãoBokassa conseguiu até agora resistir à tentação de escancarar as portas do Estado (os seus principais recursos são a exportação do mogno e do ébano, algodão, amendoim e sisal) à influência chinesa e soviética, pagando, porém, um preço elevadissimo no sector das iniciativas sociais: faltam estradas, hospitais, escolas e, sobretudo, uma classe dirigente em condições de governar com eficiência.**

Eis porque Bokassa, afirma um diplomata ocidental, decidiu restabelecer a própria autoridade para subjugar ulteriormente a população. A cruzada para travar a difusão dos roubos («Para grandes males, grandes remédios») iniciada pelo presidente há duas semanas. As ordens eram peremptórias: após um processo sumário, orelha direita cortada aos ladrões pelo primeiro delito, a esquerda pelo segundo. Para os reincidentes, mão decepada e, à quarta condenação, a execução capital à cacetada.

CELNORTE CELULOSE DO NORTE, S. A. R. L.

Rua da Constituição, 797-4.º PORTO

- Estamos a construir uma fábrica em Beocriste, Viana do Castelo, para arrancar em meados de 1973.
- Vamos produzir 136 000 ton/ano de papel Kraft empregando as mais avançadas técnicas de fabrico.

SELECCIONAMOS PARA ADMISSÃO IMEDIATA:

PRODUÇÃO DE PAPEL

CHEFES DE TURNO

- FUNÇÕES: Dirigir e controlar as operações de preparação de pasta, máquina de papel, acabamentos e armazéns, durante os turnos.
- DEVERES DE RESPONSABILIDADE: Dirigir o pessoal do turno responsável pelo funcionamento das instalações; execução de relatórios de turno; zelar pelas normas de segurança e limpeza.
- CONDIÇÕES EXIGÍVEIS: Curso das escolas industriais ou equivalente; experiência de vários anos como chefe de turno ou condutor de máquina de papel.

REFINADORES-CHEFES

- FUNÇÕES: Dirigir, coordenar e colaborar nos diversos trabalhos de preparação da pasta durante o turno diário.
- DEVERES E RESPONSABILIDADES: Colaborar com o chefe de turno; dirigir e orientar o passoal da preparação; estabelecer ordens de trabalho para os turnos; controlar a existência de matérias-primas; zelar pelas normas de segurança e limpeza.
- CONDIÇÕES EXIGÍVEIS: Curso das escolas industriais ou equivalente; experiência de vários anos de refinador.

REFINADORES

- FUNÇÕES: Dirigir, coordenar e colaborar nos diversos trabalhos de preparação da pasta durante os turnos.
- DEVERES E RESPONSABILIDADES: Substituir o refinador-chefe durante os turnos; colaborar com o chefe de turno; dirigir e orientar o pessoal do turno de preparação; regular os comandos dos diversos equipamentos e orgãos de controle; orientar a adição de colas, sulfato de alumínio e cargas.
- CONDIÇÕES EXIGÍVEIS Curso das escolas industriais ou equivalente; experiência de vários anos como refinador ou ajudante.

CONDUTORES DA MÁQUINA

- FUNÇÕES: Conduzir, afinar e regular a Máquina de Papel (6,40 metros de largura no enrolador e 610 m/min. de velocidade máxima).
- DEVERES E RESPONSABILIDADES: Pôr em funcionamento, conduzir e afinar a Máquina de Papel por actuação na mesa de fabricação, prensas, secaria e no fim da Máquina; inspeccionar amostras do produto acabado; dirigir e orientar o pessoal da Máquina de Papel.
- CONDIÇÕES EXIGÍVEIS: Curso das escolas industriais ou equivalente; experiência de vários anos como condutor ou ajudante.

SECADORES

- FUNÇÕES: Conduzir e vigiar o funcionamento da secção de secaria da máquina de papel e a operação de enrolamento das folhas do enrolador.
- DEVERES E RESPONSABILIDADES: Passar o papel das prensas para o enrolador; controlar as tiragens através da máquina; vigiar o sistema de vapor e condensado; efectuar as necessárias correcções na secaria.
- CONDIÇÕES EXIGÍVEIS: Curso das escolas industriais ou equivalente; experiência de vários anos de secador ou ajudante.

PRODUÇÃO DE PASTA

OPERADORES DO DIGESTOR

- FUNÇÕES: Conduzir a instalação do digestor contínuo (530 ton./dia de capacidade nominal) operando todo o sistema de controle automático; executar os ensaios de controle analítico imediato; elaborar o mapa de controle diário da operação; cooperar com os serviços de conservação mecânica, eléctrica e de instrumentos.
- CONDIÇÕES EXIGÍVEIS: Curso industrial completo (formação de mecânico ou de electricista) ou equivalente; vigor físico para o trabalho em regime de turnos; espírito de equipa e vontade de progredir.
- CONDIÇÕES DE PREFERÊNCIA: Experiência profissional de operação em indústria química e trabalho em turnos.

OPERADORES DA CAUSTIFICAÇÃO

- FUNÇÕES: Conduzir a instalação de caustificação operando todo o sistema de controle automático; executar os ensaios de controle analítico imediato; elaborar o mapa de controle diário da operação; cooperar com os serviços de conservação mecânica, eléctrica e de instrumentos.
- CONDIÇÕES EXIGÍVEIS: Curso geral da escola industrial ou equivalente; vigor físico para o trabalho em regime de turnos; espírito de equipa e vontade de progredir.
- CONDIÇÕES DE PREFERÊNCIA: Experiência profissional de operação em indústria química e trabalho em turnos.

OPERADORES DO FORNO DA CAL

- FUNÇÕES: Conduzir a instalação de recuperação de cal (forno rotativo com capacidade para 120 ton./dia) operando todo o sistema de controle automático das condições de queima e da operação de calcinação das lamas; executar os ensaios de controle analítico imediato; elaborar o mapa de controle diário da operação; cooperar com os serviços de conservação mecânica, eléctrica e de instrumentos.
- CONDIÇÕES EXIGÍVEIS: Curso geral da escola industrial ou equivalente; vigor físico para o trabalho em regime de turnos; espírito de equipa e vontade de progredir.
- CONDIÇÕES DE PREFERÊNCIA: Experiência profissional de fogueiro em fornos rotativos e de trabalho em turnos.

VIGIAS DO ACABAMENTO

- FUNÇÕES: Dirigir, coordenar e colaborar nos diversos trabalhos de acabamento durante o turno diário.
- DEVERES E RESPONSABILIDADES: Colaborar com o chefe de turno; dirigir e orientar o pessoal do acabamento; estabelecer ordens de trabalho para os turnos; controlar diàriamente o papel enviado ao armazém.
- CONDIÇÕES EXIGÍVEIS: Curso das escolas industriais ou equivalente; experiência de vários anos de vigia ou bobinador.

BOBINADORES

- FUNÇÕES: Regular, vigiar e manobrar a operação de aparar e enrolar papel em bobina.
- DEVERES DE RESPONSABILIDADE: Dirigir e auxiliar no abastecimento da bobinadora e na sua operação; vigiar o enrolamento para detectar defeitos; fazer as emendas nas quebras.
- CONDIÇÕES EXIGÍVEIS: Curso das escolas industriais ou equivalente; experiência de vários anos de bobinador ou ajudante.

ATENÇÃO — A experiência prévia em funções similares dispensa as habilitações escolares mínimas exigidas

Respostas detalhadas, por carta, para a direcção acima indicada, devendo mencionar no endereço «PESSOAL-PASTA» ou «PESSOAL-PAPEL», conforme os casos a considerar

GENTE

De passagem para Paris, onde vai participar na Assembleia-Geral da UNESCO, estará amanhã em Lisboa o ministro brasileiro da Educação e Cultura, coronel **Jarbas Passarinho**. A chegada está prevista para as 12 horas no aeroporto de Lisboa. Durante a sua permanência em Portugal, **Jarbas Passarinho** tem na sua agenda encontros com o presidente do Conselho de Ministros, prof. **Marcello Caetano**, com o ministro **Rui Patrício**, dos Negócios Estrangeiros e, òbviamente, com o seu colega prof. **Veiga Simão**, da Educação Nacional, com quem jantará. Ainda em Lisboa, por volta das 6 horas da tarde, o ministro **Jarbas Passarinho** vai estar na Embaixada do Brasil para proceder ao lançamento do seu romance «Terra Encharcada», editado pela colecção «Livros do Brasil». Na terça-feira o ministro brasileiro segue em viagem para Paris.

●

Qual o montante da fortuna de **Elizabeth Taylor**? Esta pergunta, que por muito tempo atormentou os repórteres especializados em assuntos amenos, acaba de obter resposta em Londres. As suas colecções de jóias e obras de arte valem seis milhões de libras. Possui ainda um avião e um iate — avaliados conjuntamente em um milhão de esterlinas — além de um Rolls Royce e três casas: uma na Suiça, outra no México e uma terceira em Londres. Outros dados sobre **Elizabeth Taylor**: fala apenas inglês; recebe aproximadamente cem cartas diárias dos seus admiradores; compra cerca de duzentos vestidos por ano e dez jornais diários; tem quatro criados ao seu serviço — três no México e um na Suiça —, além de dois secretários particulares, um capitão e um maquinista para o iate. Como se isso não bastasse, **Elizabeth Taylor** tem ainda dez advogados espalhados pelo mundo; quatro filhos — um dos quais adoptado —; três gatos e três cães, além, é óbvio, de **Ricahrd Burton**, o marido. Quanto à sua vida artística: nos seus 32 anos como actriz rodou quase trinta películas, que, até agora produziram aproximadamente duzentos milhões de libras.

●

Teòricamente e de acordo com a lei grega, o magnate do transporte marítimo **Aristóteles Onassis** pode ser preso por seis meses. De facto os coronéis de Atenas aprovaram em 1969 uma lei que proíbe a quebra de pratos, uma tradição que se repetia durante a execução de uma certa dança folclórica helénica. Acontece que **Onassis** ofereceu recentemente em Atenas, uma festa em honra do seu filho **Alexandre** e das actrizes **Elsa Martinelli** e **Odile Rodin**. A festa terminou com o nascer do dia (e podia ser de outra forma?) com todos os convivas participando num tumultuoso baile folclórico, onde foram quebrados todos os pratos utilizados na recepção. No outro dia, **Nicolaos Galeadis**, fiscal do Governo grego, iniciava contra **Onassis** um processo, alegando que, na Grécia, a lei é igual para todos. Em que resultou tudo isso, ninguém sabe. O certo é que, dificilmente **Aristóteles Onassis** irá passar seis meses numa cela, sendo mais fácil a lei grega deixar de ser assim tão igual, como quer o zeloso fiscal.

●

No Mosteiro Carmelita de Santa Tereza, em Coimbra, a lei da clausura e do isolamento rigorosamente observada pelas monjas foi quebrado quando, em 1967, durante a sua peregrinação a Fátima, o papa Paulo VI manifestou o desejo de que a **irmã Lúcia**, uma das videntes de 1917, participasse no cinquentenário das aparições. Com a visita a Fátima do **cardeal Mindszenty**, arcebispo de Budapeste e primaz da Hungria, pela segunda vez a clausura foi quebrada, para que ele pudesse rezar junto de **Lúcia**, um velho desejo que foi realizado na capela do Mosteiro.

●

O ex-soldado japonês **Shoichi Yokoi**, que durante vinte e oito anos viveu nas selvas de Guam, onde há nove meses foi encontrado por caçadores e transportado ao Japão, parece estar empenhado em recuperar o tempo perdido na defesa do Mikado. Pelo menos é o que se deduz da leitura das últimas notícias sobre o ex-soldado. Ele arranjou uma namorada, a quem viu quatro vezes. O quinto encontro será para o casamento, a ser realizado em Nagoya, sua cidade natal, a 300 quilómetros de Tóquio. Ela chama-se **Mihoko Hatashi** e tem 44 anos de idade.

roteiro das aRTes

Por WANDERLEY DINIZ

SEMANA COM ARTE FANTÁSTICA
SALÃO & CINCO MOSTRAS

Para você que gosta de arte, esta é uma semana cheia de interesse. Nada menos do que cinco novas exposições foram abertas ao público nos últimos dias, sem falar nas que continuam à espera da sua visita. Ou, ainda, nas mostras colectivas, como o **Salão de Arte da Costa do Sol**, e esta importante selecção de gravuras sobre os mitos, a vida e a morte, enfeixadas genèricamente com o título de **A arte do Fantástico.** São trabalhos de Bruegel, Miró, Callot, Durer, Tiepolo, Piranesi, Gorja, Bartolozzi, Doré, Rouault, Georg, Marx Ernst, Miró, Dali e Kollwitz. As tiragens são originais, pertencem à colecção particular de Fernando Rau, e a mostra está aberta diàriamente das 14 ás 20 horas, até ao fim do mês, na Sociedade Nacional de Belas Artes.

Portanto a sua semana pode começar por aqui, caso você não tenha visto ainda a restrospectiva de Paul Klee, na Gulbenkian o acontecimento mais importante deste início de temporada. Entretanto, nem por isso deixa de merecer visita, atenta e demorada, o **Salão de Arte da Costa do Sol**, inaugurado na última quarta-feira, que funciona das 15 ás 20 horas no Pavilhão de Congressos do Estoril. Se bem que numèricamente reduzido — são apenas 60 trabalhos — para merecer o pomposo nome que ostenta, este salão tem o seu interesse.

Ainda no Estoril, mais precisamente no casino, continuam até ao dia 27 as pinturas de **Harry Mc Grath,** enquanto que nas Arcadas do Parque, também na Costa do Sol, estão expostos desde ontem os trabalhos de **Barata Moura.** O horário de visitas, tanto para uma como para a outra exposição e o mesmo: todos os dias, das 10 ás 22 horas.

Já em Lisboa, a volta pelas galeiras pode começar pela Judite Dacruz, na rua do Alcrim, 72, onde a partir de amanhã, estão expostos os **anagramas** de **João Vieira,** artista que faz parte do grupo KWY e que conta com um **pedigree** invejável no que diz respeito à participação em mostras internacionais. Quanto aos trabalhos de João Vieira, trata-se de uma série de quinze quadros recentemente executados. A técnica empregada pelo artista é a do acrílico sobre tela.

Na Galeria Ottolini — rua Augusto dos Santos, 11 — um nome que chama a atenção: **Marcel Robelin,** artista que vem de França precedido pela notícia de que é detentor do «Prix des Realités Nouvelles», que lhe foi atribuído em 1971.

E, para encerrar, numa das salas de exposições do Palácio Foz, a mostra de **Stella de Brito,** pintora lisboeta com residência na Alemanha. São cinquenta e quatro trabalhos sobre os mais diversos motivos, onde a artista mostra uns bons conhecimentos técnicos, explorando com sabedoria os efeitos de luz, conseguindo gradações e efeitos plàsticamente muito bonitos.

E, por hoje é só. Estamos conversados.

Original de Goya nas Belas-Artes

AS NOTÍCIAS

1) **Artista português premiado em França** — No recente Festival Internacional de Pintura de Cagnes-sur-Mer, certame que reúne artistas de vários países, o **Prémio Nacional** foi atribuído ao português Vítor Fortes. A delegação portuguesa, que conta com outros nomes de expressão nos meios plásticos, foi seleccionada pela Secretaria de Estado da Informação e Turismo.

2) **Centro Plástico no Algarve** — Vai ser organizado em Faro, pelo pintor Manuel Hilário, muito popular por aquelas bandas, um **Centro de Arte.** A nova galeria deve entrar em actividade no próximo mês de Novembro, com uma exposição do artista. Para assinalar o facto, Manuel Hilário promete uma festa para os seus convidados, tìpicamente algarvia, a ser realizada na sua quinta dos Salgados.

TELEX

EVANY Fanzeres, que até há pouco tempo vivia em Portugal como bolseira da Fundação Gulbenkian, está de volta ao Brasil, onde vai expor as suas **formas pressionadas em expansão.** O local é o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e a mostra deve ser aberta no próximo mês de Abril. **POR FALAR** em Evany, logoquetermine esta exposição, ela estará de volta ao seu estúdio, em Cascais, onde vai trabalhar com vista aos seus próximos compromissos na Europa, exposições em Londres, Munique e Lisboa.

UMA boa notícia: em Dezembro a Fundação Gulbenkian apresentará uma retrospectiva de Roberto Burle Marx, o criador dos mais belos jardins brasileiros. **APROVEITANDO** esta iniciativa, aqui fica um recado para a Secretaria de Estado da Informação e Turismo e os serviços culturais da Embaixada do Brasil: seria interessante que Lisboa também pudesse ver a mostra retropectiva de Volpi, actualmente a decorrer em São Paulo. Volpi é, de longe, o mais importante pintor brasileiro vivo e esta mostra (que reune aproximadamente duzentos trabalhos do artista), pelo que diz a crítica especializada, tem realmente um grande valor didático. **CONSTA** que algumas grandes companhias portuguesas estão a pensar em editar calendários utilizando trabalhos de conhecidos artistas plásticos aqui da terra. **OUTRA** promoção, ainda no terreno das ideias: a organização, com vista ao próximo Natal, de um **Salão do Pequeno Formato.** **SEIS** de um grupo interessado em contratar artistas para a realização do mesmo.

CONTINUA aberta ao público, durante esta semana, a exposição de Raul Perez, **16 Imagens do Meu Diário Onírico,** na Galeria de São Mamede.-

DL/DOMINICAL

Por GIUSEPPE GRAZZINI
Exclusivo Mondadori

OS SENTIMENTOS SÃO CORRENTE ELÉCTRICA?

Um cientista soviético fotografou as luzes misteriosas que se acendem à nossa volta quando somos perturbados por uma emoção. É talvez a mítica «aura» de que fala a antiga filosofia indiana: uma lenda que está a tornar-se experiência de laboratório.

«**Far-me-á o obséquio de não publicar o meu nome**». O professor olhava-me fixamente nos olhos. «**De outro modo**», continua, «**desgosta-me, mas não tenho mais nada a dizer**».

Repito-lhe que desejaria receber dele apenas algumas informações sobre o último congresso internacional de parapsicologia, que teve lugar em Moscovo e no qual participou: parece-me que não há nada de comprometedor. É inútil insistir. O professor é um homem inteligente, aberto, dir-se-ia até, sem preconceitos. Há muitos anos que se interessa pelos fenómenos paranormais: porém, não quer que se saiba e isto pode dar uma medida dos não poucos embaraçosos entre os quais devem mover-se ainda hoje os estudiosos italianos quando se dedicam a estas investigações.

Para os outros já é diferente. Há apenas dezassete anos, por exemplo, os russos negavam qualquer valor ao estudo dos fenómenos paranormais. Em 1955, a Enciclopédia Soviética definia a parapsicologia como «idealismo contrário à ciência». Em 1970, a mesma enciclopédia, afirma: «A parapsicologia é o conjunto das investigações psíquicas e biopsíquicas sobre as possibilidades de percepção e sobre as fonte de energia ainda escondidas na matéria viva. A parapsicologia interessa-se pelas novíssimas formas de sensibilidades, pelos resultados de uma tal sensibilidade, e pelas possibilidades-limite do organismo humano».

Uma tal viragem de posição tem deixado estupefactos os ambientes científicos sobretudo americanos. «Os russos», declarou Stanley Krippner, director do **Maimonides Medical Center**, de Nova Iorque, «não perdem já o seu tempo a discutir como se faz no Ocidente sobre a existência e a aceitabilidade dos fenómenos paranormais: procuram apenas descobrir todas as formas possíveis de desfrutamento destes fenómenos no plano prático.»

O PRINCÍPIO

«**Na sua opinião**», pergunto ao meu interlocutor, «**há que acreditar realmente em tais possibilidades?**»

«**De momento não**», responde o professor. «**Mas amanhã? Hoje, nós sabemos que existem sensitivos capazes de comunicar mente a mente, por telepatia. Que existem clarividentes capazes de ver e de sentir à distância com meios de percepção diferentes da vista e do ouvido. Sabemos que outros conseguem conhecer por pré-cognição um facto que, precisamente deve ainda vir a acontecer, e outros conseguem agir sobre a matéria sem a tocar, por psicocinese. E se amanhã estas capacidades provàvelmente latentes em todo o ser humano, fossem reveladas, aperfeiçoadas, multiplicadas? Estes fenómenos são de um enorme interesse científico.**»

«**Também político**», observo. «**Também estratégico.**»

O professor sorri.

«**Não se pode excluir**», adverte. «**Mas não estamos ainda a estes níveis e pode acontecer que nunca lá cheguemos. Devemos estudar sabe-se lá por quanto tempo. E sobretudo não gritar por milagre quando nos encontramos perante um facto que não conseguimos compreender. Tome, por exemplo, os fenómenos de luminescência que observamos durante o chamado efeito de Kirlian, sobre o que escreveu, também recentemente a propósito da sensibilidades das folhas. Bem, de um certo ponto de vista, trata-se de um facto normal. Se submeter qualquer objecto a um campo eléctrico intermitente, de elevada voltagem pode obter uma aura luminosa e pode pensar sabe-se lá em que prodígios embora esta luminosidade seja produzida apenas pela ionização do ar em torno do objecto em questão: que pode ser uma parte do corpo humano, uma folha uma moeda, uma chávena de café, qualquer matéria em suma, viva ou não vivente.**»

«Eu sei», observo, «mas o problema não é este. O halo luminoso da chávena de café mantém-se sempre o mesmo. O halo de uma folha ou da mão do homem varia continuamente pela forma cor, intensidade. A matéria viva parece, pois ter uma actividade de irradiação própria: um **electricismo,** teria dito o conde se Saint Germain. Parece-lhe pouco?»

«**De acordo, não é pouco. Mas, precisamente por isso necessita proceder com cautela. A verdade está ainda muito longe.**»

«Diga-me em que ponto estamos.»

«**No princípio. Nos primeiríssimos inícios. De absolutamente certo não podemos afirmar nada. Podemos todavia, apresentar algumas hipóteses sobretudo depois deste encontro de Moscovo. Escutei os relatórios de alguns dentre os maiores parapsicólogos vivos: Adamenko da Universidade de Moscovo, Inijushin, da Universidade do Cazaquistão, Krippner e Davidson, do Maimonides Medical Center de Nova Iorque, Concordavam sobre o facto do fenómeno de Kirlian ser puramente de ordem física mas poder, também, agir como revelador de estados particulares.**»

«Da matéria viva suponho.»

«**De facto. Durante o efeito de Kirlian, a matéria viva vegetal ou animal reage de modo particular. O halo luminoso observado em tempos e em estados diferentes, apresenta inegáveis alterações. Mas o porquê verdadeiro não o sabemos ainda. Alguns estudiosos afirmam que nas plantas existe um sistema nervoso muito semelhante ao do homem. Podemos chegar a dizer que haja também uma memória? Que haja também o inconsciente este outro eu que trazemos dentro de nós e que parece ás vezes um hospede outras um prisioneiro, outras ainda um inimigo? Não saberei o que responder. Uma efectiva investigação sobre a sensibilidade das plantas, depois das experiencias de Cleve Backster, começou apenas há alguns meses e ainda é muito cedo para ter resultados. No que diz respeito ás reacções do organismo humano, não estamos muito mais avançados. Os detectores de mentiras sugerem-nos algumas indicações. Mas não podemos considerá-las suficientes.**»

A «MÁQUINA DA VERDADE»

O detector de mentiras, mais comummente designado pelo nome um pouco medieval de «**Máquina da Verdade**», é um instrumento de emprego normal entre todas as polícias do mundo, e não tem nada de particularmente cruel. A pessoa suspeita de mentirosa ou de reticente deve apresentar a palma da mão sobre a qual são aplicados dois eléctrodos de uma forma semelhante àquela que se emprega quando se faz um comum exame electroencefalográfico. Entre os dois eléctrodos passa uma corrente contínua que atravessa uma resistência, representada pela pele da pessoa. Esta resistência varia segundo o estado emotivo do sujeito. Suponhamos que este tenha verdadeiramente cometido um homicídio e que se encontra inesperadamente diante da fotografia da vítima: o mecanismo da emotividade dispara mesmo no mais controlado dos criminosos; a resistência da pele torna-se mais baixa e o índice do **detector** sobe repentinamente assinalando um «pico» que, se não pode ter o valor absoluto de uma confissão, tem, todavia, um evidente peso indicador.

De maneira análoga, durante o efeito de Kirlian, viriam a ser reveladas outras condições físicas e psíquicas: no congresso de Moscovo foram projectados diapositivos que mostravam variações de luminescência em redor dos dedos de homens e de mulheres, consoante os sujeitos se encontravam em condições normais de saúde ou se sofriam de qualquer doença, se estavam sóbrios ou intoxicados pelo álcool, se se sentiam em paz ou se eram atormentados por qualquer inquietação. De particular interesse foram dois diapositivos disparados na câmara de Kirlian ao dedo de um curandeiro em dois momentos diferentes; o primeiro durante um estado normal e o segundo na fase de irradiação, como acontece quando os curandeiros impõem as mãos para tratar o doente: entre as duas imagens corria a mesma diferença de luz que se pode observar entre os alvores da manhã e o sol fulgurante do maio-dia.

Como é possível? De que modo, por exemplo, um estado de ânimo que nós consideramos como qualquer coisa de impalpável, de imaterial, se torna energia física, uma energia capaz de alterar um campo magnético?

Pergunto-o ao professor.

«**Poderia dizer-lhe**», respondeu ele, «**que este estado imaterial é já uma energia. Cada um de nós já experimentou mil vezes os seus efeitos concretos: a ânsia que nos assalta quando estamos na iminência de uma prova difícil ou dolorosa é um estado imaterial, mas torna-se suor frio, tremura, dificuldade de respiração, aceleração do batimento cardíaco. Poderia dar exemplos ainda mais desconcertantes na esfera sexual, em que os mais inimagináveis estados de ânimo determinam ainda mais inimagináveis consequências — positivas ou negativas — de ordem prática. Porém, com isto, não teria feito outra coisa senão afastar-me cada vez mais da sua pergunta, e não lhe teria ainda dado uma resposta: de resto, quereria explicar o próprio mistério da vida, e deverá reconhecer que não é muito simples**».

A AURA

«Detenhamo-nos no pouco que podemos compreender. Um homem, por exemplo, tem medo. Torna-se pálido. Sua. Treme. Estas manifestações são claramente evidentes, basta olhá-lo. Pensemos, porém, que este homem está escondido na escuridão total: na sua opinião é possível captar igualmente um sinal do medo?»

«**Em substância, o senhor está a falar na aura que os yogas veriam normalmente em torno a qualquer de nós e pela qual se dariam conta de toda a nossa condição e de toda a nossa intenção. É possível? Sem dúvida, os yogas têm um conhecimento e um domínio de si próprios superior aos nossos, ainda que em tudo isto não haja nada de miraculoso. O faquir que caminha de pés descalços sobre carvões incandescentes não é um mago: é um homem que consegue concentrar, voluntàriamente, todo o trabalho das próprias glândulas sudoríperas sob a planta dos pés, pelo menos durante aquele breve tempo em que caminha sobre o fogo, e isto explica o motivo pelo qual não queima sequer a pele. Também o faquir que trespassa a carne com um enorme alfinete não é um mago: é um homem que consegue desligar o contacto de certos terminais nervosos, dominando, assim, totalmente, uma reacção que para qualquer de nós seria insustentável. Contudo, esta mesma possibilidade existe também dentro de nós. Recentemente, numa clínica inglesa, um médico furou com uma grossa agulha a perna de uma mulher entregue a uma crise histérica: embora não tivesse sido praticada nenhuma forma de anestesia, a mulher nem sequer se apercebeu da agulha que lhe trespassava a carne. Mas há, ainda, um pormenor mais interessante e impressionante: quando a agulha foi retirada, os vasos sanguíneos laquearam-se automàticamente e não se viu sequer uma gota de sangue. É claro que, neste caso, o fenómeno aconteceu espontâneamente, enquanto que o faquir age por sua vontade. Todavia, em ambos os casos, demonstra-se que o roganismo humano possui recursos absolutamente insuspeitáveis. Entre estes pode haver, também, o de perceber a aura dos próprios semelhantes? Mas existe, pois, esta aura? Às vezes, francamente, eu duvido**».

«Não obstante as experiências de Kirlian?», pergunto. O professor fica perplexo.

«**Admitamos**», continua, «**que o sensitivo veja um sujeiro e que obtenha dele uma impressão de simpatia ou de antipatia. Isto, de resto, acontece também connosco, muito frequentemente e sem nenhuma razão aparente: encontra-se uma pessoa e sentimo-nos imediatamente atraídos, disponíveis, favoráveis. Se se encontra uma outra, sentimo-nos repelidos. No entanto, não vemos nenhuma aura. A aura poderia, também, ser uma projecção pessoal do sensitivo: como dizer que não há, mas ele vê-a da mesma maneira, e, em todo o caso, chama-lhe assim**».

«Todavia», observo, «um facto permanece: o de que, em todo o caso, **vê** qualquer coisa, e **vê** bem. Perceber que uma pessoa está feliz ou triste não é, pois, difícil. Porém, alguns sensitivos, por exemplo, conseguem **ver** as doenças. E não aquelas que saltam aos olhos como a icterícia, mas as escondidas, aquelas que, especialmente ao nascer, fogem não só ao doente como ao diagnóstico do médico. Conheço uma sensitiva que nota a presença de tais doenças com imediata precisão, entre centenas de sujeiros. Muitas mulheres ouviram-lhe já dizer que estavam à espera de bebé, quando **não podia haver ainda qualquer prova** de gravidez: apenas após algumas semanas, as análises viriam a confirmar a previsão. A sensitiva em questão foi controlada muitas vezes por médicos que excluíram qualquer hipótese de truque. Dela se ocuparam, também, os **Cadernos de parapsicologia** do Centro de Estudos de Bolonha, cuja intransigência científica é extremamente rigorosa. Como se dá, pois, a comunicação? Se não é a aura, a denunciar a verdade, que coisa pode ser?»

O professor abana a cabeça. «**Repare que eu não excluo a presença de uma aura**», replica. «**Pode ser, mesmo no sentido em que nos deixaria imaginar a experiência de Kirlian. Como quer que seja, é inútil discutir sobre palavras; são os factos que contam. As diagnoses de que ma falou, por exemplo, são factos: quando tivessemos negado a hipótese da aura para afirmar, pelo contrário, que se trata de um fenómeno de clarividência, não teríamos avançado muito. Sobre a clarividência, tal como sobre a telepatia, temos já demonstrações experimentais. Sabemos que acontece. Mas como? Mas porquê?**»

A charividência. Gerard Croiset, que durante as investigações sobre o caso Lavorini «vê», de Utrecht, a avenida marginal de Viareggio e descreve um barco azul emborcado num determinado ponto, sob um oleado branco: ao lado de Croiset está um enviado de um jornal italiano que telefona para a redacção, um outro jornalista chega em poucos minutos à marginal de Viareggio, e encontra no ponto indicado o barco azul coberto por um oleado branco. Um banheiro tinha-o levado para ali duas horas antes. Todo o truque é de excluir.

Como é possível? A nossa viagem continua, para os confins da realidade.

Euro-Pacific
Joint Service

PARA:

LOS ANGELES
SAN FRANCISCO
PORTLAND
VANCOUVER
E SEATTLE

n/m. HOECHST» em 26 do crte.

— Aceita passageiros
- Recebe carga em porão normal e frigorífico

OS AGENTES GERAIS:
SOCIEDADE COMERCIAL
OREY, ANTUNES & CIA LDA.
Praça Duque da Terceira, 4 — Telef. 366056/362266/369346
AGENTES NO PORTO:
SOCIEDADE COMERCIAL OREY & BARROS LEITE, LDA.

DEPOIMENTO HUMANO

ALEJANDRO SCOPELLI: MEIO SÉCULO DE BOLA

Sujeitando-me aos nomes carinhosos com que queiram rebaptizar-me, sempre digo que ficou por fazer uma das mais sensacionais entrevistas dos últimos tempos. Alguém a fará em devido momento, se conseguir segurar as rédeas de um diálogo que acaba por entontecer: é meio século da vida dum autêntico caminheiro do futebol, recheado de pormenores sem fim e para os quais não basto.

Scopelli falou e disse: tanto (e de modo tal) que, ás duas por três, já percorria com ele os cantos dum mundo onde recolheu ensinamentos, espalhou conselhos e enriqueceu o espírito. De muito que ouvi, algo consegui reter. Disso lhe vou dar conta, leitor.

Entrevista por ALEXANDRE PAIS

IDADE

Alejandro Scopelli nasceu na cidade de La-Plata, que dista 55 quilómetros de Buenos Aires, a capital desse grande país sul-americano que se chama Argentina.

«Não, não tenho qualquer problema em dizer a minha idade. Tenho 63 anos: mas a actividade que desenvolvo bem como o esforço que realizo para me manter actualizado fazem que me não considere velho».

BOA VIDA

Os pais viviam desafogadamente da exploração do seu «café» e puderam colocá-lo a estudar: primeiro no Colégio de La Plata e depois na Universidade do mesmo nome.

«Tenho ganho muito dinheiro: mas também tenho gasto muito, pois sempre me habituei à boa vida. O que me resta, basta para enfrentar o futuro sem preocupações: mas, estou longe de estar rico. O que cobro no Belenenses parece constituir a justa paga do meu trabalho. Sou, fui sempre, um profissional honestíssimo».

BOLA

Muito antes de estudar «a sério», já Alejandro jogava à bola nos terrenos limpos de prédios que se encontravam espalhados pela cidade: começo igual ao de tantos outros, afinal.

«Em 1939, organizei uma escola de jogadores no bairro de Belém e logo no primeiro dia aparecem-me cerca de 650 miúdos. Ainda hoje os clubes como o Belenenses, que lutam com graves problemas económicos, devem dedicar a maior atenção aos seus jovens jogadores que denotem maiores possibilidades. Não podem cometer loucuras».

RELVA

A famosa equipa do Estudiantes de La Plata era uma verdadeira formação universitária, mas que não podia (por motivos regulamentares) pertencer à própria Universidade.

«Como esse estabelecimento de ensino dispusesse (na altura) de dois campos relvados, eu tive a grande fortuna de jogar na relva desde pequenino: o que é muito importante. Além disso, possuía a técnica natural do jogador argentino».

GUERRA

Um dia, Scopelli juntamente (com os seus compatriotas Tarrio e Tellechea) tomou o rumo de Portugal.

«Eu penso acabar a minha carreira no Belenenses, mas isso (como se compreende) é demasiado contingente. Agora a equipa está bem: mas amanhã pode perder dois ou três jogos e logo ao treinador serão assacadas todas as culpas».

A influência do trio argentino do futebol português começou a fazer-se sentir logo na primeira época (em 1939).

«Nós jogámos em França (no Red Star) quando rebentou a guerra. Então tivemos de fugir das bombas e viemos para Portugal».

TREINADOR

Actuando apenas uma época como jogador, a carreira de treinador de futebol ia começar para Scopelli.

«O lote de profissionais de que o Belenenses dispõe é de facto um cpouco curto. Eu gosto de ter 18 futebolistas em condições de actuarem na equipa principal e nós não andamos muito longe disso. Júlio e Leandro estão ainda um pouco atrasados na sua ambientação. Mas já se sabe que o factor sorte conta muito. Ás vezes, faz-se um campeonato com 14 jogadores: em outros casos são necessários 26 ou 28.

FERROLHO

O suíço Rappan encontrou um dia um sistema defensivo que poderia evitar as tradicionais goleadas de 10-0 com que a Inglaterra brindava o seu país. Posto o plano em execução, o embate seguinte entre as duas nações teve resultado surpreendente: 0-0. Estava criado o «ferrolho».

Em Portugal (porém) desconhecendo as ideias do helvético, Scopelli punha em prática sistema semelhante: marcação individual e um defesa (o «líbero») atrás da linha dos outros defesas. O «tanque» Peiroteo não suportava o «policiamento» de Tárrio: e os dois, três ou cinco golos que habitualmente marcava não surgiam contra os de Belém. O grande mestre de futebol que foi o sempre recordado Cândido de Oliveira, não hesitou em escrever que fora Scopelli o verdadeiro criador do «ferrolho», do chamado «jogo de pares».

«As pequenas equipas que defrontam o Benfica não deviam jogar aberto como o vêm fazendo. Assim, é um verdadeiro suicídio. Até mesmo os conjuntos com aspirações deverão actuar com redobradas cautelas defensivas, sempre que tenham de se opor ao Benfica».

TECNICA

Correu então o mundo. Voltou a Portugal para treinar o Belenenses, em 1947. Foi responsável pelas selecções nacionais de quatro países: México, Chile, Argentina e Portugal. Criador ou não do «ferrolho», os seus sistemas de jogo só então começaram a ser seguidos no nosso futebol.

«Tácticamente, nós trouxemos alguma coisa: mas não creio que tivéssemos qualquer influência no aspecto técnico. Sempre fui de opinião que o jogador português é «tremendamente» técnico. Tanto que ele até o desconhece. Falta-lhe, não digo personalidade, mas um conhecimento mais profundo da sua própria capacidade».

«OLÁ, MISTER»

Em dado momento, Scopelli escreveu um livro: doze anos depois, cerca de dois meses antes do último «Mundial» do México, saíu uma segunda versão de «Olá Mister».

«Tenho seguido cursos de treinadores em toda a parte do mundo. O futebol e os seus segredos interessam-me desde sempre. Chegou uma altura em que pensei ter material para reunir numa obra editada. Pedi a opinião dos meus amigos (aquela famosa dianteira do Estudiantes de La Plata) que apoiaram a ideia, visto os conhecimentos que eu tinha do futebol europeu possuírem interesse suficiente para serem divulgados na Argentina. O segundo livro (que tal como o primeiro, foi bem recebido na península e nos países da América latina) é já influenciado pelo futebol mexicano e sul-americano: e apresenta algumas alterações nos meus pontos de vista. Lá, na América, costuma-se dizer que não existe evolução sem equivocação».

A teimosia: o bater sempre na mesma tecla (ás vezes, muitas vezes, a errada):

«Levo já muitos anos de vida para insistir em ideias que necessitem correcção ou em processos que reclamem actualização. Quando erro, emendo. Mesmo à frente dos jogadores. Isso da rigidez de princípios é bom para o técnico que começa. Eu já não tenho idade para essas coisas. Vou em 50 anos de futebol.

ESTILO

Futebol sul-americano e europeu: a luta pela primazia.

«Tem-se discutido muito sobre qual dos dois é superior. O Brasil ganhou o último campeonato mundial sem demonstrar melhor jogo que os alemães e os ingleses. Vi, recentemente, a Argentina contra a Espanha: e pude verificar que os meus compatriotas jogaram muito mal, mais parecendo uma turma de segunda categoria. Futuramente será pior: o futebol da América do Sul andará cada vez mais para trás. Na Argentina perdeu-se totalmente o estilo de jogo que reflectia a alma, o temperamento. Nesse sentido melhoraram um pouco o Chile e o Peru, mas por terem encontrado bons jogadores: Não pelo futebol em si».

Suiça: palco da vitória sul-americana inter-selecções.

O futebol sul-americano tem vantagem, sempre que os europeus não jogam forte. Não aquilo não teve qualquer significado: foi um jogo de solteiros e casados».

YAZALDE

Sobre os grandes executantes argentinos:

Scopelli: comandante «azul» no seu trabalho.

«Neste momento há, na Argentina, uma falta bastante acentuada de bons jogadores. Existem é muitos jogadores que poderemos considerar de «exportação». O senhor vê jogar um brasileiro ou um argentino e, imediatamente, fica com eles: porque vê técnica. Mas, isso não quer dizer que tenha à frente um bom jogador».

Vem à tona o nome de Hector Yazalde».

Era dos poucos jogadores bons que lá havia. Tive oportunidade de o ver actuar por várias vezes e fiquei sempre bem impressionado. Pode não conseguir adaptar-se totalmente em Portugal, mas a sua excelente categoria é um facto indesmentível. Aliás, a adaptação constituiu por vezes um problema de resolução difícil: estou a recordar-me de Didi, aquele extraordinário bi campeão mundial que, no Real Madrid, ao lado de jogadores igualmente extraordinários, não conseguiu impor a sua categoria. Esse facto fica a dever-se à mudança para um processo de jogo diferente daquele a que o praticante está rotinado. E (então) a confusão é total. Sempre se tem falado que Pele nunca veio jogar para a Europa porque temia não conseguir adaptar-se: e há no mundo melhor jogador que Pelé?

MUNDIAL

Munique: «mundial» de 74. Quais os grandes favoritos?

Serão práticamente, os mesmos do México. Antes de todos, coloquemos a Alemanha que foi já a melhor equipa de 70 e que desta feita conta com o apoio do seu público. Depois, a Inglaterra: sempre temível. E a Jugoslávia, que vai confirmar muito do que tem prometido em edições anteriores. O Brasil será sempre favorito; mas eu estou em crer que, sem Pelé, o Brasil descerá muito de rendimento. Além do mais, deve notar-se que no México, o clima e o público ajudaram muito o «escrete canarinho». Em Inglaterra, foi bem diferente: e em Munique não será melhor. Mas o Brasil tem sobre a Argentina a vantagem de conservar a sua personalidade, o seu estilo. O mesmo sucede com o Uruguai que, no entanto, se encontra exausto de bons executantes».

INFLAÇÃO

Como encara o actual secretário-técnico do Belenenses a «invasão», por profissionais estrangeiros, do futebol português?

«Eu e outros argentinos actuámos em Itália, numa época em que por lá existiam jogadores muito bons. Mas nós «refinámos» o futebol transalpino. O chamado «passe em profundidade» foi introduzido em Itália precisamente nessa altura. E o certo é que, quando alguns anos mais tarde, se proibiu a entrada de futebolistas estrangeiros, o nível do «association» desceu muito em Itália. A minha opinião é a de que dois jogadores, o máximo três, por equipa, não alteram o estilo de jogo da própria turma ou de um país. Mas, se me dizem que têm de entrar seis, sete ou dez estrangeiros, então eu não concordo. No México, por exemplo, cada turma pode alinhar com quatro jogadores oriundos de outros países: podendo contratar portanto tantos quantos desejar. Em Espanha e na Itália esteve em vigor uma lei que obrigava o clube que desejasse contratar um estrangeiro a comunicar o seu nome à Federação, pelo menos um mês antes, a fim de que se pudesse indagar da sua capacidade. Pessoalmente, tenho por hábito observar com muito cuidado a futura aquisição. Só um treino não basta. Pode a «coisa» ter calhado bem e o clube onera-se com mais um profissional que depois não corresponde. Tenho o maior respeito pelos clubes que me pagam. Não contrato jogadores por serem meus amigos».

BENFICA

A super-potência: o Benfica.

«Está a trabalhar bem. Tem vinte jogadores de grande categoria, qualquer deles capaz de actuar na selecção nacional. O Benfica sabe que Eusébio acabará um dia. Por isso está a cuidar muito bem dos seus jogadores mais novos e mantém a vigilância sobre os bons valores que surjem nos outros clubes. O Benfica tem um enorme prestígio a defender e toda a sua actividade tem de ser regulada em função disso. Para a equipa sofrer uma quebra seria necessário que se magoassem onze jogadores. É natural que, quando falte Eusébio, se faça sentir um efeito psicológico. Mas, pelo que tenho visto, ainda vamos ter muito tempo de Eusébio»...

ESTÁGIO

De há doze anos a esta parte que as equipas orientadas por Scopelli deixaram de utilizar estágios:

«Diz-me a experiência que, afastar um jogador de sua casa (por três ou quatro dias) produz efeitos bem mais negativos do que deixá-lo entregue à sua vontade. O profissional que não se cuidar prejudica-se a si próprio, lesa o clube e brinca com o pão dos seus camaradas. Esse homem não joga nas minhas equipas».

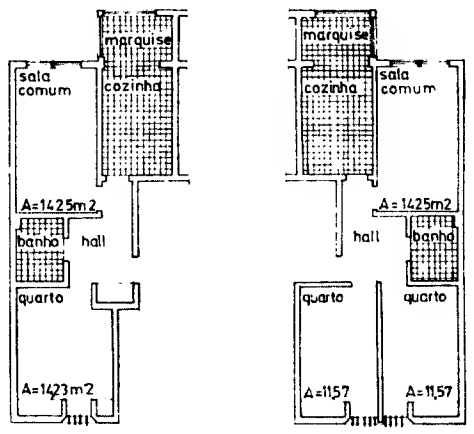
Relações sexuais em momentos calculados decisivos: consequências.

«O jogador deve ter relações com a sua esposa quando isso contribuir para o seu equilíbrio fisiológico. Andar com problemas pela sua falta torna-se bem mais prejudicial. O que acaba com o jogador são os exageros, mas eu lido com homens e não com bestas. Quem anda sistemáticamente com turistas não pode ser profissional de futebol. O jogador terá que ter livre opção para se lhe poder exigir responsabilidade. Quem não quiser, que procure outro ofício».

Scopelli confessa-se um homem plenamente realizado, sempre protegido pela sorte, pronto a trilhar o mesmo rumo se fosse necessário recomeçar. Acima de tudo, ele aproveitou a experiência de tanta coisa feita, para poder subsistir. Saber envelhecer: a grande virtude de permanecer mais jovem do que os novos que viver não sabem.

para as suas férias
para os seus fins de semana
para a sua casa de sempre

EM SÃO SEBASTIÃO DE GUERREIROS



LOCAL PRIVILEGIADO, 2 E 3 CASAS ASSOALHADAS, PAREDES REVESTIDAS A PAPEL DECORATIVO OU PINTADAS AO GOSTO DO COMPRADOR, CAIXILHARIAS DE ALUMÍNIO, MADEIRAS DE SICUPIRA, COZINHAS EQUIPADAS COM ARMÁRIOS "SIAF," CASAS DE BANHO COM AZULEJOS A COR E LOUÇAS MODERNAS TIPO ITALIANO, AQUECIMENTO ELÉCTRICO, ACABAMENTOS DE LUXO.

DESDE 250 contos

10% de entrada
20% à entrega das chaves
70% restantes em 3 a 10 anos

gratuita assistência na DECORAÇÃO do seu lar.

UM NOVO EMPREENDIMENTO COM A GARANTIA

SPOC

SOCIEDADE PORTUGUESA DE OBRAS DE CONSTRUÇÃO, LDA

ROSSIO, 74-3º TELFS. 35438/366257

METROPOLITANO DE LISBOA
S. A. R. L.

ADMISSÃO DE AUXILIARES (SERVENTES)

Os candidatos devem ter satisfeito as obrigações do serviço militar e ter como habilitações literárias mínimas o 2.º Grau de Instrução Primária, constituindo motivo de preferência, visando eventual promoção profissional futura, a prática de actividades relacionadas com a mecânica ou a electricidade.

Bom ordenado; prémio de trabalho; 13.º e 14.º meses; outros benefícios.

As inscrições devem efectuar-se no edifício das Oficinas Gerais em Sete Rios, onde se prestam todos os esclarecimentos.

BOA SAÚDE
MAS COM
VITELA BRANCA ESPECIAL
DOS
SUPERMERCADOS AGUIAR
AV. ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 70
Faça a sua encomenda pelo telef. 40863-532831

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por José R. Ribeiro, Livraria Central de Tortozendo — TORTOZENDO

Lotes para pequenas moradias
VENDEM-SE NA ZONA DE CASCAIS
TRATA: BARAONA & BARAONA, LDA.
AV. VALBOM, 28-1.º TELEF. 280749
MEDIADOR OFICIAL — CASCAIS

PENSA-SE NO MONTIJO:

MAIS VALE QUEM QUER DO QUE QUEM PODE

Terá o Montijo o descaramento de tornar ainda mais nebuloso e negro o «clima» de Alavalade? A pergunta é pertinente, no dia em que o Sporting se desloca à «outra banda» para jogar num terreno impróprio para futebol de primeira divisão e com objectivo de defrontar uma equipa caracterizada por resultados surpreendentes, capaz de ganhar em Coimbra e na Tapadinha, e de perder em casa com o Beira-Mar e a Cuf. Para responder a essa dúvida, fomos ver como é o local do «espectáculo»: e quais são os intervenientes do encontro que se desenrola a partir das 15 horas.

A primeira ideia é que o palco do «show» é a maior contrariedade para uma boa representação. O público e os jogadores vão quase confundir-se durante hora e meia, sendo difícil que em qualquer outra ocasião os adeptos «leoninos» (que seguem a equipa pelo país fora) tenham os jogadores mais ao alcance da mão e da vista do que no acanhado recinto montijensa.

A modéstia da casa não preocupa (porém) os anfitriões. O Montijo espera o Sporting com as melhores honras da casa. Allen é que talvez não goste muito das irregularidades do terreno, mas este ano tem mesmo que ser assim. Para a época que vem talvez as coisas mudem, consoante nos afirmou o vice-presidente do clube (José Nepuceno):

Dante Bianchi magia na táctica.

— **Temos toda a confiança na equipa e com ela tentaremos, no próximo ano, oferecer a todos, público e atletas, maiores comodidades. As condições indispensáveis para o regular funcionamento de uma colectividade da divisão principal só com o tempo podem ser obtidas. Mas um ano na primeira divisão vai ser decisiva experiência para a obra que queremos lançar.**

— Quanto ao jogo com o Sporting?

— **Fora do que me diz mais directamente respeito, portanto sobre o jogo e o resultado, vamos tentar contrariar a lógica do encontro: que será a vitória do Sporting. Tenho fé. Acredito nos jogadores do Montijo e na máxima que diz «às vezes vale mais quem quer do que quem pode».**

Os treinos no Montijo decorrem quase à hora do jantar, pois a grande maioria dos jogadores não está integralmente profissionalizada no futebol, ocupando-se durante o dia noutras actividades. Com a vinda dos brasileiros e com os reforços do início de época, a panorâmica mudou um pouco: mas os treinos continuam a ser ao fim da tarde, entrando mesmo pelo princípio da noite.

Imediatamente a seguir ao treino (que Dante Bianchi seguiu do lugar destinado aos responsáveis técnicos, pois ainda está um bocado adoentado) ouvimos o treinador dos Montijenses, um homem que os sportinguistas não gostam de recordar, desde o dia em que, à frente do esquadrão do Beira-Mar, veio ganhar a Alvalade:

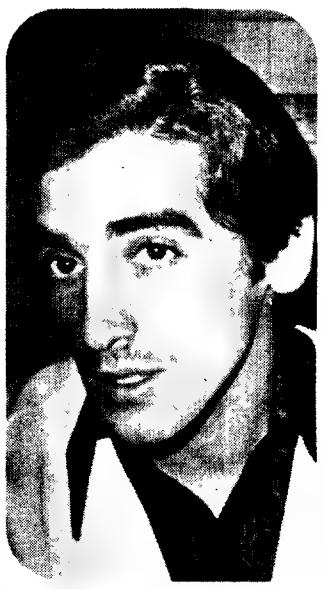
— **Tenho confiança absoluta na equipa e como tal acho perfeitamente natural que o caso se repita.**

Pergunta-se, depois disto: será Bianchi alérgico ao leão ou terá sido mordido por algum?

FRANCISCO FARIA

O treino começa de dia...

... e termina à luz da lua.



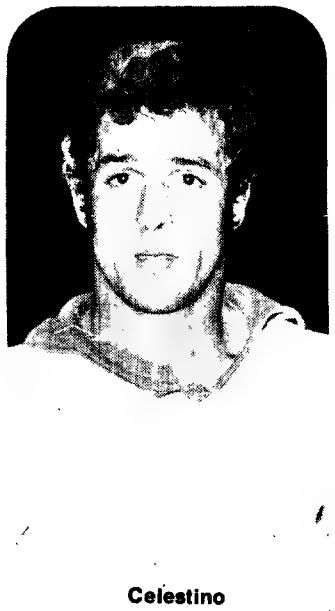
Francisco Mário

Rachão

Espírito Santo

Afonso

Gijo



Celestino

ESTES HOMENS ESPERAM O SPORTING

FRANCISCO MÁRIO

Francisco Mário Pinto da Silva nasceu em Sesimbra, há vinte e qautro anos e comemorou ontem o seu aniversário. Será o grande ausente do jogo porque sofreu uma pequena fractura numa costela. Resignado e como procurando um alívio para a sua pouca sorte, falou:

— **Espero um bom resultado. Mesmo um empate já seria a minha melhor prenda de anos.**

RACHÃO

Rachão (José Fernando do Casal), é natural de Peniche onde nasceu a 15 de Setembro de 1952. Iniciou-se no Benfica, foi júnior, cederam-no ao Peniche e este ano mudou para o Montijo.

— **Já joguei muitas vezes contra o Sporting, enquanto estive no Benfica e tenho boas recordações... Aliás, o Laranjeira, o Bastos e o Nando são do tempo em que passei pelo Benfica. O jogo é difícil para o Montijo, mas muito mais para o Sporting, que vem preocupado com os dois pontos. Nós não sofremos desse mal chamado «campeonite». E, depois, «eles» já não estão em muito boa posição. Vamos tentar uma surpresa.**

ESPÍRITO SANTO

Espírito Santo (capitão da equipa): **Vai ser um jogo difícil, mas não estamos com medo do «papão». Aliás, a vitória conseguida em Coimbra moralizou-nos bastante. Por outro lado, este vai ser o jogo que talvez venha a definir a equipa para o resto do campeonato. Uma espécie de prova dos noves... Deixo este ano de jogar e por isso também gostava de deixar o Montijo onde está: na primeira divisão.**

AFONSO

Afonso Arinos de Almeida Lins: nasceu há vinte e quatro anos em Pará. Veio do Recife para o Montijo (negócio de empresário) para jogar a ponta de lança, mas «pega» em qualquer lugar menos no banco.

— **Vi jogar o Sporting contra o Montevideu e gostei. Aqui (no Montijo) não é igual: vai ter muitas dificuldades. Respeito todos os adversários: são 11 contra 11...**

GIGO

Gigo (Denis d'Hugo): Nasceu há vinte e quatro anos em S. Paulo. Veio do Sporting do Recife e joga, a ponta de lança. É o grandalhão do grupo.

CELESTINO

O ex-«leão» Celestino: um homem «especial» para este encontro, e que no Sporting nunca conseguiu encontrar-se. Será agora? **Talvez. Pelo menos vou tentar demonstrar o valor que nem sempre me foi reconhecido. Há possibilidades de qualquer resultado e eu estou confiante como, aliás, toda a equipa.**

COMPRA

A FIRMA ALBERTINO HENRIQUES DA SILVA, LDA., está sempre compradora de carros de boas marcas, até 100 contos ou mais a pronto pagamento. Transacções em 20 minutos.

RUA DO GARRIDO, 73-A

PASSAPORTES

Com rapidez e economia

TRANSNAUTICA

Agência de Viagens e Turismo

R. Duque Palmela, 35/37

LISBOA

CAUNY

O RELÓGIO SUIÇO PREFERIDO POR MILHÕES DE POSSUIDORES

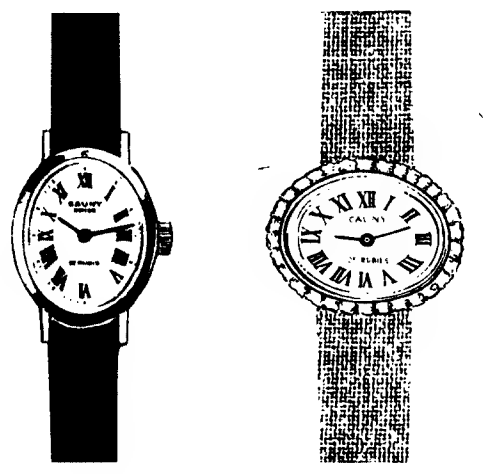
AUTOMATICOS - CALENDARIOS - EXTRAPLANOS - ANTICHOQUES

NA SUA FABRICAÇÃO SE EMPREGAM METAIS DA MAIS ALTA QUALIDADE

CONTROLADOS POR EXPERTOS RELOJOEIROS COM OS MAIS RECENTES APARELHOS ELECTRONICOS

CAIXAS ESPECIALMENTE DESENHADAS

NOSSA REFERÊNCIA: 600 CONCESIONÁRIOS NO MUNDO



SUBMERGIVEL 100% - MOLAS QUE NÃO SE QUEBRAM CRONOMETROS

UM NOME - UMA QUALIDADE - UMA GARANTIA

DL/DOMINICAL — JUVENTUDE

LEÕEZINHOS GANHAM JUBA

Sendo cada vez mais caros os «craques» do futebol, os clubes começaram a pensar a sério na criação de escolas de jogadores. Só assim, graças ao esforço próprio e à vontade de uma juventude que gosta do desporto-rei, é possível criar um viveiro de qualidade que pode (e deve) ser bem aproveitado para o futuro.

Fomos até Alvalade, à «oficina» do Sporting, onde cerca de meio milhar de jovens experimenta as suas possibilidades, sonhando com a possibilidade de um dia poderem ver os seus nomes impressos em letra gorda nos jornais.

À sombra das grandes vedetas, trabalhando com afinco e muita vontade, leõezinhos ganham juba...

Quando se sofre um golo, o guarda-redes batido dá lugar a outro colega

Jóvens de duas cores comungam da mesma alegria

Porque são grandes vedetas leoninas que treinam aqueles que sonham em as substituir no futuro: Yazalde, Diniz, Osvaldo Silva, Pedro Gomes, José Carlos, Chico, Damas ou Hilário. Todos eles ocupam as suas horas livres ensinando os sonhadores de glórias, roubando-lhes imensas ilusões ou explicando-lhes os grandes segredos que ainda existem no mais simples dos jogos. Ao lado de quem já está na enorme escadaria do sucesso, os miúdos encaram os seus treinos como uma «tremenda responsabilidade»: porque, a par das suas aptidões para o pontapé no couro (ou para guardar as balizas) eles têm de se mostrar, igual e paralelamente, bons e aplicados estudantes.

É, a verdade é que surgem, entre tantos, alguns garotos que fazem acreditar numa carreira de êxito: desde muito cedo as reais qualidades para qualquer

Continua na página seguinte

SIEMENS

MADEIRA
ISLAND

UM LUXO
EM TELEVISÃO

o mais moderno
televisor Siemens
de 61 cm

...e consome
tão pouco
como
uma lâmpada

METROPOLITANO DE LISBOA
S. A. R. L.

ADMISSÕES DE FACTORES/
/CONDUTORES

Visa-se a preparação de condutores (automotoristas), com passagem transitória por factores.

Os candidatos devem ter satisfeito as obrigações do serviço militar, ter entre 23 e 32 anos de idade e ter conhecimentos de electricidade ou mecânica ou carta de condução de transportes públicos ou pesados, constituindo condições de preferência o possuirem habilitações de escolas industriais.

Bom ordenado; prémio de trabalho; 13.º e 14.º meses; outros benefícios.

As inscrições devem efectuar-se na Avenida Fontes Pereira de Melo, 28.

METROPOLITANO DE LISBOA
S. A. R. L.

ADMISSÃO DE SERRALHEIROS-
-MECÂNICOS, DE ELECTRICISTAS
E DE TORNEIROS

Os interessados deverão ter satisfeito as obrigações do serviço militar, não ter mais de 35 anos de idade, constituindo condições de preferência o possuirem habilitações de escolas industriais.

Bom ordenado; prémio de trabalho; 13.º e 14.º meses, outros benefícios.

As inscrições deverão efectuar-se no edifício das Oficinas Gerais em Sete Rios, onde se prestam todos os esclarecimentos.

ABERTA DE 14 A 29 DE OUTUBRO

É UMA EXPOSIÇÃO

Visitem no

PALÁCIO DE CRISTAL

TELEFONES: 380873/380879

LUSTRES

Fazemos novos, reparamos, transformamos ao gosto do cliente. Fábrica: Av. 5 de Outubro 203-r/c. Esq. Tel. 771639 (Ao Campo Pequeno).

VENDA AO PÚBLICO

JUVENTUDE

«Mestre» Yasalde ensina a chutar. Chuto decidido de Jose Manuel pe em riste e olhos fechados o filho de Osvaldo Silva. (Familiares dos garotos assistem aos treinos dos sportinguistas. A bola e os perseguidores sobre as vistas de Yasalde.

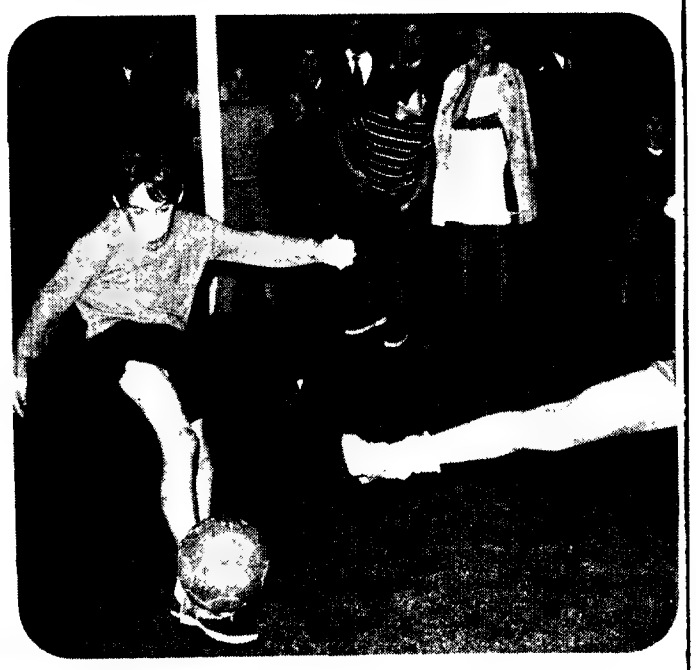
Continuação da pág. anterior

actividade mostram-se na criança, deixando nelas presas as atenções dos responsáveis. Só assim o futuro pode vencer o presente: só assim o travão pode conter o esbanjamento de divisas no actual processo das transferências...

No Sporting, a escola de jogadores tem (para já) uma frequência de quase meio milhar de jovens. Naturalmente que muitos deles irão ficar no caminho do sonho, enquanto outros irão subindo na escada que conduz ao escalão maior. É a lei da sobrevivência qualitativa a fazer-se vingar, pois nem só de futebol vive o homem: também amanhã serão precisos mais médicos, operários, advogados, bancários, jornalistas, escriturários, grafistas, professores e homens de letras.

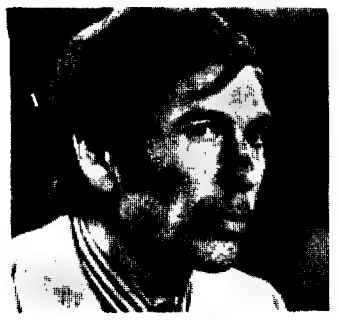
Se bem que os exemplos de um Pedro Gomes ou de um Simões, de um Damas como de um José Henriques, de um Néne ou de um Jordão, de um Humberto Coelho ou de um Bastos sejam hoje de considerar, quantos outros não haverá mais de «ilustres personalidades» do nosso tempo, que sonharam um dia, com a fama que o futebol sempre traz e ficaram pela estrada absorvidos por ímans diferentes?

Alguém que faça essa crónica: pois só dos fracos é que a história não fala.



POLÉMICA

TURISTAS EM PORTUGAL POR CONTA DO FUTEBOL



Por ANTONIO MEDEIROS (treinador de futebol)

O que neste momento se está a passar no nosso futebol, dá para meditar profundamente. Em tempos que já lá vão, houve uma autêntica invasão de futebolistas brasileiros e argentinos à Colômbia, onde o dólar tentava as grandes vedetas a ingressarem no seu futebol. Foi uma época em que alguns futebolistas conseguiram a independência económica através da sua extraordinária classe: que era paga a nível principesco. E, daí quais foram os resultados palpáveis do futebol indígena colombiano? Alguns resultados positivos foram alcançados através do muito que os jogadores locais aprenderam com a importação em massa de futebolistas de nomeada. Mas, escassos resultados deram (mesmo) fruto...

Ao lembrar-me disso, começo a verificar que a Portugal está a chegar, de momento a momento, uma percentagem elevada de futebolistas brasileiros que, em mais de 90 por cento dos casos (segundo eu reputo) não têm o mínimo de condições para jogarem nas nossas equipas.

Não nos trazem nada de novo e ainda cerceiam possibilidades aos jogadores portugueses: na esmagadora maioria com bastante mais capacidade do que a demonstrada por grande parte desses aventureiros.

Grita-se constantemente que o futebol está errado nas suas infra-estruturas e que as entidades superiores deveriam debruçar-se sobre o problema dos impostos: pois os clubes estão a morrer à mingua, quase sem possibilidades de sobrevivência. Esses mesmos dirigentes, que assim falam, são os primeiros a cometerem autênticos atentados: não só à economia dos clubes mas também à classe dos jogadores portugueses.

Não sou, de modo algum, contra a importação de jogadores: quer eles sejam brasileiros, chineses ou de outra qualquer nacionalidade, desde que tenham categoria para elevarem mais o futebol português. Hoje, em todo o mundo, o nosso futebol é respeitado e considerado ao mais alto nível: mas não deveria ser vexado com tanta falta de bom senso de alguns indivíduos que continuam a caír no «conto do vigário», comprando gato por lebre.

Todas as equipas pensam em serem primeiras classificadas, nenhuma querendo ser a última. Sempre foi assim, é e será. Mas a verdade evidente é que, a dar-se a hipótese de um campeonato em que todas as equipas que o disputassem fossem formadas pelos mais extraordinários jogadores que o Mundo de futebol possui não se fugiria à regra: haveria um clube primeiro colocado e outro em último...

Situações como esta que se está a criar dentro do nosso futebol, servem ainda para dar origem a mais problemas económicos aos clubes, que não conseguem (deste modo) fugir das últimas posições, pois deixam em determinada altura de cumprir com os atletas que estão ao seu serviço: é onde começa o principio do fim.

Poderão os digníssimos dirigentes dessas colectividades dizer que isso são assuntos internos e que eu nada tenha a ver com eles. É verdade. Mas, também é verdade que, sempre que tenho conhecimento de que para receberem os jogadores têm de recorrer à primeira instância, ocorre-me à lembrança tudo isto e começo a comentar para mim: **«Oh, futebol! Como é que podes melhorar, tão mal estás a ser dirigido...»**

De vez em quando, um clube acerta. Aqui temos Salvador, realmente um reforço para o Boavista. Mas, em troca deste, quantos vieram mais?

Revelação

Guedes, benjamim do Porto: energia, namoro e brugeois

Na actual equipa do F. C. do Porto, Guedes é o fogo da juventude, a energia de quem tudo tem a ganhar e nada a perder, a força impulsionadora que das linhas atrasadas projecta a equipa para a evidência, antigamente corrente, e recentemente em vias de desaparecer. Nas sessões de trabalho, discreto e sóbrio, que Riera ministra aos seus pupilos, o jovem Guedes é dos mais aplicados, dos mais entusiastas e, em especial o mais alegre. Os colegas mais velhos são todos seus amigos. Dos mais experientes recebe conselhos que, domingo a domingo, procura seguir e aplicar.

Com vinte anos apenas, ele é a novidade e a notícia entre Flávio, Abel Pavão e demais «craques»:

— **Chamo-me Manuel Fernandes de Azevedo Guedes e fui lançado na primeira categoria pelo sr. Riera. Até aqui ulgo que o não desiludi e, em cada jogo, farei o que estiver ao meu alcance, (ainda que isso implique sacrifícios) para que Riera não se arrependa.**

— Como é que você aprendeu essa maneira rija de jogar, sendo ainda tão novo?

— **Foi em S. Pedro da Cova, no campeonato da II Divisão. Eu comecei nos Juvenis do F. C. do Porto (há quatro anos) depois fui junior e senior. Os técnicos entenderam que me fazia bem uma passagem num clube mais modesto e por isso fui jogar para S. Pedro da Cova durante uma temporada. Uma experiência de jogos rijos em campos bons e maus, e que me serviu de preparação.**

— E quanto a estudos?

— **Fui estudante até ao 4.º ano. Quando era juvenil e junior o Porto pagou-me sempre os estudos mas quando passei a jogar como profissional tive que abandonar os livros...Há treinos todos os dias...Mas tenho um irmãozito que anda a estudar.**

Na vida do profissional da bola também há tempo de lazer, tempo das ocupações que um jovem procura. E Guedes é um moço simples.

— **Gosto muito de estar em casa. Ouvir musica é um passatempo que me agrada. Além disso há o namoro...**

A vida simples de um moço que se entusiasma com a sua profissão. Durante o treino a que assistimos Guedes apareceu sempre procurando as jogadas pondo em cada movimento uma energia pouco comum. Evidenciando aquelas qualidades que o técnico Riera considera necessárias a um titular.

O Futebol Clube do Porto prossegue a campanha europeia. No próximo dia 25, os belgas do «brugeois» virão até as Antas. E a 8 de Novembro os portistas estarão em Bruges para disputar a segunda partida. A expectativa é a nota dominante nestes dias que antecedem os dois jogos:

— **Encaro com optimismo. O rendimento da equipa está a aumentar e estou convencido que poderemos eliminar os belgas Se conseguirmos afastar o Barcelona creio que as possibilidades de eliminar o Brugeois são bem maiores...**

JOÃO ORLANDO

AOS QUATRO VENTOS

● OS MORTAIS

A Academia Francesa, que tem sido tomada como modelo por outras Academias fora da França, foi fundada em 1635 pelo Cardeal Richelieu, ministro de Luís XIII.

Desde o século XVII muitas coisas mudaram e se fundiram em França; mas a Academia tem-se mantido firme e inalterável.

Integram-na 40 intelectuais qualificados de «Imortais». Em princípio, a Academia é conservadora, não sendo fácil a entrada de um «revolucionário» no grupo dos «Imortais». A Victor Hugo, por exemplo, fecharam-lhe a porta a princípio. Jean-Paul Sartre não será nunca académico. Como na ÇAcademia só cabem 40 «Imortais», as eminências intelectuais são sempre superiores a esse número. E cada vez que se dá uma vaga, produz-se uma luta subterrânea entre os aspirantes desejosos de a ocupar.

A tal propósito, nos meios intelectuais franceses conta-se a seguinte anedota:

Quando André Maurois se propôs ser «Imortal», mandou sua mulher, filha de Madame de Caillavet, que foi grande amiga de Anatole France, visitar um dos académicos mais recalcitrantes, a fim de o convencer a defender a candidatura do marido. Aduziu, como argumento de «peso» que Maurois estava muito doente e, portanto, a sua passagem pela Academia não deixaria certamente de ser breve. O académico deixou-se convencer, apoiou a candidatura e André Maurois foi eleito académico.

Algum tempo depois, deu-se outra vaga. E a esposa do romancista Mauriac foi igualmente visitar o académico recalcitrante, alegando também que a passagem de seu marido pela Academia seria fugaz, pois sofria de um cancro na garganta. O académico uma vez mais se deixou convencer, deu o seu apoio à candidatura e Mauriac entrou para o número dos «Imortais».

Outra vaga se deu tempos depois e igualmente a esposa de um dos aspirantes marcou encontro com o tal académico recalcitrante, aduzindo também que seu marido, doente como estava, não devia durar muito.

— **Basta de histórias!** — exclamou o académico. — **Fui enganado várias vezes já. Maurois foi académico durante trinta anos; o «moribundo» Mauriac, outro tanto. O único que cumpriu a promessa foi Jacques Bainville que morreu pouco tempo depois de ingressar na Academia...**

● O XADREZ

— Por motivo do campeonato mundial de xadrez recentemente realizado em Reykjavik, na Islândia, recordou-se que o número de combinações possíveis ascendia, nos dez primeiros movimentos, a 169518829100544 triliões.

— Uma partida de xadrez tem lugar sob a tirania do relógio. Cada jogador dispõe de 3 minutos e 45 segundos para mover a peça, nem um segundo mais, sob a ameaça de perder a partida.

— O primeiro livro que se publicou na Europa sobre xadrez foi obra do espanhol António Torquemada, em 1547. Outro livro clássico intitulado «Libro de la Invención Liberal y Arte del Juego de Ajedrez», foi igualmente escrito por um espanhol, Rey Lope de Sigura, no ano de 1561.

● O PERDÃO

Henrich Heine, poeta do século XIX, encontrava-se no leito de morte e sua mulher, sentada a seu lado, rezava, pedindo a Deus que lhe perdoasse os pecados.

— **Não te preocupes, querida** — murmurou o poeta — **Deus perdoar-me-á com certeza. É esse o seu ofício...**

CENTRO DE MEDICINA DENTÁRIA
— RATO —
Obturações, extracções, correcção de dentes, dentaduras
— PREÇOS DE POLICLÍNICA —
CONSULTAS DAS 9 ÀS 19 HORAS
ENCERRADO AOS SÁBADOS E DOMINGOS
Calçada Bento da Rocha Cabral, 1 (ao Rato) — Tel. 68 41 91

HORUS
RAUL LOURENÇO LAPA
QUIRO-ASTROLOGO

CONSULTE «HORUS» e ficará a conhecer

OS ANOS MAIS IMPORTANTES da sua vida, os momentos mais felizes ou menos favoráveis que lhe estão reservados, EM TODOS OS CAPÍTULOS DA SUA EXISTÊNCIA!...

E AINDA muitas outras informações de grande interesse àcerca de si próprio e do seu Destino...

Todos os dias úteis das 10 às 12 e das 14 às 19 horas. Av.ª João XXI, 3-2.º Frente (Junto à Praça do Areeiro) - Telef. 724162 - LISBOA

PARA O PERÍODO DE 22 A 28 DE OUTUBRO

horóscopo pelo astrólogo HORUS

ÁRIES

(21 de Março a 20 de Abril)

AMOR: Prossiga confiante em tudo quanto diga respeito ao amor. Sob os bons aspectos de Vénus os seus interesses pessoais serão satisfeitos. Semana favorável para as relações de amizade e para as reuniões familiares.

DINHEIRO: Materialmente esta é uma fase importante, que fará bem em aproveitar para pôr em dia todos os assuntos suspensos, de modo a poder depois dedicar toda a sua atenção aos projectos futuros.

PROFISSÃO: Excelente período, durante o qual será excepcionalmente eficiente no quadro profissional. Um auxílio inesperado virá facilitar-lhe a obtenção dum lugar que ambiciona.

SAUDE: A saúde pode causar-lhe alguns aborrecimentos, sobretudo em relação às vias respiratórias.

TAURUS

(21 de Abril a 21 de Maio)

AMOR: Dedique toda a sua atenção ao estudo do problema que o preocupa há já alhum tempo; o emprego racional da lógica mostrar-lhe-á o caminho a seguir, ainda que ele não o tente muito.

DINHEIRO: Boas possibilidades nos assuntos pecuniários. Não hesite em agir de acordo com os planos. Mas um êxito no plano financeiro não deve fazer esquecer as iniciativas inerentes ao progresso profissional desejado.

PROFISSÃO: Não divulgue os seus assuntos e preocupações pessoais, que serviriam de base para indiscrições indesejáveis. Alterações e modificações possíveis no quadro profissional será conveniente conceder a este ponto uma atenção particular.

SAUDE: Atenção às doenças de garganta. Cuidado com possíveis resfriados.

GEMINI

(22 de Maio a 21 de Junho)

AMOR: Decididamente você não tem sorte. Muita desolação ainda estará para surgir. Mas tenha paciência que o seu dia de felicidade chegará. Para isso terá que ter paciência... A perseverança e o domínio de si próprio poderão ajudar no que mais vos preocupa presentemente.

DINHEIRO: A sua experiência passada poderá aumentar muito as suas probabilidades futuras. Como não há indicações de dinheiro inesperado, esta semana, terá de controlar as suas despesas, evitando acima de tudo as extravagâncias.

PROFISSÃO: Será um período de satisfações: seus esforços não serão esquecidos pelos superiores Continue assim e verá! De um modo geral, os aspectos são inteiramente favoráveis à rotina. Portanto, não interfira em questões básicas que devam ser permanentes.

SAUDE: Seguir qualquer regime sem prescrição médica é-lhe muito nefasto. Cuidado!

CANCER

(22 de Junho a 22 de Julho)

AMOR: O período será óptimo para o amor. Faça novos planos junto à pessoa amada. No entanto, não comece um novo namoro sem ter rompido com a pessoa que não mais lhe interessa, pois isso terá graves repercussões em sua vida.

DINHEIRO: Astúcia e habilidade poderão ajudar-vos a obter proveitos e atingir um objectivo financeiro. A sua possibilidade de ter lucros em actividades e transacções pecuniárias estará bastante em evidência neste período.

PROFISSÃO: Todas as principais vibrações planetárias se observam agora em seu tema, favorecendo não só as actividades rotineiras como também tudo o que seja importante. Os seus passos para a frente deverão ser dados com firmeza, a fim de que nada o possa afastar dos seus objectivos.

SAUDE: Com o tempo que sobrar, poderá distrair-se e assim retemperar o seu espírito.

LEO

(23 de Junho a 22 de Agosto)

AMOR: O ótimo é por vezes inimigo do bom; não exija demasiado do ser amado. Felicidade sentimental após um período de incerteza ou de hesitação. Vida mundana animada.

DINHEIRO: Não procure forçar as coisas no domínio pecuniário. Período propício para todos os trabalhos artísticos ou intelectuais. Favorável para todas as actividades em contacto com o público.

PROFISSÃO: erspectivas favoráveis no que se refere às suas ambições profissionais; continue a agir no caminho seguido até aqui, pois tudo indica que os seus esforços serão bem sucedidos, e que os seus desejos poderão ser satisfeitos.

SAUDE: Algum tempo de repouso entre suas tarefas será bastante satisfatório e útil.

VIRGO

(23 de Agosto a 22 de Setembro)

AMOR: Seja realista. A época dos sonhos já passou. Acorde enquanto é tempo. Saiba aproveitar um grande amor, e compreender. O domínio sentimental e afectivo parece excepcionalmente importante; dedique-lhe todo o seu cuidado e atenção.

DINHEIRO: O òptimismo e confiança em si próprio permitir-lhe-ão vencer alguns obstáculos inesperados, sobretudo no campo material. Contudo, evite a pressa, a precipitação.

PROFISSÃO: As suas qualidades profissionais serão melhor apreciadas, o que trará vantagens pecuniárias ou progresso na sua carreira. Todavia, desvie-se das decisões impulsivas no quadro profissional, sobretudo depois dum atraso.

SAUDE: Seja prudente durante as viagens que faça.

LIBRA

(23 de Setembro a 22 de Outubro)

AMOR: Período favorável para o amor. Pode sem receio agir e confiar plenamente no sexo oposto. Assim, o plano afectivo parece particularmente favorecido, sobretudo no que se refere a um projecto de união que tem estado suspenso até aqui. No campo familiar reinará a harmonia e bem-estar.

DINHEIRO: E por vezes necessário saber recuar para formar o salto. Não se precipite no quadro financeiro e não apresse a conclusão dum assunto em suspenso que parece um pouco comprometido.

PROFISSÃO: No quadro do trabalho profissional as suas ambições legítimas parecem encontrar satisfações absolutas. Auxílio de personagens influentes. Na realidade, uma amizade, e os apoios que ela lhe trará, estarão em primeiro plano e poderão desempenhar um papel decisivo na orientação dos seus projectos futuros.

SAUDE: De modo geral, boa; porém organize o emprego do seu tempo para não se fatigar inùtilmente.

SCORPIUS

(23 de Outubro a 21 de Novembro)

AMOR: Boas influências para os seus casos sentimentais. Notícias surpreendentes poderão chegar-lhe às mãos numa carta ou telegrama. Vénus exercendo a sua influência benéfica torna o espírito mais alegre e fortalece o desejo de ambientes tranquilos e pacíficos. Os assuntos domésticos e as questões relacionadas com a pessoa amada estão sob melhores aspectos.

DINHEIRO: Oportunidade de auferir lucros interessantes e propostas de grande interesse futuro, darão grande incremento à sua vida económica.

PROFISSÃO: As influências desta semana proporcionam-lhe condições muito favoráveis para poder tratar com eficiência de todos os seus assuntos profissionais. Oportunidades muito felizes para tratar de desenvolver e fazer progressos na sua posição.

SAUDE: Descanse e revigore o organismo o mais que puder. Um homem cansado não pode ser eficiente.

SAGITTARIUS

(22 de Novembro a 21 de Dezembro)

AMOR: Procure não cometer erros lamentáveis no domínio sentimental; mostre-se menos distante. pois esperam de si uma explicação. O plano sentimental exige ainda prudência e reflexão; antes de tomar um compromisso definitivo, encare as coisas objectivamente.

DINHEIRO: Uma proposta financeira vantajosa mas inesperada, parece causar-lhe uma certa confusão. Não tome uma desisão definitiva antes de ter a certeza de que terá tudo a ganhar em aceitar.

PROFISSÃO: Parece ter chegado a um ponto decisivo no domínio profissional. Evite a precipitação nas decisões e na execução dos seus empreendimentos. Momento favorável para uma viagem profissional.

SAUDE: Vigie a sua saúde, cuide dos seus brônquios e do aparelho digestivo.

CAPRICORNIUS

(22 de Dezembro a 20 de Janeiro)

AMOR: Procure conservar os seus planos numa base prática e não perca tempo com devaneios. Poderá ter algumas preocupções, por causa de amores. Nesse particular domine as suas emoções e evite as decisões precipitadas. Faça perguntas sem rodeios e seja positivo nas suas respostas.

DINHEIRO: Conserve-se ao corrente de tudo o que diga respeito à sua vida económica. Aproveite para comprar imóveis e fazer seguros. Evite reformas despendiosas, pois há indícios de que suas despesas serão muito pesadas.

PROFISSÃO: A segurança com que procederá lhe permitirá colocar-se numa posição de grande relevo. Maior clareza de raciocínio lhe dará o ensejo de novos negócios ou empreendimentos, pode começar agora a executá-los com proveito.

SAUDE: Cuidado com perturbações circulatórias e estomacais.

AQUARIUS

(21 de Janeiro a 19 de Fevereiro)

AMOR: Não fique impaciente nem transtornado se a pessoa amada achar dificuldade em prestar-lhe apoio ou dar-lhe atenção tal como você esperava, pois poderá estar inquieta e aborrecida.

DINHEIRO: As perspectivas serão excelentes para si nesta semana, mas não deixe que o excesso de optimismo provoque certas situações anormais que sairão muito caras à sua bolsa.

PROFISSÃO: Não divulgue os seus projectos profissionais, visto que os outros o consideram demasiado ousados nos seus negócios. Uma atitude realista e adaptável permitir-lhe-á atingir os seus fins.

SAUDE: Distúrbios do fígado e dos rins. Cuidado com a alimentação.

PISCIS

(20 de Fevereiro a 20 de Março)

AMOR: Use de muito tacto se encontar, inesperadamente, a pessoa por quem nutre ainda amor, pois poderia parecer frio e enigmático, apesar de não o perceber. O momento é indicado para tomar iniciativas.

DINHEIRO: As questões de dinheiro relacionadas com os seus esforços e bens, continuarão exigindo cuidado e bom senso, além de um planeamento conservador.

PROFISSÃO: Cultive as relações que estabelecerá durante a semana em curso, na sua actividade profissional. Alcançará desse modo vantagens e sugestões interessantes.

SAUDE: A sua saúde pode piorar passageiramente, mas não é nada inquietante; um regime apropriado curá-lo-á.

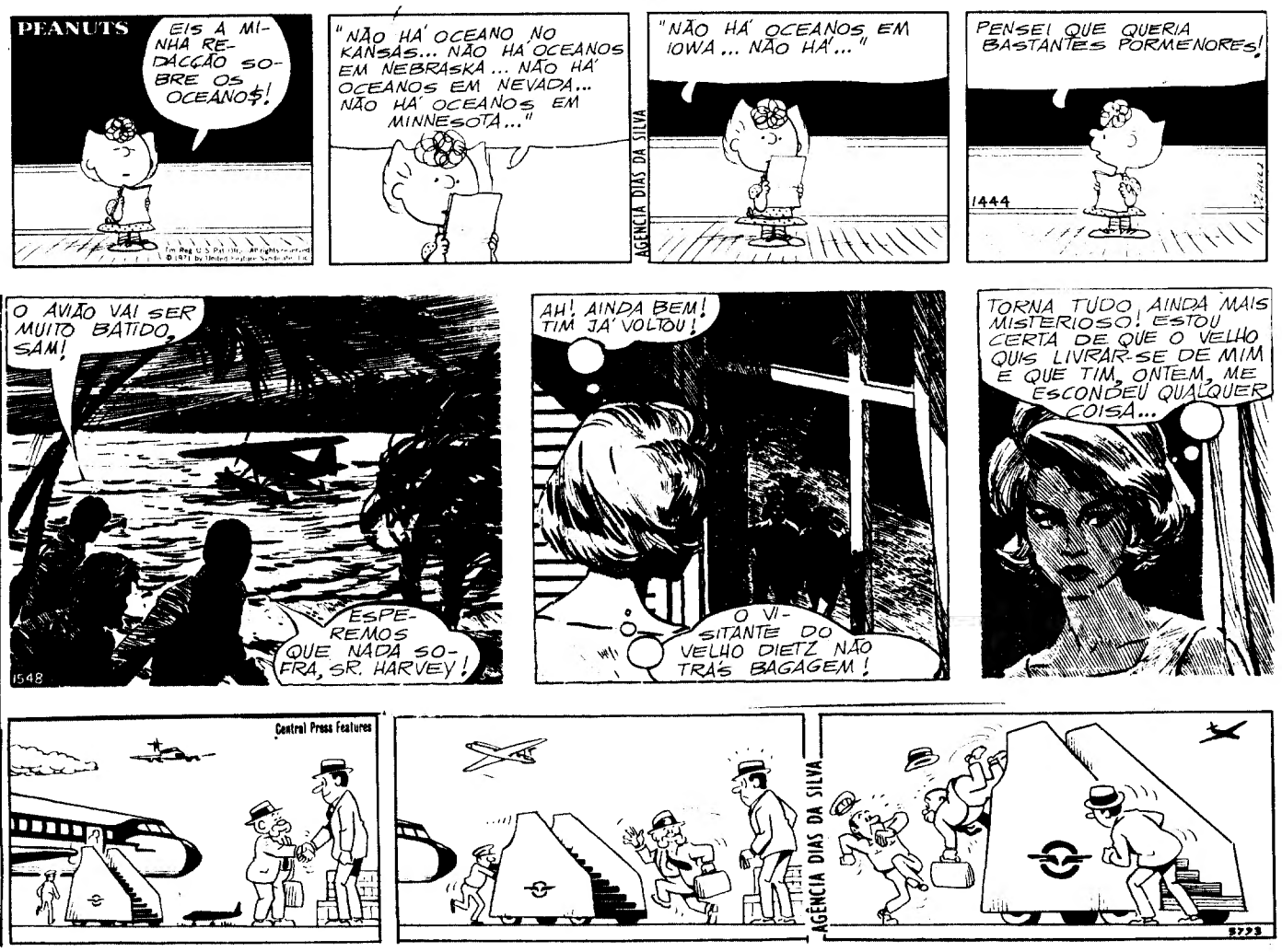
Aquele homem

Saiu do grande carro preto depois de o motorista ter traçado um semicírculo pressuroso. tirado longamente o boné, aberto a porta com veneração. Há muitos anos que não o via, não sabia se era vivo ou morto, mas ei-lo vivo e em excelentes condições. Engordou, perdeu o cabelo, adquiriu um ar ainda mais importante, se possível, o ar de alguém que se considera necessário, útil, melhor, indispensável.

Da última vez — há quantos anos? — deixou-me uma impressão esquisita. Falava de um modo estranho, é possível que com o tempo tenha piorado. Ou melhorado, depende do critério de quem o ouve. Falava compenetradamente de si próprio, dos problemas que o preocupavam. Falava como se discurasse e o ouvinte fosse a multidão. E deslocava-se, dizia, daqui para ali, debruçava-se sobre este ou aquele assunto, usava da palavra, tecia considerações, congratulava-se, manifestava o seu júbilo ou o seu regozijo. Dantes ocupava um lugar importante, agora não sei, mas é possível que ocupe outro lugar mais importante ainda, por causa do grande carro preto e do motorista pressuroso. É natural portanto que se faça acompanhar, que dê a honra e até a subida honra da sua visita, que nunca por nunca ser labore em erro, que se digne comparecer ali ou além.

É homem para isso, aquele homem.

MARIA JUDITE DE CARVALHO

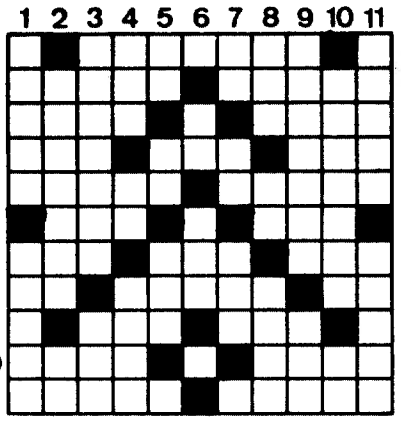


palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO
PROBLEMA N.º 10231

HORIZONTAIS

1 Artigo definido. Apetite.
2 Amofinei. Pequenissima quantidade
3 Invisual. Destruidor
4 Pedra de altar. Distrito da Índia Portuguesa. Braço de mar
5 Escória (Prov.) Tolo
6 Terceiro. Mãe de Romulo e Remo
7 Passada. Ferimento ou dor nas crianças. Esteiro.
8 Pronome pessoal. Revolvia. Estanho (s.q.)
(Oferecer. Senhores
10 Covil. Artigo definido. Cobertura
11 Agarrara. Freguesia do concelho de Santana (Madeira).



VERTICAIS

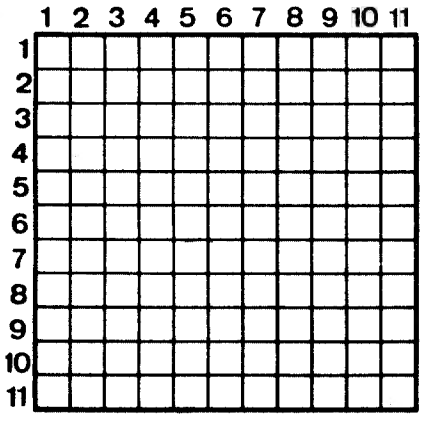
1 Cingir. Toma por modelo
2 Que é da natureza do ar. Artigo definido
3 Sonda oca para extracção de urinas. Seiscentos e um em romano.
4 Variedade de azeitona. Nesse lugar. Dividir ao meio
5 Bismuto. (s.q.) Compaixão. Prefixo que designa ar.
6 Flúor (s.q.) Trinta em romano A
7 Novecentos em romano. Abreviatura que se usa em música. Aqui está.
8 Oásis. Sopro. Baú
9 Aparecer. O mesmo que bonzo.
10 Esbravejais. Utensílio doméstico.
11 Bom-senso. Que dura um ano.

Resolveu completamente este problema?
Procure então como segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito

NOVA MODALIDADE
PROBLEMA N.º 6387

HORIZONTAIS

1 Equipas. Mancebo nobre que acompanha um príncipe ou um fidalgo na guerra
2 Bebedeira. (pop). Tolera
3 Reles (pop). Transformar em soro
4 Ser. O mesmo que estevão
5 Sopro. Ruído. Frívola.
6 Pronome pessoal. Bolo de farinha de arroz e azeite de coco usada na Ásia
7 Prata (s.q.). Retoca. Rio de Itália
8 Encolerizado. Detrás
9 Na Argélia e em Marrocos, escola pública para crianças. Classe.
10 Desejo. Pega. Abraço (pop)
11 Um gesto em [illegible] de muitos dissabores. Pães de milho



VERTICAIS

1 Irra! Amor ardente.
2 Espécie de forragem (Bras). Engole (pop)
3 Professor. Patrões.
4 Grande veado da família dos Cervídeos dos países nórdicos. Corrente de água.
5 Pequeno símio de Brasil. Livre. Artigo definido.
6 Laço. Post scriptum.
7 Utensílios domésticos. Alimento caído do céu, e que, segundo a Bíblia, alimentou o povo de Deus (Israelitas) no deserto. Prefixo que designa afastamento.
8 Ilha de Coral que forma um anel mais ou menos contínuo. Pé de animal.
9 Afiançava. Desbotado.
10 Freguesia do conselho da Covilhã. Banalidade (fig).
11 Mata (gir). Corais (fig).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10230

HORIZONTAIS:

1 Am. LADRAR
2 Pó. Arauá. Ba.
3 Era. Mim. Cam.
4 Adita. Aratu.
5 Rera. Ales.
6 Ro. Não. Or.
7 Suasses. É.
8 Aparo. Atoas.
9 Li. It.
10 Matos. Acera.
11 Arosa. Talas.

VERTICAIS:

1 Apear. Calma.
2 MORDER. Piar.
3 Airosa. Tó.
4 La. Ta. Urros.
5 Arma. Ño. Sa.
6 Dai. Fãs.
7 Ruma. Osa. At.
8 Aa. Rã. Ética.
9 Caloso. El.
10 Bater. Aira.
11 Camus. Estas.

Provérbio. LADRAR NÃO É MORDER.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6386

HORIZONTAIS:

1 Poetisa.
2 Arais. Rosna.
3 Se. Assim. Ab.
4 Sim. Aia. Ana.
5 Ásia. Íman.
6 Tremoço.
7 Atola.
8 Calca. Adela.
9 Ária. Asir.
10 Oto. Vim. Tem.
11 Sósia. Acama.

VERTICAIS:

1 Passas. Cais.
2 Reis. Parto.
3 Pá. Mit. Lios
4 Oiã. Araçá.
5 Essa. Eta. Vá.
6 Sismo. Pi.
7 Iria. Olá. Má.
8 Som. Içada.
9 Às. Amo. Esta.
10 Nana. Aliem.
11 Cabana. Arma.

As minhas poções têm tido a maior preferência porque eu dou-lhes sabor de qualidade...

MÉDICO

DE CLÍNICA GERAL

PRECISA-SE PARA GRANDE EMPRESA EM ANGOLA

Resposta com «curriculum», idade e estado civil, a este jornal, ao n.º 651.

ENGENHEIRO ELECTROTÉCNICO

Para chefiar gabinete de estudos e orçamentos de empresa instaladora de ar condicionado, vapor e aquecimento central.

Experiência anterior em actividade congénere, sentido de organização e espírito metódico são condições necessárias para uma situação profissional de interesse e muito estável.

Resposta a este jornal ao n.º 652 com indicação de «curriculum vitae» detalhado e condições pretendidas.

Comissão Instaladora do Novo Hospital Distrital de Beja

APARTADO 12

AVISO

INSCRIÇÃO PARA O LUGAR DE TECNICO FARMACÊUTICO DE 1.ª CLASSE (CHEFE DOS SERVIÇOS FARMACÊUTICOS) DO HOSPITAL DISTRITAL DE BEJA

Está aberta a inscrição no Hospital Distrital de Beja para um lugar de técnico farmacêutico de 1.ª classe (Chefe dos Serviços Farmacêuticos).

Os candidatos deverão apresentar o «curriculum vitae».

O prazo da inscrição é de 30 dias a contar da data de publicação deste aviso.

Quaisquer esclarecimentos poderão ser prestados na Secretaria do Hospital, das 9 às 12 e das 14 às 17.30 horas, excepto aos sábados em que os Serviços encerram às 12.30 horas, ou pelos telefones 22133/7, dentro dos mesmos horários.

Hospital de Beja, em 12 de Outubro de 1972.

O Presidente
da Comissão Instaladora
a) **Luís Fernandes do Nascimento Loureiro**

COMUNICADO

A EMPRESA INSULANA DE NAVEGAÇÃO comunica que foi autorizada por Sua Excelência o Ministro da Marinha a efectuar a transformação do aparelho motor do navio «FUNCHAL», do actual sistema de turbinas a vapor para motores diesel.

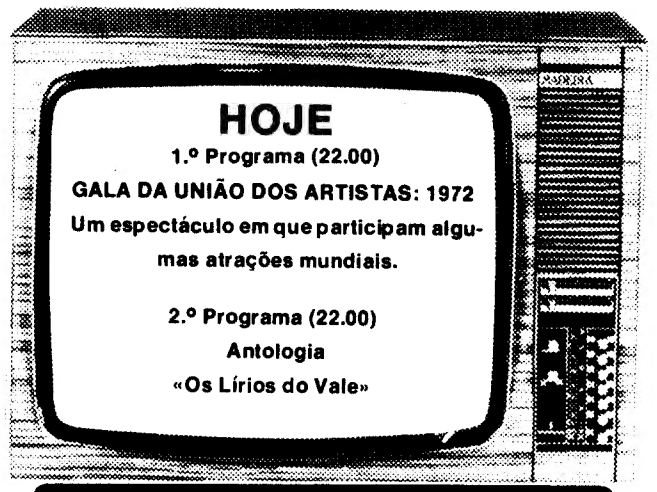
O novo aparelho motor será constituído bàsicamente por dois motores Stork-Werkspoor 9 T.M. 410, desenvolvendo 5000 h. p. cada, e 3 grupos geradores de 860 h. p. cada, com o objectivo de melhorar as condições operacionais deste navio e assim favorecer os serviços a prestar ao público.

Prevê-se a conclusão e entrega do navio em 30 de Abril de 1973 reiniciando-se a sua actividade nos primeiros dias de Maio.

Entretanto estão em estudo alterações nos alojamentos a fim de melhorar as condições do tráfego turístico em geral e para as Ilhas dos Açores e Madeira em particular.

A ADMINISTRAÇÃO

televisão



HOJE

1.º Programa

1.º Período

12.30 Abertura e missa de domingo
13.10 Dia do Senhor
13.35 Nos Bastidores da aventura
13.45 Telejornal — 1.ª Edição
14.00 Série Juvenil «Robin dos Bosques
14.25 Hje pode ver
14.40 TV. Educativa
15.05 TV Infantil
15.30 Motocross - Transmissão
16.00 Tarde de cinema «7 não responde».
18.00 Motocross - directo de Águeda
18.20 Domingo Desportivo — 1.ª Edição
18.40 Semi breve
19.30 Telejornal — 2.ª Edição
19.45 Série Juvenil «Adeus 15 anos»
20.00 TV 7
21.00 «Os Companheiros»
21.30 Telejornal — 3.ª Edição
22.00 Gala da União dos Artistas 1972.
23.45 Domingo Desportivo — 2.ª Edição
00.00 Telejornal - 4.ª edição
00.15 Meditação e fecho.

2.º Programa

20.30 Abertura e «Regresso de Lucy»
21.00 Dó Lá si
21.30 Telejornal - 3.ª edição
22.00 Antologia
00.25 Fecho

AMANHÃ

1.º Programa

1.º Período

12.45 Abertura e desenhos animados
13.00 Feminino singular
13.15 «Uma mulher endiabrada»
13.45 Telejornal - 1.ª Edição
14.00 Vivendo o futuro
14.25 Logo à noite

2.º Período

14.40 Ciclo Preparatório TV
19.00 TV Educativa
19.30 Telejornal - 2.ª edição
19.45 TV Infantil
20.00 Momento Desportivo
20.45 Portugal além da Europa
21.00 Desenhos animados
21.30 Telejornal - 3.ª edição
22.00 Série policial «Mc Cloud»
23.30 Telejornal - 4.ª edição
23.45 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados
20.45 Vivendo o futuro
21.00 Uma rapariga endiabrada
21.30 Telejornal - 3.ª edição
22.00 Museu do cinema
23.30 Fecho.

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C.V.P.	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. José	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Aguas	36 1361
P.S.P.	36 6141	Combóios	32 622

tempo

Situação do tempo

09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava pouco nublado e o vento era fraco.

TEMPERATURAS DO AR

PORTO	14.º
P. DOURADAS	8.º
COIMBRA	15.º
PORTALEGRE	13.º
LISBOA	16.º
FARO	16.º
FUNCHAL	19.º

TEMPERATURAS EXTREMAS

Máxima:
RÉGUA **22,8.º**

Mínima:
PENHAS DA SAÚDE **3,5.º**

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do Mar:	17,2.º
Atmosfera	19.º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
3.29	**4,1 m**	9.13	**0,5 m**
15.48	**4,3 m**	21.34	**0,5 m**

Dia-23

4.09	**4,2 m**	9.54	**0,5 m**
16.31	**4,3 m**	22.13	**0,5 m**

Dia 24

4.51	**4,3 m**	10.35	**0,5 m**
17.15	**4,2 m**	22.53	**0,6 m**

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu pouco nublado; vento fraco; neblina ou nevoeiro na Costa e vales; possibilidade de aguaceiro no Sul do País.

—AMANHÃ—

NASCER ÁS 7.54
OCASO ÁS 18.48

DIA 22 | DIA 29 | DIA 6 | DIA 14

rádio

EMISSORA 1. PROGRAMA

14.30 TARDE DESPORTIVA — Rádio desporto — Futebol: — Relato e Informação dos Jogos da 7.ª Jornada do Campeonato Nacional da 1.ª Divisão —
17.30 Música sem palavras
18.005 Girândola
19.10 Música da Europa
20.00 Diário sonoro
20.20 Êxitos em parada
21.00 Rádio Desporto
21.30 Variedades no estúdio
22.00 Teatro das comédias: «escola de Mães», de Marivaux, numa adaptação de Ana Margarida
22.35 Música portuguesa
23.05 Sol e toiros
23.30 De um dia para o outro — por Fernando Garcia
00.00 De um dia para o outro — (cont.)
00.30 Junção (entra o MF 1 de Lx) Diário Sonoro
00.45 De um dia para o outro — (Cont.)
02.00 Fecho.
23.00 Rádio Universidade
00.30 Junção com o 1.º Programa
17.00 Junção — (Entra o MF2) Perspectivas da obra instrumental de Mozart (Serenatas e Divertimentos)
18.0 Concerto de domingo — intercâmbio musical (1.ª Parte) os concertos de lugano de 1972 — em gravações cedidas pela Rádio Suíça Italiana
18.52 Intervalo: Canções de Ricardo Strauss — pelo soprano Evelyn Lear; ao piano: Erik Werba
19.10 Concerto de Domingo — intercâmbio musical — (2.ª Parte)
19.44 Três fugas (Werner) — Quarteto de Cordas «Sinnhoffer», de Munique
20.00 Diário sonoro
20.20 Música de câmara
20.30 As Grandes figuras do mundo português, pelo Dr. Caldeira Pais
21.00 Recital pelo guitarrista piñeiro Nagy — Partida (1971) de Fernando Lopes Graça
21.19 Concerto Grosso OP. 7 N.º 5 em do menor (Geminiane) — Orquestra «I Musici»
21.30 Que quer ouvir? — Programa coordenado por Margarida Brandão
23.00 Emissão em Línguas estrangeiras
01.15 Fecho.

RÁDIO CLUBE

14.55 Tarde Desportiva
17.03 Projecção
17.33 Meia hora depois
18.00 Música pelo caminho
18.45 Ritmos em desfile
19.30 Fórmula 1
19.30 Vedetas e canções
20.00/21.00 «Rádio 72»
20.00 Nota de abertura
20.15 Comentador desportivo
20.30 De sete em sete dias
20.45 A estrela da noite
21.00/24.00 «Quadrante 2-9-0»
21.32 Impacto
22.30 Quando o telefone toca
23.08 Mensagens bíblicas
23.22 Canções ao acaso
23.30 PBX
02.00 A noite é nossa
06.00 Diário rural
07.00 Talismã

MODULAÇÃO DE FREQUÊNCIA

16.04 Pêndulo
17.57 O Nosso programa
19.04 Vértice
20.00 Nota de abertura
21.02 Boa noite em FM
22.02 Programa à Gô-Gô
23.00 Noticiário; programa à Gô-Gô (continuação)
00.02 Em Órbita dois
01.02 Banda sonora Sonipol
02.00 Perspectiva
03.00 Fecho

RÁDIO RENASCENÇA

14.15 Êxitos para si.
14.30 Onda desportiva
17.00 Música ao volante
17.45 Boa viagem
18.00 Automobilismo
18.30 Missa
20.00 Zona verde espaço ocupado pela família
20.35 Variedades
21.00 Meditando
21.03 Suplemento especial
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Na hora do regresso
23.00 A 23.ª Hora
24.00 Boi noite.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

RÁDIO PENINSULAR
Das 6.00 às 8.00 das 10.00 às 12.00 e das 22.00 às 2.00
CLUBE RADIOFÓNICO DE PORTUGAL
Das 8.00 às 10.00 e das 17.00 às 19.30
RÁDIO GRAÇA
Das 12.00 às 14.30 e das 19.30 às 22.00
RÁDIO VOZ DE LISBOA
Das 14.30 às 17.00

farmácias de serviço

LISBOA

ALCÂNTARA
Dilema, R. Aliança Operária, 49-B (tel. 636620); **Costa**, Rua dos Lusíadas, 30 (tel. 636704); **Vieira da Rosa**, Rua Prior do Crato, 74 (telef. 660187).

ALTO DO PINA
Ibéria, Rua Barão de Sabrosa, 235-A (telef. 78277).

ALVALADE
Aeroporto, Avenida Almirante Gago Coutinho, 101-D (à Avenida D. Rodrigo da Cunha) (tel. 722384); **Sanex**, Avenida da Igreja, 31-C (tel. 717505); **Rio de Janeiro**, Avenida Rio de Janeiro, 4-C (à Avenida Estados Unidos da América) (tel. 721409)

AMEIXOEIRA
S. Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 (às Galinheiras) (tel. 790969).

ARCO DO CEGO
S. Jorge, Avenida Rovisco Pais, 32-A (telef. 534027).

AREEIRO
Algarve, Avenida de Roma, 7-B (tel. 731478).

ARROIOS
Pancada, Rua Rebelo da Silva, 11 (tel. 43340).

CASTRO
Avenida Almirante Reis, 76-A (tel. 821973)

AVENIDA DA LIBERDADE
Liberal, Avenida da Liberdade, 219 (tel. 43641).

AVENIDAS NOVAS
Figueiras, Avenida Marquês de Tomar 20 (tel. 44995);; **Cruz Nunes**, Praça Duque de Saldanha, 14 (tel. 41845).

BAIRRO ALTO
Sanitas, Praça Luís de Camões, 24 (telef. 322798).

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Ascenso, Praça do Norte, 11 (telefs. 311216 e 310172).

BAIXA
Silva Carvalho, R. dos Franqueiros, 126 (tel. 326575).

BELÉM
Bom Sucesso, R. Bartolomeu Dias 63-A (tel. 611454)

BENFICA
Santa Cruz, Avenida Gomes Pereira, 34-B (telef. 704828).

CAMÕES
Sanitas, Praça Luís de Cmões, 24 (tel. 322798)

CAMPOLIDE
Oliveira, Rua de Campolide, 54-A (tel. 684424)

CAMPO DE OURIQUE
Elma, Rua D. Maria Pia, 358-A (tel. 686176); **Urbano, de Freitas**, R. Silva Carvalho, 5 (tel. 662838); **Tagus**, Praceta da Rua Possidónio da Silva, 162-A (tel. 669485); Pinheiro, Rua Campo de Ourique, 133 (tel. 686640)

CARNIDE
Ribeiro, Estrada da Luz, 199-A (tel.780969).

JANELAS VERDES
Reis Garrido, R. das Janelas Verdes, 90 (tel. 662327).

LAPA
Mota Capitão, Rua de S. Félix 45-B (tel. 660720)

LUMIAR
Central, Rua do Lumiar, 75 (tel. 790480)

feres Barrilaro Ruas, 7-C (Olivais-Norte) (tel. 315539)

PENHA DE FRANÇA
Branquinho, Rua de Sapadores, 87 (tel. 842725).

PICHELEIRA
Luzmar, R. João Nascimento Costa, 16-A (tels. 720703-728395).

RATO
Vicente de Jesus, Largo do Rato, 3-C (tel. 681947).

RESTELO
Belém, Rua Tristão Vaz, 10-A (à encosta do Restelo) (Tel. 612248).

SANTO AMARO
Gomes, Rua da Junqueira 326 (Tel. 638193); **Costa**, Rua dos Lusíadas, 30 (Tel. 636704).

S. BENTO
Fénix, R. da Cruz dos Poiais 52 (Tel. 678531).

S. MIGUEL
S. Miguel, Praça Francisco de Morais, 1 (Tel. 771469).

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Novais, Avenida Luís Bivar, 11 (Tel. 44324)

SETE RIOS
Curie, Avenida Madame Curie, 15-A (Tel. 778439); **Laranjeiras**, Rua Filipe da Mata, 160 (Tel. 761035).

SOCORRO
Silmar, Rua de S. Lázaro, 128 (Tel. 42829).

XABREGAS
Conceição, Calçada de D. Gastão, 30 (Tel. 381279).

LINHA DE SINTRA

AMADORA
CAVACA, R. Elias Garcia, 209 (Tel. 930019); **Flama**, R. Elias Garcia, 78-B (Tel. 932485); **Confiança**, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (Tel. 938149)
DAMAIA
Damaia, P. Alexandre Gusmão, 9-A (Telf. 970523)
QUELUZ
Zeller, R. da República, 83 (Tel. 950045); **Correia**, L. do Mercado, 3 (Tel. 950906)
CACÉM
Central, R. Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034)
MEM MARTINS
Química, Est. de Mem Martins, 285 (Tel. 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim, (Tel. 980456)
SINTRA
Misericórdia, L. Dr. Gregório de Almeida, 2 (Tel. 980391)
COLARES
Abreja, (Tel. 299088)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Branco, Av. Comb. G. Guerra, 29 (Tel. 212081)
CAXIAS, Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839)
PAÇO DE ARCOS
Trindade Brás, R. Costa Pinto
OEIRAS
Central, R. João Teixeira Simões, 18 (Tel. 2430058)
PAREDE
Aisir, Av. Gago Coutinho, B.º das Caixas de Previdência (Tel. 2472948)
S. JOÃO DO ESTORIL
S. João, (Tel. 261186)

MONTE ESTORIL
Suiça, Cruzeiro (Tel. 260097)
CASCAIS
Cordeiro, Av. Comb. G. Guerra, 40 (Tel. 280170); **Nova**, Est. de Alvide-Fontainhas (Tel. 281044)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234137)
ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (Tel. 224250)
ALMADA
Algarve, R. Fernão Lopes, 1 (Tel. 270271)
BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima, Est. Nacional, 221-B (Tel. 224141)
BARREIRO
Moderna, R. D. Henriqueta Gomes de Araújo, 12 (Tel. 2273443)
COVA DA PIEDADE
Cerqueira Afonso, P. 5 de Outubro, 18 (Tel. 270254)
MOITA
União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (Tel. 239025)
MONTIJO
União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (Tel. 239025)
MONTIJO
Diogo, R. Almirante Reis, 42 (Tel. 230032)
SESIMBRA
Lopes, R. Cândido dos Reis, 67 (Tel. 229028)
SETÚBAL
Bocageana, R. do Romeu (Tel. 23425); **Bairros**, B.º Santos Nicolau (Tel. 23330)
SEIXAL
Soromenho, R. Paiva Coelho, 48 (Tel. 2218560)

PORTO

6.º TURNO

SUB-TURNO A

Correia de Araújo, Rua de Santa Catarina, 259; **Nova Avenida**, Av. F. de Magalhães, 692; **Pinheiro Manso**, R. S. João de Brito, 25-29; **Santa Teresa**, P. Guilh. G. Fernandes, 100; **Silva Pereira**, R. Costa Cabral, 293

SUB-TURNO B

Alves, P. Exército Libertador, 62; **Anacleto de Barros**, R. do Loureiro, 104; **Boa Hora**, Rua da Boa Hora, 80; **Cameira**, Rua do Heroísmo, 90; **Confiança**, Rua de Santa Catarina, 960

COIMBRA

S. Sebastião, Rua António Jardim (tel. 28802); **Silcar, Rua Ferreira Borges, 88-94 (Tel. 22923); Paiva**, Pr.ª do Comércio, 57-58 (Tel. 23291).

cinemas • cinemas • cinemas

MONUMENTAL (Tel. 555131)
15.15 - 18.15 e 21.30
(Grupo D-18 anos) 2.ª Semana
A fria determinação da vingança «OS INTRUSOS» (Les intrus» com Charles Aznavour e Raymond Pellegrin

SATÉLITE (Tel. 562832)
4 sessões - 15.00-17.00-19.00 e 21.45
(Grupo D-18 anos)2.ª Semana
Um filme urgente sobre ambiguidade política «A ESTRATEGIA DA ARANHA» (La Strategia del ragno) A obra prima de Bernardo Bertolucc

TIVOLI (Tel. 50595)
15.15 - 21.45
As 21.45
(Grupo B - 10 anos)
Colorido, um filme de Pierre Jourdan. NUREYEV, com Rudolf Nureyev e Margot Fonteyn

APOLO 70 (tel. 763319)
15.00-18.15 e 21.45
(Grupo D (18 anos)
A obra prima de Claud Chabrol UM VINHO DIFÍCIL, com Jean Claude Brialy e Bernardette Lafont.

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)
15.30, 18.30 e 21.45
(Grupo D - 18 anos) 7.ª semana. Um filme realista «VERÃO 42» com Jennifer O'Neill e Gary Grimes Techicolor

IMPÉRIO (Tel. 555134/5)
15.15 - 18.30 e 21.45
(Grupo D - 18 anos)
Color
3.ª Semana
Lee Marvin e Gene Hackman em CARNE DE PRIMEIRA

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)
15.30 - 18.30 e 21.45
2.ª Semana
Color (Grupo D 18 anos)
ANTONIO DAS MORTES de Glauber Rocha.
Emcomplemento «ASHURDES» de Luis Buñuel

ALVALADE (Tel. 717480)
15.15 - 18.15 e 21.45
(Grupo D - 18 anos)
Vanessa Redgrave, James Mason e Simone Signoret em «A GAIVOTA»
(Metro - Alvalade)

LYS (Tel. 48560)
14.45 e 21.15
(Grupo C - 14 anos)
«OS INDOMÁVEIS» e «UM «TIRO PELA CULATRA»
18.30 «OS INDOMÁVEIS»

CASINO ESTORIL
15.30 - 18.30 e 21.30
(Grupo C - 14 anos)
«MELODY»

BERNA (Tel. 731313)
15.15 - 18.30 - 21.45
Technicolor 2.ª Semana
(Grupo D - 18 anos)
Um espectacular filme de suspense! «A CONSPIRAÇÃO» com George Peppard e Michael Sarrazin

POLITEAMA (Tel. 326305)
15.15 - 18.15 - 21.45
(Grupo D - 18 anos)
Brigitte Bardot e Claudia Cardinale em «AS RAINHAS DO PETRÓLEO» uma «paródia» ao Far West

ROMA (Tel. 727778)
15.30 - 18.30 e 21.45
(Grupo D - 18 anos)
Um duelo alegremente infernal!
AS RAINHAS DO PETRÓLEO com Brigitte Bardot e Claudia Cardinale
(Technicolor-Techniscope)

MUNDIAL (Tel. 538743)
18.30 - 21.30 e 24.30
(Grupo D - 18 anos)
2.ª Semana
Lino Ventura, Jacques Brel, Charles Denner no inesperado filme em Eastmancolor «AVENTURA E AVENTURA» o último e mais discutido êxito de Claude Lelouche
(Metro: Estação Picoas)

AVIZ (Tel. 47163)
15.30 - 18.30 e 21.45
Grupo B (10 anos)
Colorscope - 39.ª Semana
Há mais de meio ano em exibição
«TRINITÁ» (COW BOY INSOLENTE) com Bud Spencer e Terence Hill

CONDES (Telef. 322523/ 326710)
14.15-16.30-18.45 e 21.45
(Grupo C-14 anos) 2.ª Semana
«OS PIRATAS DO AR» com Charlton Heston e Yvette Mimieux

ODEON (Tel. 326253)
15,15 18.15 e 21.30
(Grupo C - 14 anos)
36.ª Semana
«NÃO DESEJAHÁS O DELICADINHO DO 5.º» com Alfred Landa, Jean Sorel, Ira de Furtemberg e Isabel Garces.

VOX (Tel. 720808)
Às 15.15-18.30 e 21.45
(Grupo D - 18 anos)
5.ª Semana
Technicolor
O desejo de calor humano ENCONTRO COM UMA MULHER SO, com Candice Bergen e James Caan

IMPERIAL (Tel. 821933)
15.00 - 21.00
(Grupo D - 18 anos)
FOGO CRUZADO e OS HOMENS DE LAS VEGAS

EDEN (Tel. 302768)
Às 15.30 - 18.30 e 21.45
(Grupo D - 18 anos) 5.ª semana
Eastmancolor Núria Espert e Américo Coimbra em «CRIME DE AMOR»

S. JORGE (Tel. 54154/54159z0
15.15 - 18.15 - 21.30
(Grupo D - 18 anos)
George C. Scott em «HOSPITAL». Oscar para o melhor argumento

LONDRES (Tel. 731313)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
(Grupo B - 10 anos) 3.ª Semana
Panavision Metrocolor
Um fenómeno chamado Twiggi no jobulogo, music Hall de 1972 «BOY FRIEND» com Twiggi e Christopher Gable.
Snack-Bar - «PUB» the Fl o melhor encontro gastronómico.

EUROPA (Tel. 661016)
15.15 e 21.30
(Grupo D - 18 anos)
Em continuação de estreia Natalie Wood e Tony Curtis em «A SOLTEIRA E O ATREVIDO»

ROYAL (Tel. 865037)
15.00 e 21.00
(Grupo B - 10 anos)
OS REVOLTADOS DO CAIM e O MEDICO E O MONSTRO

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

COLISEU
21.30 (6 anos)
Grande Companhia Internacional de circo

VILLARET
20.45 e 23.00 (18 anos)
Sua Excelência o Pindura

MONUMENTAL
20.45 e 23.00 (18 anos)
P'ra Frente Lisboa

MARIA VITÓRIA
20.45 e 23.00 (18 anos)
Cá vamos pagando e rindo

VARIEDADES
20.45 e 23.00 (14 anos)
«A cama dos comuns»

VASCO SANTANA
21.45 (18 anos)
«Testemunho Inadmissível»

LISBOA/Cinemas

OLIMPIA
19.00 (14 anos)
«O Regresso do Pirata Negro»

MOSCAVIDE
21.00 (18 anos)
«CASANOVA 70»

CINEARTE
21.00 (10 anos)
«O Pirata Vermelho»

PARIS
21.00 (18 anos)
«Amarga experiência»

JARDIM CINEMA
21.00 (18 anos)
«TOM JONES»

MAYER
21.00 (10 anos)
«A Vingança de Spartacus»

ARCO IRIS
21.00 (10 anos)
«O Homem que matou Libesty Valance»

ARCO IRIS
21.00 (10 anos)
«O Vingador»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
21.30 (10 anos)
«O Facho e a flecha»

OEIRAS
Oeiras-cine
21.00 (18 anos)
«Jogo na escuridão»

ESTORIL
Casino
15.30 - 18.30 e 21.30 (14 anos)
«Melody»

ESTORIL
Palácio
21.30 (18 anos)
«Klute»

CASCAIS
S. José
21.30 (18 anos)
«O Pequeno grande homem»

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D. João V
21.30 (18 anos)
«A Década prodigiosa»

VENDA NOVA
Cine Portugal
21.15 (10 anos)
«O Perseguido»

AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (10 anos)
«Nem sempre se pode ganhar»

SINTRA
Carlos Manuel
21.30 (18 anos)
«Crime de amor»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«Os Incorruptíveis contra a droga»

TRAFARIA
Pavilhão Jardim
21.15 (10 anos)
«A canção da Noruega»

BARREIRO
Cine-Barreirense
21.00 (18 anos)
«Dois irmãos Sicilianos»

PORTO/Teatros

SA DA BANDEIRA
21.45 (18 anos)
Empresta-me o teu apartamento

CIRCO MEXICANO
22.00 (6 anos)
Av. Fernão de Magalhães

PORTO/Cinemas

BATALHA
21.30 (18 anos)
«O Assalto»

CARLOS ALBERTO
21.30 (10 anos)
«SHERIF PRECISA-SE» e «PORTO MASSACRE»

VALE FORMOSO
21.00 (18 anos)
«O Final do Julgamento»

S. João
21.30 (21 anos)
«Helga - o segredo da maternidade»

AGUIA D'OURO
21.30 (18 anos)
As Cicatrizes de Drácula

TRINDADE
21.30 (18 anos)
O jardim onde vivemos

OLYMPIA
21.30 (18 anos)
«O Regresso de Casta Susana»

HIVOLI
21.30 (18 anos)
«Crime de amor»

NUNO ÁLVARES
21.30 (10 anos)
«TEMPOS MODERNOS»

COLISEU
21.30 (18 anos)
Os Incorruptíveis contra a droga»

ESTÚDIO
21.30 (18 anos)
«Os Amores de uma adolescente»

JÚLIO DINIZ
21.30 (10 anos)
«Trinitá cow-boy insolente»

COIMBRA

SOUSA BASTOS
21.00 (10 anos)
«O Misterioso dr. Fu Manchu

TIVOLI
21.30 (18 anos)
«Dívida de ódio»

GIL VICENTE
21.30 (18 anos)
«E tudo o vento levou»

AVENIDA
21.30 (14 anos)
«Direito por linhas tortas»

LEIRIA/Cinemas

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA
21.15 (18 anos)
«GET CASTER»

BARS BOITES — restaurantes típicos — DANCINGS

PRINCIPE NEGRO — Dancing com variedades **Calçada da Glória, 2 Telef. 368987**

EL CID — Dancing com o conjunto «X 4» **Rua Bernardo Lima, 18-A** (Ao Conde Redondo). **Tel. 560538**

FANTASMA — Dancing-Caveau com variedades — Ballet Leny Dancer's Show todas as noites uma atracção surpresa. **Rua Gomes Freire, 145-B.** Aberto todos os dias até às 05.00

TOSCO — Dancing com Variedades. **Rua do Conde Redondo 53-A Tel. 531562).**

TAMILA — Marão e s/conjunto «Matinées» todos os dias. Encerra aos domingos. **Avenida Duque de Loulé, 69. Telef. 534117.**

D. QUIXOTE — Com Carlos Villaret, Virgílio Neves. Aberto até às 5 h. da madrugada. **Rua da Trindade, 9 Telef. 327109.** Encerra aos domingos.

HIPOPÓTAMO — Com Helder Reis. Encerra aos domingos. **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. Telef. 48384.**

SANZALA — Dancing. C/M Tho Bandeira. Jantares e ceias até às 5 da manhã. Av. Marechal Carmona, 2 (C. Grande) Telef. 790177.

NINA — Dancing com atracções **Rua Paiva de Andrade, 7-13 Tel. 34859/368197**

ADEGA MACHADO — Cantam Ivete Pessoa. Esmeralda Amoedo. Tina Ferreira. Fernando Maurício Fados de Coimbra por Loubet Bravo. Armando Hilário. Tocam Liberto Conde. Rafael Marques e José Vitela Fandangos pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira.

LUSO — Grande elenco de folclore, fado de Lisboa por Augusta Erminda e José Luís Tomar; **fado de Coimbra por Américo Silva. Os ARAUTOS em canções portuguesas e internacionais. Travessa da Queimada, 10 Tel. 362889.** Aberto todos os dias.

CASEBRE — Cantam Carlos Barra, Deolinda Rodrigues, Nazaré Maria e Susana. Tocam: Carvalhinho e Júlio Gomes. Os Arautos. Folclore pelos Cinco. Típicos de Vila Franca de Xira. **Encerra às 2.ªs feiras. Rua da Barroca, 133 Tel. 369760**

FRAGATA REAL — Elenco: Beatriz da Conceição e Maria Jô, Joaquim Campos em fado Lisboa, João Queirós em Fado Coimbra, o acompanhamento de António Parreira e Francisco Gonçalves. Folclore os 5 de Vila Franca. Artistas convidados Ana Rosmaninho e Natália dos Anios. **Travessa de S. Miguel, 22, — Alfama, Tel. 868552.**

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR) — Conjunto Oliver) **Av. Duque de Loulé, 73. Telef. 530171.**

CACO — Dancing c/música ambiente com singular quarteto. **Rua Camilo Castelo Branco, 23-A.**

FORCADO — Elenco: Mariana Silva, Isabel de Oliveira Francisco Martinho, Maria de Portugal, João Alberto, Manuel Martins. Folclore pelos 5 Típicos de Vila Franca de Xira. **Ar condicionado. Rua da Rosa, 221- Telefone 368579.**

BICO DOURADO — Boite de nuit, atrações internacionais, das 01 H. e 30 às 03 H. e 30. **R. da Misericórdia, 12 Tel. 368649.**

SOLAR DA HERMÍNIA — Herminia Silva, hoje e sempre **Largo Trindade Coelho n.º 10 e 11** Encerra aos domingos **Tel. 320164**

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado Variedades internacionais **Telefones 26451, 264526, 264596, 264621 e 264946.**

CLUB 107 (Boite) — Rua da Madalena 107, Lisboa-Tel. 860078.

FONTORIA Dancing. Música constante. Variedades internacionais. **Praça da Alegria, 66 Telef. 35431**

SAN-PAYO Bar-boite c/ música constante. Aberto até às 5 h. da madrugada. **Rua Rodrigues Sampaio, 34 Tel. 561422.** (Ar condicionado).

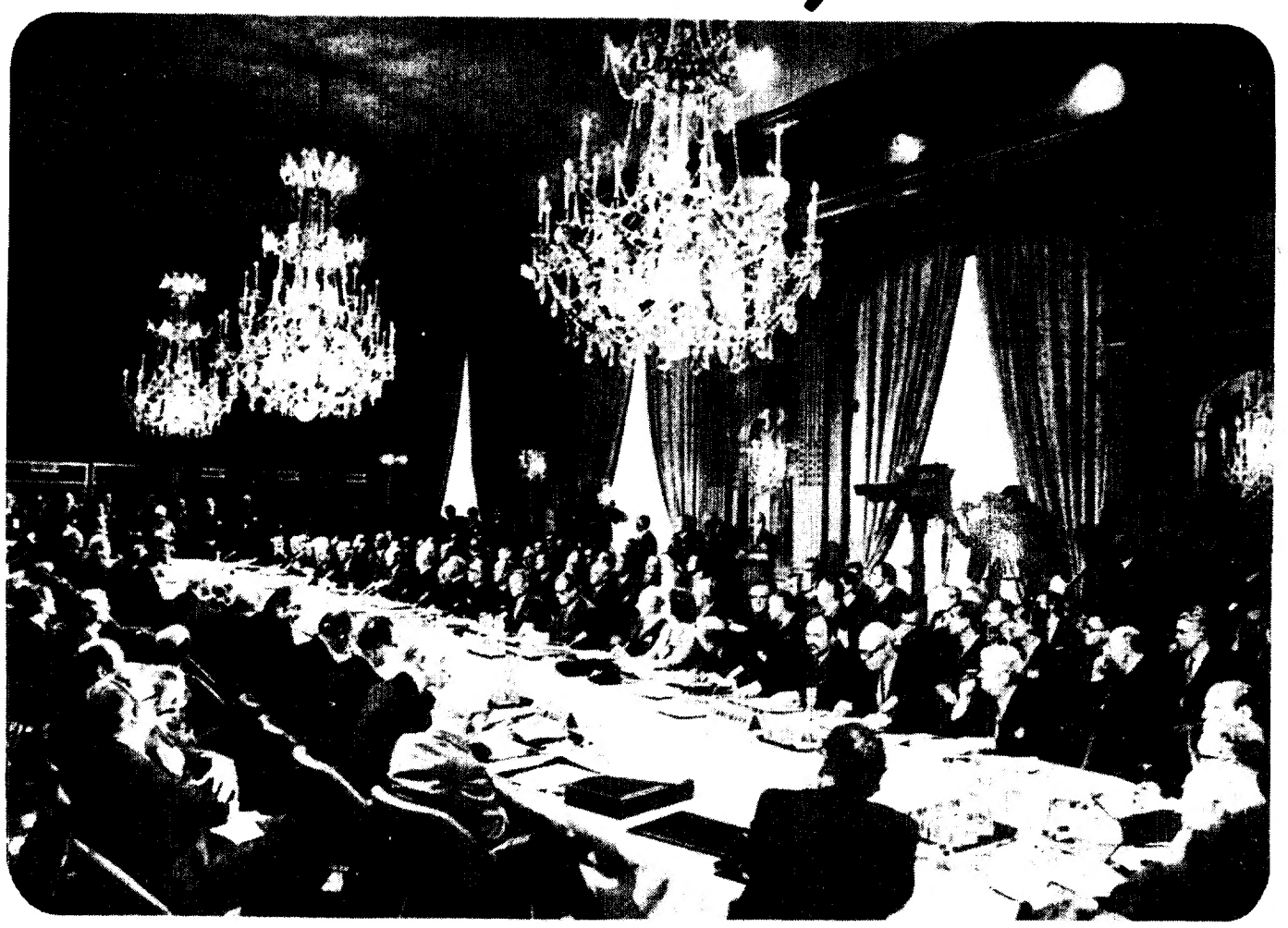
DL

RENASCENÇA GRÁFICA S. A. R. L.
PROPRIETÁRIA DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1.º-2.º-E-4.º
TELEF. 654531/2/3/4
SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA TELEX 1363
LISBOA-PORTUGAL

DL/DOMINICAL — SETE DIAS NO MUNDO

Democracia, mas...

As nove primeiras figuras do Mercado Comum, tal como ele se apresentará no dia 1 de Janeiro, reuniram-se em Paris para uma cimeira sem surpresas, mas de grandes palavras. As importantes decisões políticas foram todas adiadas, embora sobre elas se fizessem muitas promessas. Três dos Governos que se reuniram durante dois dias no hotel Majestic estão a braços com graves problemas eleitorais. Foi essa a circunstância que obrigou a uma certa encenação para que a cimeira não se revelasse um total aborrecimento. Alguma coisa, contudo, se fez. A promessa de uma união europeia para 1980 não deixa de ter muita importância. Resta porém saber em que termos se virá a verificar essa união, quais os princípios fundamentais que a informarão. Alguns factos parecem certos, no entanto: «Os estados membros (da comunidade) reafirmam a sua vontade de fundar o desenvolvimento da sua comunidade na democracia, na liberdade das opiniões, na livre circulação de pessoas e ideias, na participação dos povos por intermédio dos seus representantes eleitos» — lê-se no comunicado final da cimeira. Embora não se trate de nada substancialmente novo em relação ao tratado de Roma, esta declaração de princípio contradiz as recentes afirmações do presidente francês sobre a inclusão de novos países no euromercado. A união europeia a fazer será, pois, construída dentro do quadro anteriormente descrito, deixando de fora quem nele não se possa incluir por particularismos próprios. A união, agora com todos os grandes países industrializados do ocidente europeu, tanto quanto se pode prever hoje, virá a desempenhar um papel decisivo na vida desta parte do continente, mesmo que alguns dos países que nela se incluem não sejam ouvidos nem achados.



Cimeira de Paris: as grandes decisões políticas foram adiadas...

A. VILLAVERDE CABRAL

COMENTÁRIO INTERNACIONAL

É certo que muito mais gente, mesmo dentro dos países membros, formalmente democráticos, será deixada de fora. Ou não será essa a intenção que preside ao adiamento, sabe-se lá para quando, da aprovação do sufrágio directo para o Parlamento Europeu, que só assim poderia deixar de ser meramente consultivo para poder deliberar? Essa decisão — a de adiar — surge contudo cheia de lógica. É mesmo sintomático que seja a Holanda, país onde as forças que se opõem áquilo a que chamam a «Europa dos patrões» têm reduzida expressão parlamentar, a propor o sufrágio directo. É também com naturalidade que se vê a França, onde Pompidou governa a Marchais espreita a oportunidade, opôr-se francamente à reforma das instituições políticas. Não se pode deixar de reconhecer que a razão pertence a Pompidou e não a Biesheuvel, pois é o primeiro quem se encontra dentro do espírito e das intenções profundas da Comunidade Económica Europeia. Alguns idealistas comunitários (de comunidade) dirão que não, que a CEE deve caminhar para uma integração política cada vez maior, garantindo ao Parlamento cada vez mais poderes. Eles, porém, não descortinam os perigos em que cairia se se abrissem as portas do Mercado Comum àqueles que não têm por ele uma consideração por aí além, para não dizer pior. Até agora, o Mercado Comum tem sido governado por aqueles que se encontram no poder em países onde existe uma oposição. Assim convém que continue a ser. E pois necessário que as oposições sejam apenas nacionais e, de preferência, sempre bem controladas. Esse, sim, é o verdadeiro espírito do Mercado Comum. Tudo o mais são idealismos.

SEGUNDA-FEIRA

A Espanha, segundo notícias das agências, vê a sua presença em África. Como se sabe, o país vizinho administra ainda três territórios africanos, todos na zona árabe daquele continente: o Saará Espanhol, e as cidades de Ceuta e Melilla. A situação é contraditória, pois a Espanha que não mantém relações de especial amizade com os países negros do continente, libertou os territórios que detinha a sul do Saará, ao passo que, estando excelentemente relacionada com algumas capitais árabes, continua a mostrar relutância em abandonar as regiões acima referidas. Essa circunstância traz grandes dificuldades na melhoria das relações, sobretudo económicas, com as capitais árabes, apesar de Madrid sempre se ter recusado a mostrar compreensão quanto à posição israelita. Impedida, pelos tempos mais chegados de entrar no Mercado Comum Europeu, a Espanha procura nos países árabes, não exactamente um substituto, mas um paleativo que lhe permita embaratecer as suas importações, sobretudo no campo da energia (ler petróleo). É um impasse que Madrid terá de resolver a breve prazo, fazendo com o Saará Espanhol, Ceuta e Melilla o mesmo que fez com o Rio Muni e Fernando Pó.

TERÇA-FEIRA

Luis Corvalan, o secretário geral do Partido Comunista Chileno, acusou a oposição de tentar derrubar o Governo popular de Salvador Allende, através de um golpe de Estado «em novo estilo». A declaração foi proferida a propósito da actual crise provocada pelo «lock out» dos proprietários dos camiões, mais tarde seguido pelo «lock out» dos proprietários dos transportes públicos e pela greve dos pilotos da aviação comercial, bem como o dos comerciantes. Trata-se, na verdade, da mais grave crise por que tem passado o Governo marxista de Salvador Allende, eleito há dois anos. A violância fez a sua aparição como uma realidade sistemática, quando o Governo requisitou os camiões imobilizados e os colocou a andar com motoristas voluntários. O proprietários naturalmente tentam opor-se por todos os meios ao seu dispor a que a vida do país possa prosseguir normalmente, pois isso invalidaria todos os seus esforços. Allende falou já no perigo de guerra civil. E não estava apenas a levantar um espectro para, como outros estadistas têm feito, fazer as pessoas recolher a suas casas com medo do que possa acontecer. No Chile, a guerra civil é, de facto, uma eventualidade não só possível, mas até provável. Para o Governo, trata-se de aguentar a legalidade até que o inimigo a quebre a um ponto que se torne perfeitamente claro não ser possível resolver as questões apenas com os tribunais. Uma das razões fundamentais para esta atitude deve ser a necessidade de garantir que uma parte pelo menos das forças armadas se coloque do lado governamental quando o conflito aberto não puder mais ser evitado.

QUARTA-FEIRA

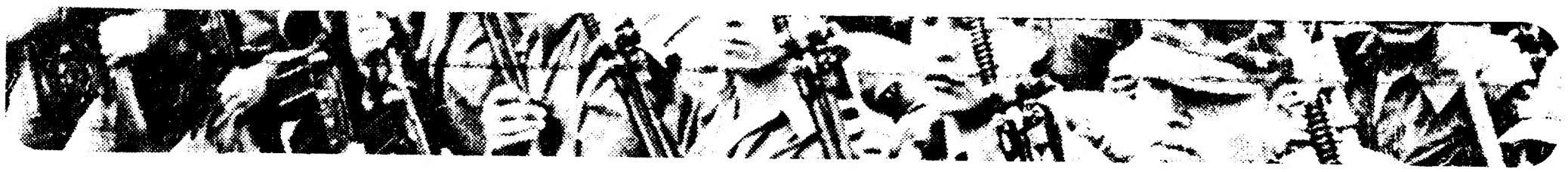
Depois de passar um dia em Paris para mais uma sessão de conversações secretas com os delegados de Hanói, o conselheiro Henry Kissinger voltou a Saigão para, mais uma vez, se encontrar com o presidente Thieu. Novamente surgem os rumores de paz para muito em breve. No entanto, oficialmente, continuam sem surgir novidades que mereçam as esperanças. Ao que parece, Kissinger e Thieu estariam a discutir primordialmente um cessar-fogo, o qual, segundo o «France Soir», se verificaria no próximo dia um de Novembro. A ser assim, pode honestamente suspeitar-se de que se trata ainda e mais uma vez de uma manobra eleitoral de Nixon.

QUINTA-FEIRA

Segundo os serviços de informação da marinha americana, a União Soviética lançará ao mar no próximo ano, um porta-aviões, o primeiro navio dessa classe a ser posto à disposição das forças armadas soviéticas. A mesma informação dizia que, nos próximos dez anos, a URSS poderia lançar ao mar mais uns quatro ou cinco desses navios. Se, de facto, os serviços americanos não estão equivocados, trata-se de uma viragem na estratégia militar soviética que, evidentemente, só pode ter sido ditada por razões políticas. Até agora, os exércitos soviéticos têm mantido o tradicional aspecto continental. Tudo era feito como se a URSS não contasse envolver-se em conflitos localizados muito longe das suas fronteiras. Mesmo que o quisessem, isso ser-lhes-ia muito difícil devido à ausência exactamente da cobertura aérea que os porta-aviões facultam. Para longe das fronteiras só havia os mortíferos veículos da destruição total.

SEXTA-FEIRA

Pierre Susini, o delegado-geral da França em Hanói, morreu num hospital de Paris em consequência dos ferimentos que lhe foram causados durante a destruição da delegação francesa na capital norte-vietnamita. Ao mesmo tempo, em Washington, o Pentágono reconhecia finalmente ter sido uma bomba lançada por um avião americano a causadora da destruição. Anteriormente, os EUA tinham tentado fazer crer que se tratara de um míssil antiaéreo norte-vietnamita.

SÁBADO

Sadat, depois de enviar Aziz Sidky, o seu primeiro-ministro, a Moscovo, onde convidou a «tryka» a revisitar o Cairo, apelou para a Europa Ocidental para que mostrasse compreensão em relação à sua política. O que se passa é que o presidente egípcio se encontra metido num impasse militar devido à expulsão dos conselheiros e técnicos soviéticos. Se, por um lado, Sadat gostaria de dispensar o auxílio moscovita, a verdade é que o não pode fazer sem que alguém substitua os comunistas. Porém, para mal dos pecados do sucessor de Nasser, as potências ocidentais estão amarradas às suas excelentes relações com os Rostchild, perdão, com Israel.